

Amanhã vai melhorar

A história do imigrante armênio

*Ara
Agopyan*

Amanhã vai melhorar

A história do imigrante armênio

Ara Agopyan

Apresentação

Quantas páginas são necessárias para abrigar nove décadas? Quantas linhas serão suficientes para abraçar memórias que percorrem uma dezena de países, cidades as mais diversas, ruas, restaurantes, praças, lojas e fábricas? Quantos caracteres seriam usados para descrever a emoção de abandonar a terra natal, se despedir do pai e da mãe, ver nascer três filhos, crescerem os netos, prosperar e empreender? Quantas horas são necessárias para narrar uma vida?

A vida em questão, de algum modo aqui impressa, é um conjunto de recordações e emoções do armênio Ara Agopyan, com a contribuição dos seus familiares e amigos. Um acervo de afetos e lições que poucos conseguiriam reunir, como fez o nosso personagem. Os 55 dólares que representam o investimento inicial dessa saga – dinheiro que restava no bolso do seu protagonista quando deixou a velha Constantinopla - talvez tenha sido a quantia mais bem investida que se tem notícia, nos caminhos que separam Istambul, Paris, Uberlândia, os sertões brasileiros e São Paulo.

Foram 47.493 palavras, escritas em 4081 linhas, divididas em 1539 parágrafos, digitados com 279.785 caracteres.

Para que fosse possível registrar a vida de Ara Agopyan, gravamos mais de 46 horas de conversas, em 41 encontros – em sua maioria, virtuais - e consultamos centenas de fontes documentais. Entre gravações de áudio, vídeo, textos, imagens e registros, essa obra já consumiu 37.886.887.988 bytes de armazenagem.

Para quem registra aquilo que a memória do outro foi capaz de guardar, é necessário um mergulho digno dos escafandristas que preparam o próprio corpo para a pressão que encontrarão no fundo do oceano, em um traje especial que lhes garante oxigênio para poder desbravar as profundezas. Biógrafos, por sua vez, vestem-se com emoções e respiram cada detalhe como se a vida descrita fosse a própria vida vivida.

Como autor dessa obra, vivi intensamente a vida de Ara. Fui seu colega nos bancos escolares; joguei basquete nas quadras de Istambul; prestei continência para os oficiais do exército turco; vendi e consertei relógios em Uberlândia; viajei o Brasil como representante de produtos de papelaria e, por fim, fiz do Brás a minha vida, a minha casa, a minha empresa.

Sinto-me um pouco filho de Ara. Já provei, na minha imaginação gastronômica, as delícias da cozinha de Dona Rosa, sua eterna companheira. Ouvi as lições Hoppa, o

patriarca. Testemunhei a fibra de Takuhi, mãe e signo de sabedoria. Pedalei e brinquei com seus filhos, Ani, Ara e Marcelo. E, hoje faço apostas sobre o futuro dos meninos e meninas da terceira geração da família.

Me orgulho por contar a todos o que talvez ficasse restrito às memórias de cada um deles, se não fosse esse trabalho. Por tudo isso, é impossível não fazer parte da história que me coube narrar. Terminei essa obra um pouco armênio, um pouco oriental, um pouco Agopyan.

A palavra que resume a saga de Ara é legado. Sim, esse armênio fez dos 13 Agopyan de São Paulo um clã cheio de amor, esperança e fé no trabalho e na honestidade. Aqueles que seguem escrevendo essa história com as tintas de cada dia têm nas raízes desse armênio, aqui definitivamente plantadas, uma fonte inesgotável de inspiração.

E, quando tudo parecer difícil, faça como ele. Respire fundo, coloque Deus no coração, e repita com fé:

Amanhã vai melhorar!

O autor

Capítulos

1- A infância e juventude

I. O Pai

- i. O Contexto histórico – genocídio e minorias
- ii. A formação, as lições

II. Istambul e os turcos

- i. A vida de um Armênio no coração da Turquia
- ii. Agopyan e Ibranyan
- iii. O Varlık Vergisi e o exílio de Hopar

III. O basquete na vida de Ara Agopyan

- i. Federação Sindical
- ii. Praia Clube

IV. O Serviço Militar

- i. Um banho inesquecível
- ii. Gyavur Tegmen 771
- iii. Entre perus e carneiros
- iv. 771 formado

V. Pogron e a decisão de partir

2- Paris

I. Os primeiros momentos

- i. O trabalho e o aprendizado
- ii. A Paris de Ara Agopyan – o metrô, os lugares que marcaram a história

- iii. Os amigos em Paris
 - iv. O acidente
 - II. A decisão pelo Brasil
 - i. As correspondências
 - ii. A viagem de navio
- 3- Uberlândia
 - I. A chegada e os contrastes
 - II. A verdade sobre o tio
 - i. Privacidade invadida
 - III. A gota d'água
 - i. São Paulo à vista
 - ii. A herança de Garabed
- 4- Ara trabalhador
 - I. As viagens pelo interior do País
 - i. Belo Horizonte: o primeiro destino
 - ii. A poupança para o casamento
 - II. Tubos não ferrosos
 - III. O Brás entra na vida de Ara Agopyan
 - i. O primeiro dia de trabalho no Brás
 - ii. O padrinho e a madrinha
 - iii. O Brás dos anos 60
 - iv. Karibe
 - IV. De empregado à empresário
 - i. Azar no jogo
 - V. Histórias do Brás
 - i. O ambulante português
 - ii. Chuvas e trovoadas

- iii. Um certo cobrador
- iv. As primeiras aquisições
- v. Capital de relações

5- O casamento e a família

I. Conhecendo Dona Rosa

- i. Duas línguas em uma
- ii. O Casamento
- iii. Chega de estrada
- iv. Transmissão encerrada
- v. As travessuras de Ara
- vi. Marcelo e o quarto da bagunça

II. Sustos e Acidentes

- i. O segundo susto
- ii. Deus gosta de mim

III. Os filhos e suas conquistas

- i. Ani
- ii. Ara
- iii. Marcelo

6- Um acidente que muda a história da família

I. Como tudo aconteceu

II. Takuhi e sua vinda para o Brasil

- i. Os últimos momentos

7- O futuro dos Agopyan

I. A terceira geração – obra aberta

Capítulo 1

Infância e Juventude

I – O Pai

Há várias formas para começar uma história. O protagonista dessa saga, aliás, é conhecido por aqueles que o cercam como um grande contador de histórias. É bem humorado, atento aos detalhes, dotado de uma memória incrível e com uma atenção especial para a natureza humana e o comportamento das pessoas.

Sua vida trafega por cinco países, quatro idiomas, centenas de cidades e centenas de milhares de quilômetros percorridos por terra, mar e ar. Uma história que venceu o sofrimento, o preconceito e encontrou a prosperidade. Uma vida erguida sobre as colunas do trabalho e da família.

O nome é Ara Agopyan. Sua vida começa em 15 de março 1932, em Istambul. Mas, sua história tem início muito antes do seu nascimento. E não há outro modo de começar a contá-la, senão viajar no tempo até 1896, na longínqua Yozgat¹, uma cidade montanhosa no coração da Turquia, na região de Anatólia.

¹ Se usa também Yuzgat ou Yuzgad

O território de 12 mil km², reúne uma população de pouco mais de 103 mil habitantes². Naquele final de século XIX, Yozgat tinha menos de 30 mil moradores, entre os quais muitos Armênios. Nascia ali, um menino que iria se destacar pela erudição, grande conhecimento linguístico e um charme contagioso.

Himayak Agopyan, ou simplesmente Hopar, como era conhecido, é o Pai de Ara e também sua principal referência - um personagem presente em cada dia dessa história, em vida ou em memória, pelo que ensinou, pelo que viveu e pelo seu grande legado. Sua história, fala sobre um homem reservado para com sua intimidade, porém, dos mais influentes, nacionalistas e atuantes no seu tempo.

“Hopar³ era um personagem. Original em tudo, desde a gravata até os sapatos, o corte de cabelo e o bigode. Uma pessoa muito educada e um grande especialista nas línguas armênia e turca. Ele colaborou com filólogos renomados na preparação do primeiro dicionário turco moderno quando o novo governo organizou um grupo de estudiosos para limpar o otomano falado, uma mistura muito rara de palavras árabes e persas”, lembra o amigo

² Dados de 2017

³ Significa tio. É um diminutivo da palavra hor yehpair que significa irmão do pai.

Vahak Ibranyan, um quase irmão de Ara que essa história apresentará em breve.

O apelido Hopar, mais do que a designação de parentesco carregava também uma boa dose de carinho. Para além das relações sanguíneas, havia nessa palavra o reconhecimento da sabedoria e a reverência diante do que Himayak representava para os seus pares.

Ainda segundo Vahak, Hopar “falava um armênio impecável, no dialeto armênio ocidental⁴. Me lembro de ir a sua casa quase todas as tardes para ouvir como falava com vários amigos sobre assuntos de nossa comunidade. Em turco não era menos fluente. Duvido que em sua época houvesse outro armênio com tanto conhecimento linguístico quanto ele.” Para entender alguém como Hopar, é preciso entender também o caldo histórico e cultural daqueles anos e a própria história do seu povo.

Os otomanos conquistaram Yozgat em 1398. Desde então, essa monarquia experimentou momentos de forte expansão territorial. O império se desdobrou no Sudeste da Europa, Europa Central, Ásia Ocidental, Cáucaso e norte da África – um gigantesco conglomerado de culturas, idiomas e crenças em constante tensão.

Uma série de derrotas em meados do século XVIII fez voltar o olhar dos monarcas para a gestão dos seus

⁴ Dialeto também falado na Armênia oriental e na Pérsia

súditos. Movimentos supostamente modernizadores e reformas administrativas tentavam impor o Islã como grande condutor de um processo de organização com um discurso agregador, muito europeu, porém, com uma prática cruel e discriminatória, com as minorias não muçulmanas: os armênios, gregos e judeus.

O sultão Mahmud II nessa declaração de 1830 procurava mostrar para o mundo um império tolerante: “Eu distingo entre meus súditos, muçulmanos na mesquita, cristãos na igreja e judeus na sinagoga, mas não há não há diferença entre eles em alguma outra extensão. Meu afeto e meu senso de justiça por todos é forte e eles são na verdade todos meus filhos.”⁵ Entretanto, comunidades não muçulmanas, como aquelas de Yozgat, jamais gozaram os mesmos direitos políticos, tampouco a prometida liberdade religiosa.

Verdadeiras pedras nos sapatos dos turcos essas comunidades, mesmo enfrentando discriminação e preconceito, se destacavam pela sofisticação intelectual e o domínio linguístico. Até o final do século XIX, os não muçulmanos representaram metade dos diplomatas otomanos no exterior. Gregos e armênios foram nomeados embaixadores em Londres, Paris, Bruxelas, Berlim, Viena e São Petersburgo.

⁵ Reşat Kaynar, *Mustafa Paşa ve Tanzimat*, Ankara, 1954.

Pedro Bogossian, um dos maiores pesquisadores da migração armênia para o Brasil, explica a dinâmica das relações entre islâmicos e as minorias, no território que hoje chamamos de Turquia:

As unidades administrativas eram formadas em função do pertencimento religioso, cabendo ao líder espiritual também a tarefa de coordenar politicamente a sua comunidade, uma organização conhecida como sistema de *millet* (ou nações). O *millet* armênio era controlado, portanto, pelo chefe máximo da Igreja Armênia, o Catholicós, que, sediado em Constantinopla (denominada a partir de 1453 “Istambul”), era encarregado de mediar as relações entre a comunidade e o governo imperial.

As relações entre, de um lado, as comunidades étnicas e religiosas e, de outro, a Sublime Porta, pautadas até então por certa cordialidade, sofreram, contudo, uma guinada significativa a partir do século XIX. Ao longo desses cem anos, transformou-se a condição dos *millet* e, em relação ao *millet* armênio, foi iniciado o processo que

culminou com as perseguições e a grande emigração entre os anos 1890 e 1920.⁶

Bogossian contesta inclusive a ideia de minoria:

As minorias étnicas possuíam, portanto, inegável importância financeira, uma vez que em termos numéricos superavam largamente a comunidade turca, de modo que o Império não poderia subsistir apenas com base no rendimento das atividades da etnia politicamente dominante no seu território central.⁷

Naquele final de século XIX, quando Hopar nasceu, cresciam as pressões políticas europeias em favor das minorias e os muçulmanos se viam sob um governo desorganizado e ineficiente, incapaz de promover o bem comum. Bogossian acrescenta:

Não deve surpreender, pois, que as comunidades formadas por minorias étnicas e religiosas, por desfrutarem de relativo conforto e segurança, fossem responsabilizadas pelas crises que de tempos em tempos abalavam o Império (...). Acrescente-se a isso o enriquecimento desses

⁶ Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011. P 17.

⁷ Idem. P 21.

grupos, beneficiados pela ampliação do comércio com a Europa, em um período de acentuado declínio econômico do Império Otomano. A animosidade entre as etnias, portanto, crescia intensamente no final do século XIX e não tardaria a se manifestar em atos de violência explícita⁸.

Hopar, nasce juntamente com um grande movimento nacionalista que pleiteava a independência de regiões armênias, com caráter separatista:

Começaram a se organizar, então, grupos que, em resistência ao governo otomano, defendiam a separação dos territórios armênios em relação ao corpo político do Império, tais como: a União para a Salvação da Pátria, fundado em 1872; a Sociedade da Cruz Negra, de 1878; e o Protetores da Pátria, de 1881. Os primeiros partidos políticos armênios seriam fundados logo em seguida: o liberal Armenagan, criado em 1885; o social-democrata Hentchaguián, de 1887; e a Federação Revolucionária Armênia (FRA) Taschnagtsutiun, de 1890⁹.

⁸ Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. P 24.

⁹ Idem

Ara Agopyan recorda que os partidos armênios viviam disputas constantes, apesar de defenderem as bandeiras de uma mesma minoria. “Mas, diante das ameaças turcas, deixavam as diferenças de lado e lutavam juntos”, observa.

O nacionalismo do pai de Hopar foi uma consequência do caldo político daqueles anos. Paralelamente, nessa mesma época, surgiam também várias sociedades secretas muçulmanas inspiradas nos grupos revolucionários europeus. Um dos grupos de oposição fundados nessa época foi o Comitê para a União e o Progresso (CUP), que ficou conhecido como Partido dos Jovens Turcos.

Boa parte dos militantes fazia parte do exército, controlado por eles a partir de 1908. O próximo passo foi a suspensão da Constituição e a redução da figura do Sultão a um papel decorativo. O poder passava para três personagens que marcaria com sangue armênio a história da humanidade: Talaat Pacha¹⁰ (ministro do interior), Enver Pacha (ministro da Guerra) e Djemal Pacha (ministro de obras públicas).

Contando em princípio com o apoio dos armênios, o CUP terminou dominado por sua corrente nacionalista e substituiu a ideia de “igualdade étnica” pela concepção de

¹⁰ O termo Pacha não é um sobrenome, mas uma espécie de grau de comando militar.

“nação dominante”, materializada pela população muçulmana. A tolerância em relação aos armênios diminuía progressivamente.

Ao declarar guerra à Tríplice Entente, o Império convocava as diferentes etnias a lutar em suas fileiras; enquanto isso, organizava-se na Rússia uma legião de voluntários armênios prontos a atacar os territórios otomanos.

No exército otomano, os armênios eram vistos com grande desconfiança, não apenas devido aos conflitos dos últimos anos, mas também pelo receio de deserções ou sedições, especialmente em direção à Rússia. Por essa razão, em fins de janeiro de 1915 os armênios mobilizados para o exército passaram a ser progressivamente desarmados e deslocados para a realização de obras públicas, o que é visto por alguns autores (e ressaltado em alguns depoimentos) como o prenúncio do genocídio que estaria por vir. Ao mesmo tempo, as derrotas sofridas pelos turcos no Cáucaso, resultado do despreparo e da insuficiência do equipamento do exército, foram atribuídas aos armênios que habitavam a região, acusados de espionagem e de traição; em represália, os soldados que batiam em retirada atacavam os vilarejos armênios no

caminho, destruindo e saqueando tudo aquilo que encontravam.¹¹

I.I Genocídio e Minorias

É quando a história de Hopar, aos 19 anos de idade, encontra o fatídico dia 24 de abril de 1915. O governo turco ordenou a prisão e a execução de intelectuais da comunidade armênia, totalizando cerca de 250 vítimas apenas em Istambul. Essas mortes tiraram de um povo seus líderes e seus pensadores: escritores, políticos, artistas em geral e até mesmo médicos e professores foram eliminados. Era o início do genocídio, o primeiro da história moderna, que vitimou quase dois milhões de armênios sob o domínio turco.

Pouco se sabe como o próprio Himayak Agopyan escapou com vida dessa tragédia. Aos filhos, não falava sobre esse momento e nem como deixou a Província de Yozgat, provavelmente já no início do genocídio. Ara, entretanto, acredita que as habilidades linguísticas do pai provavelmente salvaram os Agopyan do massacre.

No exército turco, em combates na Romênia, Hopar usou dos seus conhecimentos para traduzir livros do francês para o idioma turco dos seus superiores, conquistando a

¹¹ Bogossian, Pedro. *CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES DA IDENTIDADE ARMÊNIA NO BRASIL*, dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011. P 33.

simpatia do mesmo exército que se voltaria contra o seu povo. Os textos que amenizaram a rotina das trincheiras podem ter sido o trunfo para a fuga dos Agopyan no genocídio.

A história da região de Yozgat conserva documentos narrando atrocidades turcas sofridas pelas minorias. Essa história poderia ter se perdido não fosse o esforço do monge católico Krikor Guerguerian. O religioso era o caçula de dezesseis irmãos. Apenas seis sobreviveram ao genocídio. Ele testemunhou inclusive o assassinato de seus pais. Ao lado de um irmão, escapou para Beirute e se formou no Mosteiro-Escola Católico Zimmar (Bzemmar).

O irmão do religioso conheceu no Cairo o famigerado Mustafa Pasha, o Curdo, como era conhecido esse juiz, um dos arquitetos do genocídio. A partir de conversas chegou a um arquivo cujos originais encontram-se no Patriarcado Armênio em Jerusalém. Guerguerian filmou os documentos mais tarde digitalizados e organizados pela Clark University, dos EUA.

O chamado fichário de Yozgat reúne anotações e documentos que derrubam qualquer tentativa racional de negar o genocídio, como faz até a atualidade o governo turco.

A aldeia foi totalmente queimada. Alguns dos armênios foram queimados, alguns foram

completamente aniquilados enquanto outros tomaram veneno. Outros ainda conseguiram escapar durante o incêndio¹².

Quando os armênios não eram aniquilados na própria cidade, as autoridades diziam que seriam exilados. No caminho do suposto exílio, não raro eram assassinados.

foi relatado do local que quatro mil armênios foram deportados do condado de Bogazlian [Boğazlıyan] de 17 de julho de 1915 a agosto de 1915¹³.

Bogazlian era um condado vizinho a Yozgat. Os documentos também relatam as atrocidades contra as mulheres da comunidade:

O comandante da Gendarmaria de Yozgat, Tevfik Bey, se envolveu em atividades de gangue durante o curso da deportação com um grupo de assassinos e bandidos que ele recrutou. Os homens armênios de Yozgat foram roubados e assassinados na vila de Tashpinar [Taşpınar]; suas mulheres e filhos deveriam ser enviados para Kayseri, mas eles separaram as belas mulheres e meninas e então massacraram o resto delas, jogando-as no rio

¹² Trechos dos documentos do relatório Krikor Guerguerian, via site da Clark Universit (<https://commons.clarku.edu/yozeat/index.3.html>).

¹³ Idem

chamado Karasu e queimando as aldeias armênias.¹⁴

Nem as crianças eram poupadas:

Quase todas as aldeias armênias que fazem parte do condado foram limpas pelo Executivo do Condado e pelo diretor municipal. As crianças armênias [deixadas] nas aldeias nem podem sair de casa, muito menos se aventurar onde residem. Devido à triste situação, tem havido uma pilhagem horrível que está a acontecer pela polícia do condado, por oficiais circassianos e pela população muçulmana.¹⁵

Kayseri abrigava um grupo armênio que praticamente não dominava o idioma da sua etnia. Falavam turco, somente. Ara se recorda de colegas de escola naturais desse Condado que aprendiam com os Agopyan o idioma armênio, como um reforço das aulas nos colégios de Itambul. Ara reencontrou anos mais tarde um desses meninos em Montreal, no Canadá. Era Harutium Tersakian.

¹⁴ Idem

¹⁵ Idem

I.II Formação e lições

A preocupação com o idioma não era apenas um capricho de Hobar. Era uma forma de preservar um laço que, ao lado da religião, conservava unida a comunidade. A língua armênia é um patrimônio da humanidade, elemento que faz parte da formação cultural e da transição do homem pré-histórico para aquele que registra sua passagem pelo planeta.

Como explica o projeto 100 anos 100 fatos, iniciativa criada para comemorar o genocídio quando do seu centenário, o marco linguístico dos armênios é a criação do seu alfabeto. “Mesrop Mashtots (...) realizou a tarefa no ano de 405 dC, estabelecendo assim o cenário para um rico tesouro de obras de religião e história, ciência e filosofia, manuscritos iluminados, e livros publicados no milênio e meio que se seguiu, continuando até hoje.”¹⁶

Além das 36 letras originais (e mais duas adicionadas em séculos posteriores para acomodar palavras estrangeiras), o armênio também utiliza sinais de pontuação diferentes dos que são usados nas línguas ocidentais.

É difícil encontrar uma cultura no planeta que venere seu modo de escrita tanto quanto os armênios. É muito comum que casas armênias em

¹⁶ Trecho extraído de <http://100anos100fatos.com.br/fatos/armenian-alphabet-created-405-ad/>, projeto 100 anos 100 fatos.

todo o mundo contenham uma representação moldada do alfabeto, e não apenas no berçário para as crianças, mas logo na sala de estar. Decoradas, versões enfeitadas, representações de jóias feitas de ouro, ou a tradição trchnakir (letras armênicas feitas de formas desenhadas de aves) celebram igualmente o legado de Mesrop Mashtots ao lado de obras monumentais.¹⁷

Na Armênia, imensas esculturas esculpidas em pedra celebram o alfabeto. Uma delas no ponto mais alto daquele país o Monte Aragats (4095 metros de altitude) e outra onde o próprio Mashtots está enterrado, na aldeia de Oshakan.

Como todos os idiomas vivos no planeta, o Armênio sofreu várias influências. Até o século XIX, havia apenas o armênio clássico, o chamado Krapar, derivado dos estudos de Mashtots e utilizado como idioma litúrgico da Igreja Apostólica Armênia, com elementos constituintes da maior parte das línguas ocidentais.

A proximidade otomana e russa faz surgir três dialetos, dos quais se originaram o Armênio Ocidental e o Oriental. Apesar de usarem o mesmo alfabeto, as duas formas têm pronúncias diferentes para as mesmas letras. A forma

¹⁷ Idem

Ocidental agrega outras influências nos países que receberam os armênios da Diáspora, após o genocídio.

Um dos mais tradicionais centros de preservação da cultura armênia, unindo os pilares do idioma e da religião era o Mosteiro Surp Garapet, erguido no século IV pelo padroeiro da Igreja Apostólica Armênia, Gregório, o Iluminador, na Província de Muxe, na Turquia. O local abrigaria os restos mortais de São João Batista.

Nesse templo sagrado, Hopar mergulhou nos seus estudos e tornou-se uma das figuras mais respeitadas entre os armênios que seguiram para Istambul após o genocídio. Nesse convento, Himayak constrói a formação que faria do nome Agopyan sinônimo de cultura, nacionalismo e tradição.

Na memória de Ara Agopyan ali estava o pai das maiores e inesquecíveis lições da sua vida. Algumas delas que replicaria como pai, empresário e marido. Hopar é parte integrante da filosofia de vida que está por trás das passagens dessa história.

A primeira delas e talvez a mais importante tem a ver com o trabalho. “Ele me viciou em trabalho”, declara Ara que lembra de momentos da infância em que o pai anunciava que o garoto tivera sorte, porque um amigo lhe oferecera um emprego durante as férias escolares. Mal sabia que

seria o próprio pai que pagaria seus vencimentos, só para que o filho aprendesse o valor do trabalho.

Outro princípio que permeou a relação entre Hobar e seu filho foi a disciplina. A última palavra era a do chefe da família. Um assunto terminava quando ele assim determinava, sem discussão ou questionamentos.

A pontualidade também era cobrada com rigor. O horário de jantar era 20h. Nem um minuto depois. Himayak não almoçava em casa e quando retornava do trabalho fazia questão de reunir todos à mesa.

Já na adolescência, Ara tentava argumentar eventuais atrasos dizendo que o trabalho o impedira de chegar na hora, o que era verdade. Mesmo assim, não havia conversa. Mesa posta, família reunida e ponto final.

“Não tínhamos direito de não gostar da comida e, até hoje, não há comida que não como”, conta Ara que aprendeu com o pai que o alimento é algo sagrado que demanda agradecimento e nunca recusa.

Ara também lembra de ensinamentos em coisas que podem parecer pequenas. “Qualquer que seja sua profissão, quando um dia de trabalho termina, meu pai ensinava que era preciso se limpar e vestir-se de modo que ninguém soubesse o que você tinha passado.” Um trabalhador, no retorno da labuta tem que resgatar a sua dignidade, com a cabeça erguida e devidamente vestido.

Hopar ensinava e dava o exemplo. Em toda uma vida, Ara viu seu pai sair de casa sem a sua gravata borboleta, marca registrada de estilo e elegância, apenas uma vez. Com a camisa aberta e o peito exposto, seguiu em busca do filho nas ruas de Istambul em um dos dias mais tristes dessa história. Em breve o leitor alcançará esse momento.

De Himayak Agopyan, o filho também herdou a alma de comerciante. Hopar foi representante de empresas farmacêuticas em Istambul e prosperou. Ara recorda o talento do pai com as pessoas e a arte de convencer, argumentar e seduzir - tão importante para esse povo que prosperou ao redor do mundo iniciando do nada histórias de sucesso.

Discreto, Hopar foi um marido dedicado e cravou no coração do filho a ideia de que sem a família a vida não está completa. Viúvo da primeira esposa, conheceu Takuhi¹⁸ Horak personagem que fechará com chave de ouro essa saga. Mãe de Ara e Seta, esposa dedicada, companheira e lutadora – essa figura carrega a marca do equilíbrio que as mulheres da família sabem, como poucas, manter.

Outra característica que Hopar deixou de herança foi o seu nacionalismo. Ser um armênio na Istambul do entre guerras era um exercício de diplomacia, coragem e

¹⁸ Que significa Regina ou Rainha, no latim.

sabedoria. Algo como atravessar todos os dias um campo minado, pronto a explodir. Mas aquele armênio sabia como defender seus ideais e seu povo.

Havia dois jornais escritos em armênio que circulavam em Istambul: Marmara¹⁹ e Jamanak²⁰. Hopar escrevia com frequência artigos no primeiro usando o pseudônimo de Santurdjian²¹. Mesmo sem militar publicamente nos partidos políticos que defendiam os armênios, Himayak tinha relações com as principais lideranças políticas da época e sabia o que falar e como dizer. Em outras palavras, incomodava!

Hopar também escrevia cartas envenenadas para Burhan Felek, editor-chefe do jornal turco Cumhuriyet (República). Ele assinava como "Seu Leitor Armênio". Abordava assuntos delicados da política nacional da época, as causas das minorias e seus direitos. Felek morreu sem saber quem era seu leitor armênio mesmo tendo insistido nas próprias páginas do periódico para que o anônimo se identificasse.

A discrição foi outro ensinamento que veio de casa. Em terra de turcos, armênios caminhavam sempre pisando em ovos. Ou, nas palavras de Hopar, “se você sabe andar na

¹⁹ Referência ao mar que banha Istambul

²⁰ Significa tempo

²¹ Santur é um instrumento musical

neve sem deixar rastro, ande. Se não sabe, melhor ficar parado”.

A Istambul de Hopar e sua família naqueles primeiros anos do século XX são decisivos para uma história que só está começando.

II - Istambul e os turcos

O cenário é a recém nomeada Istambul, antiga Constantinopla, parte de uma Turquia dividida com a derrota na Primeira Grande Guerra e marcada pelo derramamento de sangue do Genocídio cuja autoria jamais foi reconhecida.

Em 1918, o Império Otomano assinou a rendição na I Guerra, no Armistício de Mudros, desmembrando seu território. A Inglaterra ficou com o Egito, a Mesopotâmia e a Palestina; a França com a Síria e o Líbano e a Itália com a Antália. Constantinopla foi ocupada por tropas britânicas e francesas e as fortalezas do Bósforo e de Dardanelos foram ocupadas pelos aliados.

Isso fez da cidade, após o Genocídio, um local estratégico para a diáspora de barco com destino a Marselha, Buenos Aires e Nova York, em partidas organizadas pela Igreja Apostólica Armênia e outras instituições. Quase um milhão de armênios vivia na cidade. Uma parte, acabou permanecendo, por terem famílias e negócios estabelecidos. Vahak Ibranyan conta que “o mundo acreditava que Constantinopla se tornaria uma cidade internacional”.

Os Ibranyan vieram de Egin, pequena cidade que agora se chama Kemaliye e está localizada na província de Erzincan, território que fazia parte da antiga Armênia.

Hoje a cidade é um importante centro de turismo ecológico, com águas selvagens, canoagem e montanhismo. No início do século, era uma região rural, com grandes propriedades nas mãos da população armênia.

Na fuga do genocídio, Vahak conta que seu pai foi salvo por um moleiro turco vizinho quando se escondia no topo de uma árvore, onde permaneceu por dias. O turco o escondeu em casa, mesmo arriscando a própria vida. A exemplo do que acontecia entre os Agopyan, a família Ibranyan também não dividia as histórias desse período com os mais jovens. Por isso, a geração de Ara e Vahak guarda poucos registros sobre a fuga de ambas as famílias.

“Acho que minha família se salvou por meio de missionários estrangeiros que foram muito ativos na área depois do massacre”, relata Vahak. Sua tia Takuhi, mãe de Ara, foi levada para Síria, em Damasco, e depois para Itambul. “Como foi? Quão difícil? Quem foi o responsável por tudo isso? Não sei. Já perguntei mais de uma vez, mas esses temas sempre foram tabu,” relata Vahak.

Em 1919, tem início a Guerra de Independência da Turquia, com os nacionalistas turcos sob o comando do coronel Mustafa Kemal, em ataques contra os invasores europeus. Em troca da entrega dos territórios do Cáucaso, incluindo a Armênia, Lênin arma os turcos até os dentes:

foram 60 peças de artilharia Krupp, 700 mil granadas, 10 mil minas, um milhão de fuzis russos e 250 mil baionetas.

Em outubro de 1923, Mustafa Kemal proclama a República da Turquia pondo fim ao Império e tornando-se presidente, tentando aproximar seu País da cultura ocidental. Kemal romanizou o alfabeto turco e promoveu reformas administrativas e educacionais. Por isso, ganhou o apelido de Atatürk (Pai dos Turcos).

II.I A vida de um Armênio no coração da Turquia

Agora sim é possível começar a história a partir de onde a maior parte das narrativas se iniciam. Ara Agopyan nasceu em 15 de março 1932, em um hospital de Istambul.

Apesar das mudanças promovidas por Atatürk, as teses eugênicas (defendendo a ideia de supremacia étnica) cresciam em todo mundo, sobretudo na Alemanha, também derrotada na I Guerra. Em 1933, Adolf Hitler alcança o posto de Chanceler alemão com o terrível exemplo do genocídio armênio que, como atestam muitos historiadores, inspirou o Holocausto Nazista.

A Istambul da infância de Ara Agopyan era um misto de dúvida e esperança. A dúvida repousava sobre qual seria o alinhamento daquele País diante da nova ordem – se continuaria próxima da Alemanha ou se uniria com os aliados. A esperança era de poder viver sem a violência característica das investidas turcas.

As minorias estigmatizadas - armênios, judeus e gregos – se uniam na defesa das suas culturas e modos de vida. Escolas, negócios e relações sociais se dividiam sobre um mesmo território. Os muçulmanos com seus véus e mesquitas de um lado e as crenças judaico-cristãs de outro. Duas línguas, dois alfabetos, três religiões, enfim, um caldeirão sempre quente e prestes a explodir.

O sobrado da rua Suleiyman Nazif Sokak, número 39, do bairro Pangalti, é a mais longínqua lembrança de Ara Agopyan. Esse é o primeiro endereço da sua família em Istambul. No número 45, estavam os Ibranyan, a família que trouxe Takuhi pra a vida de Hopar. Ainda na mesma rua, a escola onde aquele jovem aprenderia suas primeiras letras.

O jovem Ara foi estudar em um colégio dos mais tradicionais e importantes daqueles dias, a Escola Mekhitarian. A congregação beneditina foi fundada em Constantinopla, em 1701, pelo padre armênio Mekhitar Petrosian de Sivas. Expulsos de Constantinopla em 1703, os Mekhitaristas se estabeleceram em 1717 na ilha de San Lazzaro, em Veneza. Em 1772, um grupo de dissidentes deixou Veneza para Trieste, estabelecendo um ramo separado da ordem em Viena, na Áustria.

Os Mekhitaristas vienenses são missionários ativos. Eles trabalharam entre os armênios sob o Império Austro-Húngaro e estabeleceram paróquias em Budapeste,

Cambridge (Massachusetts) e Los Angeles. Sua casa-mãe em Viena incorpora uma escola, biblioteca, museu de arte armênia antiga e uma editora. Ara e sua esposa, Rosa, chegaram a visitar o local. Os religiosos também administram faculdades em Istambul e Beirute.

“Éramos em 29 alunos na sala. Terminamos o último ciclo com cerca de 10 colegas. Meu número era 80. E assim fiquei conhecido por todos.” O colega Michel Mikaelyan, número um, certo dia trouxe um despertador junto com seu material. “Combinou conosco que iria disparar o relógio durante a aula de Literatura Turca. E todos teriam de levantar, como se a aula tivesse sido encerrada”. E assim fizeram!

Quando o diretor, que era “uma casca de ferida”, encontrou o professor fora da sala no horário de aula, a brincadeira foi desvendada. Coube ao professor de Química interrogar a sala para descobrir quem tinha disparado a campainha. Já desconfiavam de Mikaelyan, “mas como era filho de um homem muito rico, não pressionaram o garoto”. Resultado, Ara foi posto na parede.

“Eu disse ao professor que tinha ouvido o sinal, mas que era difícil identificar de onde veio. Pedi uns três dias para tentar ‘descobrir’ quem teria disparado. O professor morreu anos mais tarde no Canadá sem saber que o

Mikaelyan foi o responsável pela bagunça. Dedurar? Jamais!”, conta Ara.

A rotina da escola terminava a noite, em casa, com Hopar reforçando os estudos dos filhos principalmente nas áreas de línguas e literatura. Não à toa, quando se formou, Ara dominava fluentemente o Armênio e o Turco, tinha noções de grego e alemão²², além de conhecimentos de gramática em inglês e francês – o que lhe valeria muito, anos mais tarde, quando deixaria Istambul, rumo à França.

Foram 11 anos de estudos, nos três ciclos. A primeira escola durava cinco anos, seguida de dois ciclos com três anos cada, correspondentes ao ensino fundamental e médio do Brasil. No último ano, os estudantes se dividiam. De um lado, a classe voltada para a literatura e as humanidades²³ e, de outro, o ensino mais focado nas ciências exatas e naturais²⁴.

Mas a escola não era apenas estudo e disciplina. Meninos são meninos em qualquer época e qualquer lugar do mundo. As brincadeiras e bagunças também. As bolinhas de gude, brinquedo barato e divertido, fizeram parte da

²² “Achtung: hat eine kleine Katze”, foi a primeira frase que aprendeu em alemão. Significa: atenção: tem um gato pequeno.

²³ A classe Edebiat - literatura

²⁴ A classe Fen - ciência

infância de Ara. “Joguei 500 bolinhas na sala durante uma aula de álgebra. O professor ficou maluco”, conta.

II.II Agopyan e Ibranyan

Nesse período, os Ibranyan e os Agopyan – vizinhos e primos - dividiram alegrias e tristezas. Entre os melhores momentos estão as visitas às ilhas de Istambul, no distrito de Adalar. É um conjunto de quatro ilhas grandes (Büyükada, Heybeliada, Burgazadası e Kınaliada²⁵) e cinco menores (Sedef Adası, Yassıada, Sivriada, Kaşık Adası e Tavşan Adası) do mar de Mármara, a pouco mais de 4 km da costa asiática.

As ilhas são balneários de grande potencial turístico. Ara se recorda com carinho dos banhos de mar e jogos de basquete – esporte que marca a vida dessa família – assunto que será em breve detalhado em um capítulo dedicado ao esporte.

Nas férias, Ara também se lembra das suas primeiras experiências no comércio de Istambul²⁶. Em uma loja de tecidos, o dono do estabelecimento mandou Ara imprimir com papel e ferro de passar uma marca na auréola dos rolos de tecido. Quando viu o que estava carimbando, o garoto se surpreendeu notando que o produto estava

²⁵ O sufixo Ada, em turco, significa ilha.

²⁶ Na verdade, era Hopar quem pagava seus salários, para ensinar ao filho o valor do trabalho em estabelecimentos de amigos e conhecidos.

sendo falsificado com a inscrição: Made in Tchecoslováquia.

Na mesma loja, um balconista judeu pregou-lhe uma peça. Pediu que ele perguntasse ao vendedor de melancias que estava na porta se ele comia coelhos. O fato é que o vendedor era um muçulmano turco que seguia à risca as regras de alimentação. Coelhos são ruminantes que não tem os cascos divididos e, por isso, não podem ser consumidos.

Resultado: “Ele puxou um facão e correu atrás de mim. Queria me matar. Ainda bem que sempre tive boas pernas e me salvei”, conta Ara.

Entre os momentos tristes, Ara se recorda, em 1939, quando o exército turco recrutou 20 classes, pessoas de 18 a 38 anos, todos integrantes das minorias (armênios, judeus e gregos). Fardas sim, armas não. Os convocados eram levados para campos de trabalho em regime de quase escravidão. Entre eles, Varham Ibranyam que se escondeu na casa dos Agopyan para não ser encontrado pelos oficiais. “Para não levantar suspeitas da vizinhança, ele era obrigado a tossir numa garrafa de gargalo largo que abafava o som,” conta Ara.

O amparo recebido por Varham seria retribuído anos depois naquele que é um dos episódios mais tristes dessa história. Mal sabiam os Agopyan mas, em pouco tempo,

seriam eles a ocupar o andar superior da casa dos primos no número 45 da rua Suleiyman Nazif Sokak.

Os negócios da comunidade armênia negavam qualquer tentativa de caracterizar aquele povo como menos qualificado ou inferior, como tentavam fazer os turcos. Hopar era um bom exemplo. Prosperava como representante de medicamentos, com sua empresa, uma sociedade firmada ele, outro armênio e um grego. Representavam na Turquia a companhia suíça, Roche.

O pai de Ara deixou o sobradinho tímido de Pangalti e levou sua família para uma bela casa de três pavimentos no bairro de Bomonti, construída por italianos. “Era um sobrado enorme, de face norte, com dois vidros e duas persianas na entrada, para proteger a casa do rigoroso inverno de Istambul, ” recorda Ara que, na época, tinha perto de nove anos de idade.

A casa tinha um átrio de entrada que levava à uma ampla sala de estar e dois quartos no fundos. E esse era apenas o térreo. Para o casamento da irmã de Ara, Anahit²⁷, com Diran Hampar, as portas foram removidas fazendo desse

²⁷ Anahit era filha do primeiro casamento de Hopar. O nome Anahit vem de uma deusa da mitologia armênia, antes da adoção do Cristianismo. Fazia parte da trindade dos deuses principais, junto com Nané e Astghik. Os armênios politeístas faziam inclusive um festival para homenagear a deusa, evento que foi substituído, após a adoção do cristianismo, pela festa da Transfiguração de Cristo.

local um grande salão. Aquela seria a primeira e única comemoração que aconteceu nessa casa e está entre as melhores lembranças da infância dos primos.

“Esse casamento é uma das minhas lembranças indeléveis aos meus quatro ou cinco anos de idade”, recorda Vahak. Os irmãos do noivo, soldados americanos baseados na Alemanha, tocavam canções folclóricas com violões e emocionaram a todos.

Outros armênios, turcos e gregos também faziam parte de uma elite econômica com empreendimentos comerciais e imobiliários. Trabalhadores obsessivos, comerciantes natos e dotados de habilidades raras entre os turcos, as minorias faziam a economia daquele país rodar, mesmo nos primeiros anos da II Grande Guerra.

O Governo turco, que manteve a neutralidade diante do conflito quase até 1945, via no patrimônio das minorias uma forma de preparar a República para o ingresso no front, fosse ao lado dos aliados ou das potências do eixo. Foi assim, que surgiu um dos mais severos golpes fiscais da história da humidade: o Varlık Vergisi.

II.III O Varlık Vergisi e o exílio de Hobar

O dia é 11 de novembro de 1942. O parlamento turco aprova o mais predador imposto que um povo já foi

obrigado a pagar. Um verdadeiro assalto em forma de tributo que soterrou um caminho de prosperidade honestamente construído por armênios, gregos e judeus durante as décadas que sucederam o genocídio.

O imposto deveria ser pago por todos os cidadãos da Turquia, mas taxas excessivamente altas foram impostas aos habitantes não-muçulmanos do país, de maneira arbitrária e predatória. Foi uma destruição da promissora classe de comerciantes não muçulmanos na Turquia, como Hopar. Muitos suicídios foram registrados à época. Vahak resume o que os armênios viveram:

“Se eles ganhassem, digamos 10.000 por ano, o imposto seria de 15.000, se eles ganhassem 50.000 seriam tributados por 60.000. O plano era obter tudo o que pudessem casas, negócios, dinheiro”, explica Vahak que, assim como Ara, testemunhou aquele violento processo de nacionalização turca da riqueza armênia.

Hopar quando recebeu a notícia do imposto ainda não tinha dado conta da sua gravidade. Pediu a um empregado que levantasse o débito para que fosse pago o mais rápido possível. Quando descobriu que devia praticamente o capital acumulado da sua empresa, não acreditou e mandou o funcionário de volta, conferir o que estava dizendo. E era verdade!

Se o imposto em si não fosse suficientemente cruel, sua forma de cobrança ainda era mais terrível. Sem possibilidade de contestação judicial, os não-muçulmanos tiveram que pagar o tributo em um prazo de ridículos 15 dias.

Emocionado, Ara narra os fatos que atingiram o coração da família Agopyan naquele fatídico 1942:

Cheguei em casa, abri a porta e entrei. As duas portas seguintes estavam fechadas com um lacre vermelho. Éramos em sete. Deixaram sete cadeiras e uma mesa para a família almoçar e jantar. Todo o resto ficou preso no salão. Confiscado! Inclusive a própria casa.

Os Agopyan tiveram cerca de três meses para deixar o imóvel. Nesse período, a casa foi vendida para uma outra família. “Ao contrário dos turcos de Istambul, esses eram loiros de olhos azuis, feições comuns da região de origem”, recorda Ara. Eram da etnia Laz ou Lazes.

Os Lazes da Turquia formam dois grupos. Um nativo da região de Rize e Artvin. O outro é constituído por lazes que fugiram à expansão russa do século XIX e se fixaram em Adapazarı, Sapanca, Yalova e Bursa. Como era comum aos turcos do interior, a família Laz que comprou a casa dos Agopyan era especialmente mal-educada.

Ara lembra de ouvir o filho xingar a própria mãe enquanto pedia comida. Ele também conta que um gato de estimação ficou preso junto com a mobília e miava, faminto que estava. “Peguei uma tampa de conserva e, de um lado, colocava leite, do outro, água e passava por debaixo da porta”, conta Ara.

Mas o pior ainda estava por vir. Os donos das empresas que não conseguiram pagar os impostos com os seus bens recebiam como pena o exílio para Ashkalé, região fria e inóspita, onde eram submetidos a trabalhos braçais, no leste da Anatólia.

O pai, o mentor, o ídolo, o líder da família e a uma das figuras mais populares entre os armênios de Istambul seguiu para o exílio. O jovem Ara viu Hopar partir, ao lado de milhares de chefes de família armênios, com poucas esperanças de um retorno com vida.

Os trabalhadores eram pagos por seus serviços, mas metade de seus salários era usada como pagamento dos impostos. Por causa do trabalho árduo, os devedores idosos conspiraram com os jovens moradores da região para fazê-los trabalhar e, em troca, pagavam os salários diários.

Cinco mil não-muçulmanos foram exilados. Armênios idosos e até doentes foram enviados para os campos de trabalho. Ara lembra de testemunhar pessoas partirem

sobre cadeiras de rodas. Já os poucos devedores muçulmanos que não pagaram o imposto (com alíquotas muito mais baixas e facilidade de pagamento) receberam sentenças as mais leves.

O horror era ainda maior levando em conta o avanço Nazista. Se Hitler e seus homens conseguissem marchar sobre a Rússia, a expectativa dos armênios era que um segundo Genocídio atingiria os exilados. Mas a batalha de Stalingrado fechou as portas para os alemães e a Turquia não avançou contra seus prisioneiros.

Vahak acrescenta que “o verdadeiro propósito era matar todos eles” e reconhece que a derrota dos nazistas foi a salvação dos exilados. Seu pai não foi alcançado pelo tributo, mas aquele que viria a ser seu sogro, Arsavir Yerecyan, foi enviado para outro campo.

Agora era a vez dos Ibranyan abrirem a casa para os Agopyan. Novamente na rua Suleyman Nazif Sokak, os cinco moradores do número 45 receberam os Agopyan no andar de cima da casa, formando uma grande família de onze pessoas. Tempos de dividir e resistir, como conta Vahak:

“Meus pais abriram nossa casa e as duas famílias começaram a viver juntas. Meu pai amava muito a irmã e a família dela. A casa era cheia até a borda. Nós nos divertimos muito. Não me lembro de

nenhuma briga ou discussão em todo esse tempo. A casa não era pequena, mas dormíamos em três ou quatro por cômodo, incluindo a sala de estar.”

Ara também se recorda que “pela manhã tocava a corneta para acordar a tropa”. A união entre as duas famílias ficou ainda mais firme. O jovem Ara se tornaria uma espécie de ídolo para Vahak que, como ele, anos mais tarde deixaria Istambul em busca de uma vida melhor para filhos e netos.

A vida de luxo na casa de três andares deu lugar a um momento de dificuldades profundas. As roupas e uniformes escolares ganharam reforços nos cotovelos e joelhos, para evitar o desgaste. Tudo era mais difícil e o dinheiro muito, muito curto. Na ausência de Hopar, Takuhi manteve a família como uma heroína.

Entre muitas artimanhas para garantir o sustento dos filhos, a mãe escondia tapetes nos poços artesianos para escondê-los dos turcos e depois os vendia. Nos tubos de metal das camas, Takuhi guardava moedas de ouro que escaparam do confisco. “Graças à minha mãe nunca faltou comida e uma casa limpa para todos nós”.

Varham passou a fabricar grampos de cabelo mas, com a guerra em andamento, o metal, normalmente importado da Alemanha, não chegava à Turquia. A alternativa foi extrair fios metálicos de cordas usadas para atracar navios,

vendidas na região portuária. “Lembro de ajudar meu tio para separar o metal da corda”, narra Ara.

Toda a colônia sofreu muito após o famigerado imposto. Muitas pessoas que foram enviadas para os campos de trabalho morreram ali e o governo turco usurpou suas riquezas e heranças vendidas para muçulmanos a preços extremamente baixos, abrindo caminho para a criação de alguns dos contemporâneos conglomerados empresariais turcos.

Onze meses se passaram e Hobar retornou do exílio. “Eu não reconhecia meu pai”, afirma Ara diante da figura que se apresentava depois daquele terrível período. Estava magro e envelhecido, com a pele toda queimada pelo inverno de Ashkalé. Pouco restava, em aparência, daquele homem charmoso e elegante de outrora.

A primeira providência determinada por Hobar foi enterrar nos jardins de casa livros de conteúdo nacionalista e até revolucionário que estavam guardados para, assim, evitar novas perseguições.

O empresário retomou seu trabalho no mercado de produtos farmacêuticos agora como empregado, no laboratório Biofarma, de propriedade turca. A família seguiu para uma casa alugada na rua Safak Sokak, número 83, que não se aproximava do luxo e da residência roubada pelo Governo.

Com a derrota alemã, as escolas de Istambul trocaram o alemão pelo inglês, em um ascenso à nova potência que se erguia na América do Norte. Entre os colegas de Ara, muitos tiveram parentes que perderam a vida no exílio. A rotina da comunidade jamais seria a mesma depois daquele 1942. Aos poucos, ficava claro que a vida das minorias em Istambul seguiria imprevisível diante da ameaça turca constante.

III – O basquete na vida de Ara Agopyan

O basquetebol foi criado em 1891 pelo professor de Educação Física canadense James Naismith (1861-1940), da Associação Cristã de Moços de Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos. Não demorou para que o esporte chegasse à Turquia.

O basquete foi jogado pela primeira vez no País de Ara Agopyan, em 1904, no Robert College, a mais antiga escola norte-americana funcionando fora dos EUA, no distrito de Beşiktaş, em Istambul. Sete anos mais tarde, Ahmet Robenson, um professor do Galatasaray High School decidiu introduzir o esporte entre os seus alunos.

Até o final de 1966, as competições de basquetebol eram locais e disputadas em grandes cidades como Istambul, Ancara e Esmirna. A Liga Nacional foi fundada em 1966 pela Federação Turca de Basquetebol, e começou na temporada 1966-67. A Segunda Divisão da Liga Turca foi fundada três anos mais tarde.

Para Ara Agopyan, o basquete começou pelas mãos do amigo Garo²⁸ Kalenderyan que descobriu uma tabela na

²⁸ diminutivo de Garabed – nome armênio muito comum.

Ilha de Kinali Ada²⁹, local de diversão e prática esportiva. “Também havia na ilha um campo de futebol. E tinha aquela cesta. Meu amigo descobriu que os gregos iriam roubá-la”, conta Ara.

Para evitar o roubo, o próprio Garo arrancou a tabela da ilha e levou o equipamento para a escola. “Em princípio, sem uma bola apropriada, jogávamos pedras para ver se conseguíamos acertar”, lembra Ara.

Pouco tempo depois, os jovens começaram a treinar no clube Kurtuluş³⁰, que contava com um ótimo técnico iugoslavo, também pivô do time, de nome Anjus. Ara e os quatro gregos da equipe conquistaram o campeonato na categoria de juniores. No ano seguinte, o jovem de 1,85 m de altura e 74 kg foi alçado ao time principal.

Hopar não concordava com a prática esportiva. O pai se apoiava nos judeus que entendiam que o esporte era saudável para o corpo mas não para a mente. “Atletas tem corpos fortes, mas cabeça fraca”, dizia o pai para os seus filhos.

A surpresa ocorreu quando o técnico esteve pessoalmente na casa dos Agopyan para anunciar que Ara havia sido

²⁹ Também conhecida como Ilha Hena, em referência à coloração de cor de cobre de suas areias, marcadas pela extração de minério, que remete à planta usada para tatuagens na pele.

³⁰ Palavra significa Salvação

convocado para a seleção nacional, com jogos previstos na Itália. Na última hora, sua convocação foi suspensa sob o pretexto de que o atleta não havia prestado serviço militar. “Era mentira. Me deixaram de fora porque eu era armênio”, constata.

Mas não seria o exército que iria separar Ara do seu esporte predileto. Pelo contrário. Quando se alistou, logo formou um time que na camisa trazia o nome: Yedek Subay Okulu ou, em português, Escola de Formação de Oficiais da Reserva, da capital turca.

Em um dos jogos nessa Academia militar das mais tradicionais, o jovem Ara pediu um tempo. Nenhuma orientação tática! Apenas a constatação:

- Vocês perceberam que não tem nenhum turco entre nós? – questionou o atleta.

Eram dois armênios, dois judeus e dois gregos que ganhavam fácil em todas as competições internas. “A turma de Ankara parecia jogar com um coco verde”, brinca o artilheiro.

Uma das partes boas de jogar durante o serviço militar era porque, sem farda, de shorts e camisetas não havia distinção de patentes. Os oficiais de carreira tinham outro time no qual jogava um capitão muito alto e forte. Ara fazia questão de marcar o superior e, vez por outra, passar

a mão no seu traseiro para tirá-lo do sério sem que pudesse reagir.

Com o fim do serviço militar, um período cheio de aventuras que o leitor poderá conhecer no próximo capítulo, Ara retornou às cestas no time grego de Istambul. “Meu time era dos pobres e tinha também o time dos gregos ricos”. Vez ou outra se enfrentavam.

Normalmente, o embate se dava na Faculdade de Engenharia de Istambul, dotada de um belo ginásio com um mezanino que reunia os torcedores de cada equipe. Aos sábados, os pobres não atraíam seguidores, quase todos trabalhando. Já aos domingos eles compareciam em massa, inclusive os lutadores do clube, de meter medo em qualquer time.

Mas era sábado, o jogo estava perdido, e um grego resolveu agredir Garo. O agressor iria atacar o armênio pelas costas não fosse a intervenção de Ara com um pontapé. A confusão estava generalizada. Já no vestiário, Garo chorava prevendo que só sairia do Ginásio, debaixo de muita pancada.

“Percebi que havia ali alguns tamancos turcos. Eram placas de madeira maciça. Tive uma ideia”, conta Ara que armou a si e seu amigo com os calçados como se fossem luvas. Partiram para cima dos gregos distribuindo sapatadas. A confusão terminou na delegacia com quatro

gregos ensanguentados e os dois armênios, bem menos machucados.

“Disse ao Garo para torcer o pescoço e fazer cara de coitado”, conta Ara que logo percebeu que poderia se safar daquela situação insólita. Quando o policial viu a cena jamais acreditou que os dois seriam os responsáveis por tamanha agressão. Impaciente, o homem da lei encerrou a discussão.

- Agora, Garo, vamos sair daqui e pegar o primeiro bonde. Nem quero saber para onde vai – ordenou Ara e assim seguiram.

Confusões a parte, a vida e o basquete em Istambul era cercada de amigos e companheiros de vida, armênios, na sua maioria, mas também muitos gregos e judeus. Nem sempre a vida de Ara seria assim cercada de gente querida.

Sua última aventura foi num clube armênio que estava na segunda divisão e, com o talento de Ara, a equipe alcançou a divisão de elite do basquete turco.

Foi quando deixou Istambul, anos mais tarde, que Ara descobriu no basquete uma forma de construir pontes na direção de novas amizades, fugindo da solidão que só os imigrantes, longe do seu povo, conhecem completamente.

III.I – Federação sindical

Logo ao chegar em Paris, a filha de um padre³¹ indicou um time para praticar o esporte. Nada melhor que uma quadra para começar sua rede de amigos mesmo sem partilhar o idioma e os costumes.

O basquete francês tinha duas federações, uma civil e outra sindical. O time no qual aquela moça jogava era ligado ao sindicato e pertencia à empresa Snecma ³²(*Société Nationale d'Étude et de Construction de Moteurs d'Aviation*) gigante da área de aviação.

Ara chegou a viajar com a equipe. Durante o percurso, os atletas dividiam garrafas de vinho escondidas. Cada um tinha direito a três goles, medidos pelo movimento do pomo de adão das suas gargantas.

Um dos colegas de time, foi o único francês que convidou Ara para jantar enquanto vivia em Paris. Na Turquia, havia um ditado que dizia que um café oferecido valia 40 anos de gratidão. Dito e feito. Em um jogo da equipe, Ara

³¹ Padres da Igreja Apostólica Armênia não são celibatários e podem se casar

³² foi uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo, até fundir-se com a SAGEM para formar a Safran. O principal motor da empresa é o CFM56, fruto de uma parceria com a General Electric. A parceria se repetiu nas turbinas General Electric CF6-80 e na GE90. A SNCMA também esteve envolvida na década de 1960 com o desenvolvimento, em parceria com a Rolls-Royce, dos motores do Concorde.

enfrentou o time adversário inteiro, sozinho, em uma briga.

- Nunca apanhei tanto na minha vida – recorda Ara.

O armênio chegou a ser asfixiado por um francês. Só se livrou do enforcamento com um chute nos testículos do adversário. Por uma semana teve dores na garganta e passou tomando sopa. Seus companheiros de equipe fugiram da briga.

Por cinco anos, Ara tentou conseguir, além da vaga no time, um emprego na Snecma, sem sucesso. Os franceses, protecionistas como eram jamais permitiriam um armênio em uma empresa daquelas.

III.II – Praia Clube

O que haveria em comum entre a ‘cidade Luz’³³, capital cultural do planeta e a provinciana cidade do Triângulo Mineiro? A resposta estava entre linhas e tabelas de um time de basquete. O basquete também acompanhou Ara em Uberlândia.

O Praia clube era a principal atração da cidade. O time de basquete tinha, entre seus destaques, o pivô Pico³⁴, dentista com 1,90 m de altura, que tornou-se um dos melhores amigos de Ara na cidade.

³³ Apelido da capital francesa

³⁴ O amigo faleceu vítima de um câncer no cérebro.

Em um jantar na casa do cunhado do atleta, foi servido um frango delicioso, feito especialmente para a ocasião. Ara devorou as coxas do bicho, sem saber que aquela parte do prato era a predileta do rapaz.

O Praia clube ganhou várias competições na região, mas não conseguia superar as equipes da capital mineira, Belo Horizonte. Quando viajavam para competir, desconfortavelmente em uma kombi, voltavam sem vitórias.

O amor pelo esporte também virou herança. Seus filhos Ara e Marcelo seguiram o caminho das cestas. Como diretor de esportes do Clube Armênio em São Paulo, o pai tentou levar uma equipe adiante, sem sucesso.

Descobriu então a Ugab (União Geral Armênia de Beneficência) e seus filhos se integraram a essa importante instituição por meio do basquete. Foi lá que o primogênito conheceu sua esposa, comprovando que o esporte une e reúne aqueles que se amam.

A última aventura de Ara Agopyan no basquete foi no clube da ACM (Associação Cristã de Moços), na região central da cidade, com um time de veteranos entre 45 e 55 anos. Não fosse uma contusão no joelho, jamais abandonaria as quadras.

Não há uma história, uma fase da vida, um lugar ou grupo de amigos de Ara que, de algum modo, não esteja relacionado ao basquete: “foi uma benção na minha vida”, define.

IV – O serviço militar

Pai protetor e firme, intelectual e homem das letras e do conhecimento, Hopar queria ver o filho no mesmo caminho. Era contra a prática esportiva e também decretou assunto encerrado quando Ara cogitou comprar seu objeto de desejo, uma moto Harley Davidson.

Na Turquia, o serviço militar era obrigatório, entretanto seria possível cumprir com essa tarefa depois de concluir um curso superior. E estava tudo certo para que isso ocorresse. Ara tinha conquistado uma vaga na Universidade, mas decidiu dar outro rumo para sua história.

“Quer seu filhinho sempre por perto, só pra você? Então vou virar o jogo”, declarou o jovem numa clara atitude de antagonismo em relação ao pai. Ara trancou a matrícula no seu curso superior e alistou-se no exército.

Como tinha concluído o que hoje equivale ao ensino médio, após 11 anos de estudos em um dos mais conceituados colégios armênios de Istambul, Ara prestaria serviço em uma Academia de formação de oficiais da reserva do Exército turco – hoje destinada apenas aos egressos do curso superior.

O suntuoso prédio da capital Ancara, abrigava a Academia Militar Turca (TMA), instituição fundada em 1834, em Constantinopla, pelo sultão Mahmut II. Em 1920, a TMA foi transferida para Ancara, na Mansão Abidin Pasha e, a partir de 1936, a escola se instalou no suntuoso prédio construído por alemães, onde funciona até hoje, em uma colina a 1800 metros de altitude.

Essa escola formou figuras históricas do jogo de poder na Turquia, entre os quais o próprio Mustafa Kemal Atatürk, herói da independência, que recebeu o número 1283 na lapela do seu uniforme, em 1889.

Foi lá que Ara Agopyan viveu momentos marcantes, amizades de uma vida, perigos, brigas e conflitos típicos da tensão entre os turcos e as minorias em um ambiente onde o patriotismo se dividia entre culturas antagônicas sob uma mesma bandeira, uma mesma farda.

A TMA recebia anualmente duas turmas: uma no verão e outra no inverno. No total, eram 12 grupos com cerca de 100 soldados cada. Os cadetes respondiam um questionário para que fossem classificados por áreas de serviço - exército, cavalaria, transporte, etc.

Em seis meses de formação como sub oficiais, os jovens aprendiam a manejar cada arma disponível, desde dos revólveres e pistolas, passando pelos rifles e metralhadoras, granadas, até canhões de 21 milímetros.

“Tínhamos que montar em um minuto e meio uma metralhadora. Se uma mola fosse colocada de forma errada, a arma podia disparar na barriga do militar”, conta Ara que se destacou entre os seus pares no manejo do armamento.

O ano era 1952 que passou para a história por ter um dos mais rigorosos invernos de todo o século XX. O rio Danúbio congelou e as temperaturas beiravam os 30 graus negativos. Houve quem tentou atravessar o Bósforo pisando sobre o gelo.

Uma das atribuições dos alunos era uma ronda na madrugada no quarteirão da própria escola, pelo lado de fora. Ao sair, os cadetes recebiam uma senha como salvo-conduto para ir e vir naquela missão congelante, cumprida com um fuzil sem munição.

“Estava com um colega e seguimos até os fundos do prédio, onde ficava a cozinha”, conta Ara. Eles buscavam um vidro quebrado por onde saía um vapor para esquentar as mãos. O caso é que o vapor acabava por atingir o rosto e eles tiveram que resistir ao frio na raça e sem luvas, para que as mãos não grudassem no cano das armas também congeladas.

Foi nessa patrulha desconfortável que surgiu uma figura caminhando em direção à Academia. Longe do centro de Ancara, não havia ali nada além do prédio e, por isso,

aqueles que trafegavam naquela área, muito provavelmente, eram ligados ao exército.

“Vamos pegar aquele cara”, sugeriu Ara, suspeitando que o sujeito havia escapado do quartel para alguma aventura na cidade. Pediram a senha da noite e nada. “Não é que o meu colega queria meter a baioneta na barriga do sujeito?”, comenta, espantado com a falta de critério do colega.

Seguiram o três para a delegacia. O sujeito foi logo dispensado. “Era turco e jamais ficaria preso por isso. Se fosse armênio, ia ver só”, observa Ara.

Tempos depois, em um domingo, Ara estava passeando em Ancara, em trajes militares para evitar o desgaste de suas roupas civis. “Acho que bebi um pouco demais”, constata. No caminho, cruzou um oficial e bateu uma continência com a mão cobrindo a testa, irregularmente.

O oficial anotou o número do cadete que ficava na sua lapela: 771. “No dia seguinte, fui detido e puxei dois dias de cadeia pela falta”. Para os armênios não havia desculpas. Tinham que andar na linha!

IV.I - Um banho inesquecível

O conflito cultural estava presente em cada momento vivido na Academia. No primeiro banho que tomou no

vestiário dos cadetes, observou que os turcos só tiravam a cueca com a toalha enrolada na cintura.

“Eu prestava muito atenção à minha volta. Um armênio, num ambiente turco, tem que ser muito atento, muito malandro”, comenta Ara que repetiu o gesto e seguiu para o banho. Foi quando sentiu algo estranho, um clima pesado no ar.

Chegou inclusive a comentar com o amigo Arman Manukyan:

- Preste atenção e não ande por aí, sozinho! Tem algo estranho acontecendo – denunciou.

Dito e feito. Um cadete turco procurou Ara e pediu que saíssem do prédio para uma conversa. “Lá fora, era Deus em cima e nós embaixo”, comenta Ara, reforçando a gravidade do momento. Segundo o colega, Arman não respeitou o hábito dos turcos e tirou sua cueca às vistas de todos. O que para os armênios era comum, para os turcos significava uma grave ofensa:

- Seu amigo queria mostrar o sexo para nós? – questionou o turco.

Os colegas muçulmanos estavam prestes a espancar os armênios. Ara acabaria apanhando também porque era amigo daquele que exibia sua intimidade no banheiro.

Mas o colega turco teve o bom senso de explicar aos seus pares o que houve:

- Esses dois são atletas de Istambul, acostumados a se despirm e tomar banho assim mesmo – contemporizou.

Aquele sujeito - dos poucos turcos que ajudaram Ara em toda uma vida - convenceu a turma a poupar os armênios sob a promessa de que jamais a cena se repetiria. Ara agradeceu e advertiu Arman:

- Se você fizer novamente, te mato antes dele. Eles não querem ver seu pinto e pronto.

IV.II – 771 Gyavur

Os não-turcos como Ara recebiam um apelido para diferenciar as minorias dos muçulmanos. Eram os Gyavur. Ara era o 771 Gyavur, combinação entre o número da lapela e a designação que acompanhava armênios, gregos e judeus, para diminuí-los frente ao grupo.

Mas não era tão simples assim. Os Gyavur, de um modo geral, eram mais instruídos e educados. Ara, por exemplo, recebeu a incumbência de cuidar do depósito de armamentos e munições do seu grupo. O oficial no comando revelou inclusive que escondia a chave do local sob o furador de papel.

Numa manhã, Ara organizou o local, limpou tudo e fez um inventário com os suprimentos, armas e munições ali

depositados. Usou o que aprendera em uma loja onde trabalhou em Istambul. Em outras palavras, fez um controle de estoque, com campos de entrada e saída de materiais guardados, em um caderno.

Quando o capitão se deparou com aquele trabalho até então inédito, tomou o caderno e correu para os oficiais superiores. Imediatamente foi determinado que todos os grupos repetissem o procedimento. O problema é que ninguém sabia como fazer. Solução: o Gyavur 771 ensinou a todos.

E Ara não ensinava apenas organização. Perto de um colega de turma da seleção turca de futebol que lia um jornal pediu que cedesse a última página com palavras cruzadas, cujo hábito de preencher herdou do pai.

O turco estava praguejando sobre uma notícia publicada e perguntou o que o Gyavur achava da polêmica. Calmamente, Ara ponderou que era uma questão de opinião e cada um poderia pensar de um jeito.

- O sujeito começou a xingar e os turcos xingam muito, envolvendo a família, tudo entra no jogo – lembra Ara.

“Ele me deu um soco e eu dei outro. Eu feri o lábio e ele a sobancelha”. Aos chutes, o major que estava dando aula apartou a briga e conduziu os dois a um capitão muito

experiente, famoso por sua participação na Guerra da Coréia.

Três turcos chegaram antes e contaram versões desfavoráveis para Ara que, afinal, não tinha provocado a confusão. O oficial ouviu a todos e, em seguida, se dirigiu ao 771, ordenando que processasse seu colega pelo ocorrido.

- Capitão, vou desobedecer ao senhor pela primeira e última vez, mas não vou processar o rapaz! – disse o Gyavur.

O oficial esbravejou e tirou Ara da sala. Aquele armênio, filho de Hopar, jamais seria um dedo-duro. Deslealdade não estava entre seus defeitos. Por desobedecer a seu superior Ara imaginou que seria punido, mas veio a surpresa: o capitão transferiu o jogador para o 12º Grupo e jamais trocou uma palavra sobre o incidente.

Outro Gyavur, dessa vez um major americano, bolou uma manobra fazendo com que os cadetes percorressem um trecho sob arames farpados enquanto outra turma desferia tiros de metralhadora sobre o limite, impedindo qualquer movimento que ultrapassasse o limite de altura. A manobra do major Gavur foi muito elogiado por todo oficialato, provando o talento dos não-muçulmanos.

IV.III – Entre perus e carneiros

Outro momento tenso na ATM era a refeição. Um local enorme com mesas de dez lugares. Os grãos eram o alimento mais frequente, principalmente a lentilha e o grão de bico, esse último apelidado de metralhadora graças ao poder de produzir gases.

As proteínas dependiam muito das regras da alimentação muçulmana: porco, nem pensar. Uma das principais atrações era o peru. Uma dessas aves entraria para a história da Academia. A turma da mesa de Ara, consumiu dois deles em uma só refeição.

A noite chegou e, já na cama de cima do beliche onde dormia, Ara sentiu uma pressão no abdome. “Caí com os pés nos sapatos e corri para o banheiro do meu andar. Tudo lotado e um cheiro terrível. No andar de baixo, a mesma coisa.”

O cadete não teve dúvida e praticamente invadiu um banheiro de oficiais de carreira com uma única cabine livre. Um militar bateu na porta violentamente pedindo que, “em nome do profeta”, Ara liberasse um cantinho para ele resolver seu problema intestinal.

A infecção foi generalizada. Mais de dois mil homens, contaminados ao mesmo tempo com uma grave diarreia. A Academia distribuiu comprimidos à base de sulfa e

todas as manobras e treinamentos ficaram suspensas por uma semana.

Algum tempo depois, novamente um Peru na refeição, com um detalhe: um jogo de basquete no dia seguinte. Ara não teve dúvida, resgatou comprimidos que tinha guardado da primeira contaminação e tomou antes de comer.

Outras lembranças gastronômicas povoam esse tempo de serviço militar. Para vencer o frio, serviam um mel no fundo do prato com um queijo búlgaro, semelhante ao queijo mineiro, um pouco derretido. “Fazíamos uma pasta e comíamos. Aquilo aquecia até a alma”, recorda Ara.

Outra proteína comum era o carneiro. Os testículos do animal, grelhados e fatiados são uma iguaria. “Mandei um estudante roubar uma cerveja dos oficiais e estava no chão da cozinha degustando aquela delícia quando o oficial entrou. Escondi a caneca imediatamente.”

- O que você está comendo? – perguntou.

- Testículos de carneiro – respondeu Ara.

- Mas isso é comida de oficiais! – repreendeu.

- Nossa, desculpe, não sabia – fingiu Ara que se livrou do crime maior, o roubo da cerveja.

IV.IV - 771 formado

Seis meses depois, com a aproximação da nova estação, Ara se formava como oficial da reserva do exército turco. Chegava a hora de designar os sub oficiais para áreas específicas e postos do exército.

Alguns lugares eram bons, como Adaná e Esmirna. Outros eram péssimos, como os postos próximos às fronteiras soviéticas. Em um saco com os números dos alunos estava a sorte do grupo. Qual não foi a surpresa do 771 quando descobriu que ficaria em Ancara, no sexto grupo do exército:

- Os turcos me xingavam. Não admitiam que um armênio ficasse na capital..

Já oficial, Ara fiscalizava as manobras os cadetes. As armas não eram as mais modernas. “Quando alguma falhava os alunos chamavam e nós concertávamos e orientávamos os cadetes. Depois, brincávamos com as armas e praticávamos tiro”, conta Ara.

Entre as funções dos recém empossados tenentes estava a compra da comida para os oficiais superiores. Ara comprou 600 quilos de quiabo para o almoço do dia seguinte. Era preciso limpar o legume, cortando sua cabeça – na Turquia só se come a ponta do quiabo.

O militar que guardava a porta da cozinha recrutou entre os soldados rasos que íam para o cinema aqueles que iriam assumir essa tarefa. Um deles não obedeceu e tentou escapar. Lá se foi o oficial 771 em perseguição ao soldado pelo barranco e resolveu o problema com um bom soco no nariz.

Durante a noite, o tenente dormia no mesmo recinto dos soldados sob o seu comando. No meio da madrugada foi chamado porque o carvão coque, variedade mineral com forte poder de queima que atinge altas temperaturas, estava pegando fogo no depósito.

“Quando isso ocorre, não adianta jogar água porque piora”, explica Ara. Era necessário mudar as pedras de lugar com pás, deslocando aquelas que soltavam um óleo inflamável. Era preciso acordar os soldados para essa emergência. Mas não havia quem conseguisse tirar os rapazes da cama.

Um sargento resolveu o problema de forma inusitada. O militar sacou o seu cinto de couro com cerca de quatro milímetros de espessura e partiu para cima dos dorminhocos:

- Ele fez um arco e desceu nos soldados. Uma porrada para cada um dos doze recrutas. Em 10 minutos estavam todos vestidos e prontos para o trabalho.

Longe da família e dos amigos, cadetes, soldados e oficiais tinham algo em comum: a saudade de casa, da comida fresca e do conforto do lar.

Um militar do grupo de Ara, em específico, manifestava a falta de sua amada durante o sono. O jovem gritava o nome da mulher enquanto dormia. A cada semana, trocava de três a quatro cartas com 15 folhas cada.

“Era um moço lindo, atlético, reserva do time de futebol do Galatassaray”, lembra Ara que ficava imaginando como deveria ser linda também aquela mulher por quem o colega bradava seu amor durante a madrugada.

- Em uma das nossas licenças, nos encontramos para um jantar. Quando olhei para aquela cigana horrorosa tomei um susto – conta Ara.

Os momentos de diversão não eram frequentes, mas o jovem tenente sempre guardava entre seus pertences um frasco de água de colônia, recarregado nas farmácias³⁵. Ara se recorda que uma bela noite encontrou o vidro vazio.

- Não tive dúvida: fui ao banheiro e enchi com urina – conta.

³⁵ Nessa época não se vendia perfume envasado na Turquia.

Dias depois, o frasco novamente vazio indicava que alguém andou passeando com um odor pouco agradável como preçõ da desonestidade.

Com outros quatro armênios, Ara alugou um apartamento recém-construído. O imóvel ainda estava sem pintura, tinha uma cama para cada morador e apenas um prato. Vez ou outra, os rapazes comiam costelas de cordeiro vendidas em Ancara.

“Eram dezoito partes. Eu e mais um rapaz comíamos três pedaços antes dos outros para que o prato ficasse divisível por cinco”, conta Ara. Cada um tinha que depositar no alumínio correspondente ao seu pedaço os três ossos comprovando o quanto comeram.

Um dos rapazes, sujeito vaidoso e mulhereengo, sempre acabava comendo menos. Os amigos apontavam uma moça passando pela rua e, quando o Dom Juan corria para conferir, jogavam um osso extra na sua cota.

Os dias de serviço militar em Ancara chegaram ao fim como também, em breve, chegaria um dos momentos mais marcantes da vida de Ara Agopyan. Restaram dos prédios de Ancara essas deliciosas histórias sob as quais seus filhos e netos se debruçam décadas mais tarde, com a narrativa sempre detalhada e bem-humorada do Gyavur 771.

V - O Pogrom e a decisão de partir

Um dos dias mais dolorosos e tristes da vida de Ara Agopyan foi aquele 6 de setembro de 1955. Ele treinava basquete no ginásio da Universidade Técnica de Istambul (ITU)³⁶ em um time que reunia gregos e armênios.

Ara se recorda que ele e mais um amigo da colônia eram os únicos que tinham coragem de enfrentar a água congelante que saía diretamente dos canos dos vestiários já que não havia chuveiros no local, no outono frio da Turquia.

Eles já estavam se trocando quando ouviram o barulho de vidros quebrando. Não era um som comum. Ara e seus amigos saíram em direção à avenida Istiklal Djaddesi uma das mais importantes e famosas de Istambul.

A rua de arquitetura elegante, se estende ao longo de quase três quilômetros, desde o antigo bairro genovês de Karaköy junto à Torre de Gálata, até à Praça Taksim, no centro de Istambul. A avenida é uma zona de lazer e de comércio, com lojas de todo o tipo, além de igrejas,

³⁶ A Universidade Técnica de Istambul, uma das universidades técnicas mais antigas do mundo, com 250 anos, foi fundada em 1773 com o nome de Mühendishane-i Bahr-i Hümayun durante o reinado de Mustafa III. Fonte: <https://www.itu.edu.tr/hakkimizda>

mesquitas e sinagogas. Sua marca registrada é o charmoso bonde elétrico, mantido até hoje em circulação.

V.I – Praça de guerra

Mas o que Ara e seus amigos presenciaram foi uma verdadeira praça de guerra. As lojas que pertenciam aos armênios, judeus e gregos – formando a maior parte daquele conjunto comercial foram previamente marcadas com tinta e severamente depredadas e saqueadas.

“As portas onduladas de metal eram rasgadas como papel”, recorda Ara. Se ele e seus amigos fossem reconhecidos como minorias, naquele momento, seriam mortos sem piedade. De acordo com a maioria das fontes oficiais, entre 13 e 16 gregos e um armênio (incluindo dois religiosos) morreram durante os ataques. No entanto, várias mortes nunca foram relacionadas ao levante.

Pelo menos 32 pessoas ficaram gravemente feridas. Homens e mulheres foram estuprados e islamizados à força. De acordo com relatos do escritor turco Aziz Nesin³⁷, homens, incluindo um padre, foram submetidos à circuncisão forçada. Religiosos cristãos também foram escarpelados e queimados e mulheres estupradas. Nesin escreveu:

³⁷ Azis Nesin está entre os poucos escritores turcos contrários ao Islam e críticos da violência contra as minorias.

Um homem que temia ser espancado, linchado ou cortado em pedaços insinuaria e tentaria provar que era turco e muçulmano. "Puxe para fora e deixe-nos ver", eles respondiam. O pobre tirava as calças e mostrava seu "muçulmano" e "turco". E qual era a prova? Que ele havia sido circuncidado. Se o homem foi circuncidado, ele foi salvo. Se não, ele estava condenado. Na verdade, tendo mentido, ele não poderia ser salvo de uma surra. Pois um daqueles jovens agressivos sacaria a faca e o circuncidaria no meio da rua e em meio ao caos.

O relato de uma testemunha ocular foi fornecido pelo jornalista Noel Barber do London Daily Mail³⁸, em 14 de setembro de 1955:

A igreja de Yedikule³⁹ foi totalmente destruída e um sacerdote foi arrancado da cama, o cabelo arrancado de sua cabeça e a barba literalmente arrancada de seu queixo. Outro velho padre grego (Pe. Mantas), que estava doente, foi deixado na

³⁸ Outra testemunha ocular famosa foi o romancista de James Bond, Ian Fleming que, como agente do MI6, esteve presente na Conferência Internacional da Polícia que se realizava em Istambul, em 5 de setembro. O relato de Fleming foi publicado em 11 de setembro, com o título "The Great Riot of Istanbul", no jornal The Sunday Times.

³⁹³⁹ Sete torres

cama. A casa foi incendiada e ele foi queimado vivo. Na igreja de Yeniköy, um lindo local à beira do Bósforo, um padre de 75 anos foi levado para a rua, despido de todas as roupas, amarrado atrás de um carro e arrastado pelas ruas.

O patrimônio, fruto do trabalho e do esforço das minorias armênias, gregas e judaicas, foi sistematicamente destruído ou saqueado. Havia uma loja chamada Ossep⁴⁰ que vendia tecidos de camisaria, entre os quais uma popeline inglesa que “era uma ceda”, como lembra Ara:

- Subiram no estoque, dois vagabundos, abrindo os rolos de 25 metros e soltando para baixo. Outros dois vândalos cortavam o tecido no comprimento, só para destruir...

Ara também se recorda de deter uma mulher roubando os sapatos de uma vitrine. “Mas era tão burra que roubava apenas um pé de cada par”, comenta. O levante foi tão avassalador que provocou escassez de produtos de consumo e alimentos, prejudicando a própria economia do País.

⁴⁰ O dono retirou o ‘H’ do início do nome para que o estabelecimento não fosse identificado como armênio.

V.II – Fake news

O que Ara presenciou teve origem no que hoje chamamos de ‘fake news’. Uma mentira meticulosamente construída para justificar o que seria uma reação turca a um atentado contra o consulado do país em Salónica, no norte da Grécia.

A representação turca funcionava na casa onde nasceu Mustafa Kemal Atatürk, o herói da independência e proclamador da República da Turquia. Rapidamente, o governo espalhou a informação de que o autor do ataque seria um grego.

No dia 7 de setembro, o governo turco publicou a seguinte nota, reproduzida no Brasil pelo jornal O Estado de S. Paulo, citando como fontes as agências United Press e France Presse:

Istambul e o país estiveram, ontem, pode dizer-se, sob a influência de elementos comunistas provocadores. As manifestações atentaram contra o patrimônio da Nação. Os cidadãos que sofreram prejuízos serão indenizados. Os organizadores das manifestações serão detidos e punidos. Grande número de prisões já foi feito. Todos os cidadãos dedicados aos interesses do país devem colaborar

para o restabelecimento da ordem. É um dever nacional.⁴¹

O mesmo comunicado afirmava que estabelecimentos pertencentes “a nossos irmãos gregos” teriam sido saqueados.

Mas, a verdade foi outra. O próprio governo, que chamava os gregos de irmãos, tramou os ataques. Em seu livro de 2005, Speros Vryonis⁴² documenta o papel direto da organização Demokrat Parti⁴³ (DP) e dos sindicatos controlados pelo governo em reunir os rebeldes que varreram Istambul.

A Associação “Chipre é turco” recrutou a maioria dos manifestantes no oeste da Ásia Menor. Eram cerca de 500 trabalhadores de fábricas locais, que foram transportados de trem com passagens de terceira classe para Istambul, em troca do equivalente a 6 dólares, valor que nunca foi pago.

Os vândalos foram acompanhados pela polícia de Eskişehir, que foi encarregada de coordenar a destruição e pilhagem, uma vez que o contingente foi dividido em

⁴¹ Publicado no dia 8 de setembro de 1955 no jornal O Estado de S. Paulo.

⁴² Historiador americano de ascendência grega.

⁴³ Partido Democrata que liderava a Associação Chipre é Turco e vários sindicatos espalhados pelo País.

grupos de 20 a 30 homens que atacavam várias regiões simultaneamente.

Caminhões municipais e do governo foram colocados em pontos estratégicos por toda a cidade para distribuir as ferramentas de destruição (pás, picaretas, pés de cabra, varetas e gasolina), enquanto quatro mil táxis foram requisitados da Associação de Motoristas e Sindicato dos Trabalhadores de Veículos Automotores.

Uma manifestação de protesto na noite anterior, organizada pelas autoridades em Istambul, sobre a questão de Chipre e o bombardeio da casa de Atatürk foi o disfarce para reunir os rebeldes.

Às 13h00, as notícias do atentado foram anunciadas por rádio. Porém, como a maioria das pessoas na época não tinha receptores de rádio, tiveram que esperar até as 16h30, quando o diário İstanbul Ekspres, associado ao DP e ao Serviço de Segurança Nacional (NSS), repetiu a notícia impressa. Às 17h, os distúrbios começaram na Praça Taksim.

O saldo foi terrível. Ao todo, 5317 propriedades foram atacadas, entre as quais 4214 casas, 1004 empresas, 73 igrejas, 26 escolas, dois mosteiros e uma sinagoga, com um dano estimado de 500 milhões de dólares.

Não fosse o golpe de Estado de 1960 que levou ao poder os opositores do regime que provocou os ataques em 1955,

talvez a verdade sobre os fatos jamais viesse à tona. Em 1961, o julgamento de Yasslada, acusou o primeiro-ministro Adnan Menderes e o ministro das Relações Exteriores, Fatin Rüştü Zorlu, de planejar os motins. O ministro do Interior, Namık Gedik, também foi acusado de envolvimento, mas cometeu suicídio antes do início do julgamento.

As investigações revelaram que o fusível da bomba do consulado foi enviado da Turquia para a Grécia em 3 de setembro. O estudante universitário de 20 anos chamado Oktay Engin recebeu a missão de instalar os explosivos, em forma de dois bastões de gelignite, no jardim do consulado.

O cônsul M. Ali Balin teria pressionado primeiro o funcionário do consulado Hasan Uçar que não concordou com o atentado forjado. Ambos foram presos após o ataque. Engin nasceu na cidade grega de Komotini, filho de Faik Engin, um parlamentar conhecido no final dos anos 40 e um dos três membros de etnia turca do parlamento grego, entre 1946-1950.

Menderes e Zorlu foram sentenciados à pena capital e, apesar dos apelos ao perdão presidencial e de pedidos de vários líderes mundiais⁴⁴, foram enforcados pela junta

⁴⁴ Como o presidente americano Kennedy e a rainha Elizabeth II do Reino Unido.

militar responsável pelo julgamento nas masmorras da ilha de İmralı, a 17 de setembro de 1961. Engin foi inocentado e negou sua participação até a morte.

O evento ficou conhecido como Pogrom, palavra russa que significa "causar estragos, destruir violentamente". Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra minorias.

V.III – A decisão de partir

A caminhada de Ara até a casa dos Agopyan em meio à destruição que presenciou durou cerca de uma hora. Mas aqueles passos reconstituíram toda uma vida.

Quando chegou, encontrou Hopar de camisa aberta, com o peito à mostra, desesperado por saber se o seu primogênito tinha sobrevivido à tamanha violência. Era primeira vez que via o pai na rua sem a sua gravata borboleta e o terno impecável.

A família toda chorava. Eram as mesmas lágrimas e os mesmos olhos que testemunharam o genocídio. Os mesmos corações que sangraram durante o exílio. As mesmas pessoas, honestas que, mais uma vez eram atacados pelos turcos.

Ara se volta para o pai e anuncia:

- Não quero que meus filhos nasçam aqui.

- O que você vai fazer? – pergunta Hobar.
- Vou embora – promete o filho.
- Você tem dinheiro? – questionou Hobar.
- Tenho 55 dólares

Menos de um ano depois, Ara deixa Istambul, seus amigos e seu passado em busca de um lugar digno para constituir a família e erguer seu patrimônio. A dor daquele início de outono de 1955 ficou marcada como tatuagem no coração desse armênio e dos Agopyan. Era a dor da história de um povo, mais uma vez massacrado.

Capítulo 2

Paris

I – Os primeiros momentos

Em um navio de terceira classe, com oito pessoas na cabine e 55 dólares no bolso, Ara Agopyan deixa Istambul com destino à Marselha e, em seguida, à Cidade Luz, capital cultural da humanidade, berço do pensamento contemporâneo: Paris!!! O ano era 1956.

A passagem foi comprada com liras turcas. Àquela época, era proibido deixar o país com o dinheiro turco em espécie. Ara enrolou suas economias e as colocou no fundo do maço de cigarros que carregava. “Cheguei a oferecer cigarros para o agente da imigração”, conta.

O navio fez uma escala em Milano, na Itália. “Eles gostavam dos cigarros turcos. Vendi por lá e ainda troquei minhas liras”. Em seguida, o navio partiu para Marselha. Lá um armênio esperava por Ara.

Por um curto período, logo após o genocídio, Hobar foi professor em uma escola de Istambul. Entre os seus alunos estava Nubar Havaressian, que se tornaria um industrial em Paris. Mesmo contrariado com a partida do filho, Hobar escreveu para Nubar, que aguardou Ara no porto e seguiu com o jovem em um trem até a capital francesa.

Segundo Heitor de Andrade Carvalho Loureiro⁴⁵, o porto de Marselha, no sul da França, foi a principal entrada de armênios na Europa que desenvolveram naquela cidade uma importante coletividade, assim como em outras cidades da França.

Em média, para percorrer os 660 km que separam as duas cidades, o expresso leva quatro horas. Atualmente, 17 composições fazem o trajeto, ao custo de € 19 quando os bilhetes são reservados com antecedência.

A França que aguardava Ara Agopyan ainda tinha cicatrizes profundas da Segunda Guerra quando o País viveu a ocupação nazista. Terminada a guerra, o Comitê Francês de Libertação Nacional transformou-se em governo provisório da República francesa.

O general Charles de Gaulle passa a ser a figura central nesse período. Em 1958, a Assembleia Nacional outorgou a De Gaulle plenos poderes para governar a França durante seis meses e para redigir a Constituição da V República, aprovada por referendo popular.

⁴⁵ Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Apresentou o artigo “Mascates, sapateiros e empresários: um estudo da imigração armênia em São Paulo” no XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

O País precisava de mão-de-obra estrangeira para se reerguer economicamente. Segundo Angelina Peralva, professora da USP e pesquisadora da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais de Paris, a importação de mão de obra estrangeira passa a ser considerada “um imperativo econômico e pré-requisito para a retomada do desenvolvimento”.

Nesse contexto, para os armênios, a França representava um porto seguro. É o terceiro país que mais recebeu a colônia após a diáspora, contabilizando 450 mil imigrantes. Foi também o primeiro país a reconhecer o Genocídio.

Mas, engana-se quem pensa que a vida era fácil para os imigrantes como Ara. Os trabalhadores estrangeiros conseguiam quando muito atividades braçais. Eram instalados precariamente, de início, nos bairros mais antigos do centro das cidades como Paris. Ainda segundo Angelina Peralva⁴⁶:

À medida que esses bairros eram renovados, e suas construções, portanto, revalorizadas, os trabalhadores estrangeiros foram sendo empurrados para favelas construídas em áreas

⁴⁶ Trecho de “França: imigrantes, estrangeiros, estranhos”, apresentado no Seminário “Terra natal, terra estrangeira — migrações na Europa nos anos 90”, promovido pelo Instituto Goethe de São Paulo em colaboração com o CEDEC e o IDESP, setembro de 1994.

periféricas. Até os anos 60, pelo menos, eles serão, como de resto toda a população francesa, vítimas de um déficit considerável de moradias.

I.I O trabalho e o aprendizado

Na Rue de Soleil, funcionava a fábrica de motores para transformadores do patrício Nubar. Ele morava em frente, no número 13, onde vivia com a esposa e o filho, estudante de engenharia elétrica.

Na França, para tirar carteira de trabalho⁴⁷, naquela época, o funcionário precisava que um empresário fizesse uma declaração dizendo que necessitava daquela mão-de-obra. Em contrapartida, o trabalhador era obrigado a permanecer um ano na empresa.

Ara fazia a bobinagem dos motores, calculando a espessura do fio de acordo com o tamanho do motor. O cobre passava pelos dedos indicador e polegar do trabalhador que foram ganhando calos:

- Eu era capaz de segurar a brasa de um cigarro aceso entre os dedos – conta.

O salário era algo em torno 36 mil francos por mês, o equivalente a cerca de 100 dólares. “Era uma miséria, mas,

⁴⁷ Ara Agopyan ainda possui sua carteira de trabalho francesa, assim como a carteira de motorista.

como na Turquia éramos pobres, esse valor nem parecia tão pouco”.

Nubar conduziu Ara até o sul de Paris, no distrito de Choisy Le Roi, onde funcionava a Maison Armênia, um centro de acolhimento de imigrantes e refugiados que, desde o genocídio, abrigava os armênios em Paris.

Este edifício acolheu famílias de sobreviventes do genocídio durante décadas, graças à generosidade de Madame Noémie Capamadjian, que, em 1926, ofereceu o imóvel à rua Rouget de L'Isle número 11, para a UGAB (União Geral Armênia de Beneficência).

Eram pequenos apartamentos, com um quarto e uma cozinha. Ara dividia o local com uma família de parentes de Nubar- uma mulher e seus dois filhos de 8 ou 10 anos, também armênios imigrantes da Turquia.

- “Improvisaram uma cama na cozinha e era lá que eu dormia”, conta Ara.

Ara se recorda que tentou ensinar a língua armênia e também um pouco de matemática e geometria para os filhos daquela senhora, sem sucesso. Os meninos não eram dos mais inteligentes e o professor também não primava pela paciência, como seus próprios filhos atestam até hoje.

Aquele jovem eletricitista que trocou a universidade pelo serviço militar tentava juntar o que podia para iniciar sua história naquele país, longe da violência turca e perto da liberdade e da fraternidade nem sempre explícitas na capital francesa.

Ara nem imaginava que viria a ser um empresário da indústria da moda. Mesmo assim, quis o destino que aquele jovem armênio estivesse no epicentro do chamado renascimento da elegância, quando os maiores nomes da moda contemporânea davam as cartas em Paris.

Reinavam absolutos Christian Dior, Jacques Fath e Cristóbal Balenciaga. E gravitavam ao seu redor, Schiaparelli, Chanel, Jacques Heim, Pierre Balmain, Jacques Griffe, Hubert de Givenchy e Pierre Cardin.

Mas a Paris de Ara Agopyan era muito mais transpiração que inspiração. Só dois anos depois da sua chegada foi ao cinema pela primeira vez. “Escrevi para o meu pai dizendo que joguei a nota no guichê sem perguntar o preço”, afirma.

I.II A Paris de Ara Agopyan – o metrô, os lugares que marcaram a história

Da Maison Armênia até a estação de trem mais próxima eram quase dois quilômetros de caminhada. “Aquilo era

mais do que comum para mim. Aliás, se fosse correndo ninguém me alcançava”, relembra Ara.

De trem começava sua viagem diária até a imponente Gare D’Austerlitz, estação com enormes estruturas metálicas construída em 1840, à margem esquerda do Rio Sena, originalmente chamada Gare d’Orleans.

De lá, Ara seguia até a estação Chatelet, ponto de interligação com o metrô que o levaria à Place des Fêtes, estação que, desde 1935 ocupa um edifício de estilo Art déco, bem próximo à Rue de Soleil.

Os trilhos eram sua segunda casa. O jovem que chegou de Istambul rapidamente se acostumava com os labirintos do sistema de trens e metrôs parisienses e além dos bairros, dos mais charmosos aos mais pobres da Cidade Luz.

Paris tem o segundo Metrô mais antigo do mundo⁴⁸, inaugurado em 1900 pela *Compagnie des Chemins de Fer* (Companhia de Caminhos de Ferro). A cada dia são perto de 4,6 milhões de pessoas que utilizam as 302 estações do metrô, divididas sobre 219,9 km de vias e 16 linhas.

De uma única linha em 1900, o Metrô passou para 10 linhas já em 1911, antes de atingir seu número atual em

⁴⁸ O Metrô mais antigo do Planeta é o de Londres, inaugurado em 1863.

1998 com a abertura da linha 14, totalizando mais de 300 estações e 383 pontos de parada.

Ara Agopyan lembra com carinho do ticket que comprava em quantidade (5 folhas) para conseguir a passagem pela metade preço. A condição era viajar durante o dia, saindo sempre da mesma estação. A noite os passes podiam ser usados livremente.

Essas passagens são um souvenir que os turistas colecionam e seu formato até hoje é o mesmo dos tempos de Ara (6 cm x 3 cm). São vendidas perto de 600 milhões de unidades por ano. O ticket do metrô de Paris é quase tão emblemático quanto o próprio modal.

Na primeira greve de transportes que enfrentou, Ara caminhou cerca de 25 da Maison até a rue de Soleil, causando espanto no patrão. “Trabalhava por hora e não podia perder nenhum minuto de salário”, justifica.

Nessas idas e vindas, Ara conheceu a família Genasian, que morava no quinto andar de um prédio da Rue Lafayette – a mesma onde funciona a célebre Galerie Lafayette, loja de departamentos francesa, fundada em 1912. É também nessa rua onde Ara relembra os sabores de Istambul em um restaurante muito especial.

É o Les Diamantaires, ponto de encontro de joalheiros, criado em 1929, que oferece pratos típicos da cozinha armênia, grega e libanesa como Madzunov (quibes

recheados servidos com coalhada fresca) e o Souvlaki (espetos gregos grelhados).

“Ficávamos no balcão à espera de um cozinheiro, um patrício armênio”, recorda Ara que conseguia um prato por um preço especial, mesmo assim praticável apenas em dia de pagamento.

I.III Os amigos em Paris

Os Genasian eram pessoas muito simples e batalhadoras. O chefe da família fabricava cozinhas. Era um vegetariano muito preocupado com a qualidade da alimentação e os riscos da ingestão de carnes, o que era incomum naquela época. Ele fazia geleias sem acrescentar açúcar, apenas com o doce das frutas.

Sua esposa costurava para ajudar no orçamento doméstico. Não raro, Ara jantava naquela casa que o recebeu sempre de braços abertos. Antes de ir embora, o jovem sempre levava o lixo para o descarte.

- Vocês sempre me servem uma ótima comida e um presente – brincava Ara com os patrícios se referindo ao saco de lixo.

O filho do casal, Felix Genasian estudava odontologia e fazia instalações elétricas nas horas vagas, mas morria de medo de machucar as mãos. “Eram um menino

maravilhoso”, lembra Ara do amigo que passou a recomendá-lo para esses serviços.

Outro personagem passa a fazer parte integrante dos seis anos de Ara por Paris. “Era uma amizade de miséria”, conta Ara ao lembrar de Achod Merdinian⁴⁹. Eles trabalhavam no mesmo bairro e o amigo fabricava clichês de chumbo.

- Tomava dois litros de leite por dia para não ser envenenado, recorda Ara.

Mais tarde o amigo conseguiu trabalho na mesma empresa que Ara trabalhava, o que aprofundou a relação entre eles. “Quando tínhamos fome, juntávamos o que tínhamos no bolso e comprávamos algo para dividir”, descreve Ara com emoção.

Na mesma época, Ara reencontrou o amigo de Istambul Agop Kirmizyan, nascido em Bucareste (Romênia), que vivia em Paris com seus pais. Os amigos jogavam basquete juntos no time da Snecma (Société Nationale d'Étude et de Construction de Moteurs d'Aviation).

As amizades entre armênios se fortalecem na mesma medida das dificuldades que os patrícios enfrentam. A solidariedade é parte integrante da história dessa

⁴⁹ O amigo morreu no ano de 2019 vítima de um câncer.

migração na França, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo.

Felix indicou para Ara uma empresa especializada em instalações elétricas. O endereço era rue Bergere, número 3030. “Era uma loja pequena que fazia concertos no bairro inteiro”, conta Ara. O salário oferecido foi 80 mil francos mensais.

Ara aprendera a lidar com instalações elétricas na Turquia e Paris era uma cidade em transformação com o fim da guerra e a chegada de eletrodomésticos de todo o tipo anunciando um novo momento de prosperidade. Ou seja, não faltava serviço.

Ainda empregado na fábrica de Nubar, quando pediu seu afastamento, Ara levou uma bronca do patrão. Ele temia que o funcionário chamasse a atenção dos outros empregados para a possibilidade de um ganho maior.

Ara chegou a passar mais de um ano na nova empresa onde fez um pouco de tudo. “Cheguei a dirigir o caminhão deles inclusive”, recorda. O armênio trabalhava com outros dois funcionários, Raymond e Robert. Havia na entrada da loja uma caixa cheia de fichas, com as solicitações de serviços. Eles faziam os orçamentos e, uma vez aprovados, executavam os serviços.

- Também conseguia fazer alguns bicos à noite e juntava até 110 mil francos – recorda Ara.

Para fazer esses trabalhos esporádicos a grande dificuldade era conseguir matéria-prima já que os franceses não vendiam nada sem nota fiscal. “Comprava na loja de um armênio e tinha que sair correndo para não ser flagrado pela fiscalização”, lembra.

Em um desses bicos, o jovem ficou encantado com uma moradora, mas se deparou com uma situação totalmente inusitada. Ara percebeu que a companheira de moradia da sua cliente não deixava o eletricista sozinho com a moça. Era um casal homossexual, coisa rara nos anos 60, mesmo na Europa.

Outro serviço marcante foi a reforma de uma igreja que teve suas cúpulas de vidros quebradas e os pombos invadiram o local gerando pilhas de dejetos e pássaros mortos. Ara propôs uma adicional de insalubridade para o patrão que mandou ele cobrar o valor dos pombos.

O trabalho necessário poderia ser concluído em 110 horas. Mas, o patrão, ganancioso, quis cobrar 300. Resultado: os funcionários se revezavam entre idas e vindas em um cinema para consumir o tempo proposto.

- Quem ganhou com isso? Se tivéssemos trabalhado as horas corretas rapidamente estaríamos em outro local, ganhando mais dinheiro – calcula Ara.

Outro endereço de trabalho que marcou a vida de Ara foi uma fábrica na Rue des Maronites, onde o armênio

trabalhava sozinho. Nesse prédio, havia a casa do zelador que chegou a ser invadida por moradores de rua. Estava tudo muito sujo.

O patrão ofereceu o local como moradia para o funcionário que não poupou esforços para deixar o quarto em condições uso. “Coloquei tábuas no lugar dos vidros e raspei o chão que tinha um desnível de quase quatro centímetros”, lembra Ara. O pior era o que provocava essa diferença: fezes humanas acumuladas.

Foram três dias de muito trabalho que consumiram um macacão de sarja que Ara gostava muito. De tão sujo teve de ser queimado e substituído por roupas militares americanas que o armênio comprou em um mercado de pulgas de Paris.

O bairro tinha forte presença de norte-africanos em conflitos constantes com os franceses pelo território argelino cuja independência foi conquistada em 1962. Na noite de um sábado, Ara foi abordado pela polícia e estava sem documentos.

O policial jogou o armênio no carro apelidado de *Panier des salade*⁵⁰. No camburão, um argelino bêbado recitava poesias e jogava a boina no assoalho em protesto. Quando

⁵⁰ Porque tinha uma grade que se assemelhava a uma peneira usada para lavar as folhas.

chegaram à delegacia, outro companheiro de viatura exigia seus direitos aos berros.

Um policial deu-lhe um safanão, mas não adiantou. O delegado pediu então que o sujeito tirasse a jaqueta. Quando o preso estava com os braços imóveis pelo casaco, deu-lhe um tapa que o levou ao chão.

Ara se recorda que os presos, antes de serem levados às celas, eram obrigados a tirar cintos e cadarços para evitar que eles se machucassem e, depois, denunciassem a polícia por maus tratos. Por fim, quando perceberam que Ara não tinha nada a ver com os africanos, foi dispensado.

- Saí correndo antes da ronda seguinte - lembra.

A vida não era fácil. Eram raros os momentos de lazer diante de tanto trabalho. Mesmo assim, as vezes era possível. No final da Copa de 1958, Ara acompanhou o jogo Brasil versus Suécia pela televisão de uma vizinha. Pelé, Garrincha, Pepe e companhia golearam por 5 a 2.

Na França, durante as férias, trabalhadores viajavam com passagens pela metade do preço, desde que comprassem bilhetes de ida e volta. Aproveitando essa chance, ao lado

de um amigo, partiu para a pequena Douville⁵¹, cidade praiana, à beira do Atlântico.

Lá funciona até hoje o sofisticado Casino Barriere, onde, na primeira noite Ara faturou 30 mil francos apostando na roleta. Nas noites seguintes, entretanto, perdeu tudo. Já em Paris, sem um tostão no bolso ficou sem comer por dois dias - o suficiente para aprender a lição e nunca mais desperdiçar dinheiro com o jogo.

I.IV O acidente

Tudo ia muito bem até a tarde de 30 de janeiro de 1960. Ara fazia um concerto numa garagem quando resolveu fazer uma acrobacia entre uma viga de sustentação do local e uma escada. O jovem acabou despencando de uma altura de cerca de seis metros.

Os colegas tentaram ajudar, mas Ara não conseguia ficar em pé. As pernas não respondiam mais. O armênio foi socorrido por policiais que o levaram ao Hospital

⁵¹ Deauville é uma comuna no departamento de Calvados, na região da Normandia, no noroeste da França. É considerada a "rainha das praias normandas".

Boucicaud ⁵², onde ficou deitado de bruços sofrendo uma dor terrível.

Ara tentou movimentar as pernas, sem sucesso. Pela primeira e única vez na vida aquele armênio forte e determinado cogitou o suicídio. Só desistiu da ideia porque constatou que abaixo da cintura nem tudo estava sem movimento. Havia uma chance!

Na primeira visita médica, uma enfermeira introduziu na base das costas de Ara uma agulha do tamanho de uma caneta e tirou 750 ml de sangue e plasma acumulados com o ferimento.

- Cheguei a entortar uma cama metálica com as mãos para resistir à dor sem gritar – conta Ara.

Ara ganhou um dreno de pressão que retirava o líquido das suas costas, em um pote sempre cheio de um líquido que mais parecia com um vinho tinto. Por isso, ganhou logo o apelido de bêbado.

Mesmo reconhecendo a excelência do sistema de saúde francês, Ara passou por dificuldades durante quase dois meses de internação. Uma mãe responsável pelo andar onde Ara estava internado, tramava para dar alta ao paciente antes dele recuperar os movimentos. Ara reagiu:

⁵² O nome presta homenagem a um casal de filantropos Marguerite e Aristide Boucicaud. Aristide Boucicaud (1810-1877) é o fundador do famoso Bon Marché. Sua esposa fundou o Hospital.

- A senhora é muito gentil. Sei que quer me tirar daqui. Pode ficar tranquila que sou um homem forte e vou me recuperar. Quando isso acontecer, volto aqui para quebrar seu pescoço – sentenciou.

A religiosa reagiu:

- Imagina, só queria mudar o senhor de cama.

E não era apenas Ara, a vítima da madre. Outro paciente com duas pernas e um braço amputados recebia seu prato com um bife inteiro para comer o que, por óbvio, era impossível para o paciente. A solução era pedir ajuda para o “bêbado”, sempre solícito.

- Colocava meu potinho embaixo do que restou do braço amputado daquele homem e cortava a carne – conta Ara.

O fato é que a madre estava com raiva do armênio que insistia em fumar no recinto, usando uma cuspeira como cinzeiro. Ele ficava de olho em um espelho colocado estrategicamente na entrada do andar e, quando avistava a religiosa, apagava o cigarro.

Durante o período que ficou internado, quase dois meses, não contou à família o que havia ocorrido. Lia notícias nos jornais distribuídos no Hospital e narrava os fatos nas cartas para os parentes em Istambul como se estivesse tudo normal.

A solução para os problemas veio das mãos do velho Genasian que, em visita a Ara, trouxe um saco com um pó curativo que era despejado sobre as refeições. Quinze dias depois de iniciar o tratamento, o doente estava em pé novamente.

As dores, entretanto, acompanharam Ara por anos. Chegou a consultar um médico que infiltrou um líquido nas suas costas para diminuir seu sofrimento. Mas a dor da injeção não valia à pena e o paciente jamais repetiu a dose.

Ara também passou por exames de médicos do Governo Francês que constataram que o eletricitista perdera 15% da sua capacidade física. Como indenização vitalícia, passou a receber mensalmente um benefício equivalente a cerca de mil reais.

Já fora do apartamento que seu patrão cobrou ainda durante a internação, Ara passou a viver em uma casa de família, onde alugou um quarto. O banheiro era dividido com os outros moradores.

Seu último endereço de trabalho foi a Rue D'Aboukir, próxima à estação Sébastopol do metrô. Durante o dia, era uma rua de confecções de imigrantes judeus. À noite, era o maior polo de prostituição parisiense. "Eram quase duas mil mulheres", se recorda Ara.

Trata-se de uma localidade histórica. No número 11, viveu ninguém menos que Napoleão Bonaparte, em 1795. A rua nasce de uma bifurcação com a Rue Saint-Denis um dos centros da Rebelião de junho de 1832⁵³, imortalizada no romance *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Esse triângulo forma um charmoso boulevard, hoje povoado por lojas modernas. A prostituição dos anos 50 diminuiu muito, mas deixou heranças como uma série de sex-shops, diversão para turistas e parisienses interessados nos equipamentos para o prazer.

Foi nesse pedaço especial de Paris que Ara Agopyan recebeu uma proposta que poderia mudar o curso da sua história. Era uma loja com cerca de seis metros de frente. O lugar era cheio de equipamentos para instalações elétricas.

“Tinha um caderno pendurado na entrada, onde as pessoas anotavam o endereço dos serviços que tinham de ser realizados”, conta Ara. O proprietário queria vender a loja por 300 mil francos. Mas, a loja teria de ser passada para o nome de um cidadão francês, já que estrangeiros não podiam tocar negócios próprios na França.

⁵³ A rebelião de junho de 1832 ou a revolta de Paris de 1832 (em francês: *Insurrection républicaine à Paris en juin 1832*), foi uma insurreição anti-monarquista dos republicanos parisienses.

A possibilidade de empreender na Europa foi interrompida por uma carta de Hopar. Ressurge de forma definitiva na saga de Ara a figura do tio paterno, Garabed Agopyan, um dos muitos armênios que vieram para Marselha e, sentindo o cheiro da II Grande Guerra, atravessaram o oceano. O destino? O mesmo que Ara seguiria – O Brasil.

I.V Orient Express

Durante os anos em que viveu na França, antes de embarcar para o Brasil, Ara Agopyan retornou três vezes para sua terra. Na primeira, a viagem aconteceu a bordo de uma lenda das ferrovias, o Orient Express.

Esse luxuoso trem que ligava Paris a Istambul iniciou sua história em 1872 quando Georges Nagelmackers, criou a Compagnie Internationale des Wagon-Lits, a primeira na Europa a introduzir vagões-dormitório e restaurantes nas composições.

Ao longo da história, as rotas do Orient Express foram alteradas diversas vezes. Apenas em 1889, a linha completou o seu percurso ligando a Europa ao Sudeste Asiático. O serviço foi interrompido durante as duas Grandes Guerras e retomado em seguida.

Nos anos 30, o expresso viveu seu apogeu. Em 1972, o Orient Express fez sua última viagem até Istambul. Na atualidade, opera apenas um trecho entre Londres e Viena, com passagens que custam em torno de R\$ 28 mil.

Quando Ara retornou para Istambul, a linha vivia um momento de crise e era possível viajar por preços bem mais acessíveis em cabines com até seis passageiros. Mesmo assim, o Orient Express não perdia sua aura glamurosa.

- Por ser um vapor, era muito veloz. Tinha poltronas largas e confortáveis – comenta Ara.

A viagem durou duas noites e três dias. Ara chegou à velha Constantinopla por volta da meia noite e foi recebido com alegria pela sua família. Hopar surpreendeu o filho com uma atitude inédita: ofereceu-lhe cigarro.

À época, Ara era um fumante – como quase a totalidade dos homens do seu tempo - porém jamais o faria diante de seu pai. Fumar era algo restrito aos momentos com os amigos, longe de casa. Seria um sinal de desrespeito sacar um cigarro ao lado de Hopar.

Mas, como a oferta partiu de Hopar, Ara aceitou:

- Acendi o cigarro e deixei no cinzeiro. Não consegui fumar perto dele – recorda o filho.

Em Istambul, Ara visitou amigos e parentes. Um dos momentos mais importantes dessa primeira viagem foi o encontro com os colegas de escola. Foi um jantar com 18 amigos. Antes de iniciar a refeição, em silêncio, rezaram pelo colega Onnik Fidjian, o primeiro dos 29 da turma a falecer com um câncer violento.

I.VI Prisão na Bulgária

No ano seguinte, o filho de Hopar estava de volta a Istambul. Vale lembrar que eram anos de Guerra Fria e a cortina de ferro dividia o planeta em dois grandes blocos, o capitalista – liderado pelos americanos – e o comunista – sob a batuta da União Soviética.

No caminho para a Turquia, as restrições no trânsito de pessoas entre os países passavam pela burocracia típica desses tempos. Vistos, permissões e autorizações para entrar e sair de nações de blocos diferentes eram uma rotina cansativa e tensa.

Após algumas semanas em Istambul, o armênio retornou com um cesto especial preparado pela mãe. O viajante carregava enormes pêssegos perfumados para degustar no trajeto. Para melhorar, seguiria a viagem em uma cabine com duas lindas moças francesas.

Na fronteira com a Bulgária, entretanto, o fiscal da alfândega ao conferir os documentos, tirou Ara e suas bagagens do trem. Sem entender o idioma, o armênio foi

socorrido por outro passageiro que traduziu o que dizia o oficial com a estrela vermelha.

O consulado búlgaro de Paris havia cometido um erro. Ara tinha visto de entrada, mas não de saída daquele país. Terminou preso em uma sala da estação.

- Só não fui algemado porque não cometi crime algum – conta Ara que comeu algumas frutas e adormeceu no seu cárcere improvisado.

Seu sono foi interrompido por um búlgaro gritando ‘trem, trem, trem’. Sem pensar, o armênio embarcou no primeiro vagão e seguiu. Rapidamente, entretanto, notou que a composição seguia no sentido contrário, em direção à Istambul.

Se retornasse teria problemas sérios. O Governo francês emitia em favor dos turistas que moravam em Paris uma declaração atestando que eram trabalhadores e, portanto, retornariam ao País.

Mas, essa declaração ficava retida com as autoridades turcas, como aconteceu quando Ara saiu de Istambul. Se voltasse, portanto, não conseguiria sair novamente. Decidiu então desembarcar na fronteira tríplice entre Bulgária-Turquia-Grécia, nas proximidades de Edirne.

Quando chegou na alfândega ouviu a saudação:

- Oi Ara, de onde vc veio? – dizia o oficial.

Era um militar turco que havia servido com Ara. Pra melhorar, apesar de baixinho, o rapaz adorava basquete e, para ficar perto dos integrantes do time, atuava como ajudante carregando bolas e equipamentos.

O companheiro de farda disponibilizou um jipe que levou Ara até uma chancelaria que concedeu um visto para o armênio. Antes de pegar o trem que o levaria , Ara e o turco foram ao cinema e jantaram na cidade.

O amigo foi dormir enquanto Ara tirava um cochilo em uma poltrona na estação. As 2h30 da madrugada, um segurança acordou o armênio porque o trem havia chegado.

Quando chegou em Belgrado Um carregador se aproximou para levar as malas.

- Eu alertei que só tinha dinheiro turco e ele concordou – lembra.

Mas, quando chegou o momento de acertar os valores, o rapaz exigiu Dinares (moeda iugoslava). A situação começou a ficar tensa. Ara, usou de um recurso inteligente:

- Parei um policial e disse que eu era estudante. Comunistas respeitam muito os estudantes e eu sabia disso. Disse que o carregador queria me bater porque exigia a moeda iugoslava – conta.

Resultado: o carregador levou um belo chute no traseiro e Ara foi escoltado até a sua cabine pelos policiais que tiveram o cuidado de fechar as cortinas para que ninguém incomodasse o ‘estudante’ a bordo.

I.VII Perseguição

Como era militar da reserva, Ara tinha que se apresentar anualmente no Consulado turco de Paris. Numa dessas apresentações, o armênio ouviu uma conversa entre o funcionário do consulado ao telefone sobre alguém que faria a viagem Paris – Istambul de carro e queria uma companhia para dividir as despesas.

O funcionário cedeu os contatos para Ara que descobriu que o viajante era um amigo de escola de sua irmã e o melhor: era armênio. Partiram em um Citroen 2 cavalos, um dos carros mais vendidos do mundo naquela década de 60.

Seguiram até Estrasburgo, no leste da França, e entraram na Alemanha. Ara ficou impressionado com as estradas construídas pelo carrasco nazista Adolf Hitler. Cinco pistas com perfeita pavimentação.

Já em Viena, os amigos atravessaram montanhas nevadas até a Iugoslávia comunista onde a dupla poderia permanecer apenas por uma noite. O acompanhante de Ara tentou se hospedar em um hotel de Belgrado mas foi informado que estrangeiros só poderiam ficar no Metropol

Palace, hospedagem de luxo naquela cidade. Para economizar, dividiram um quarto.

No dia seguinte seguiram para a Bulgária, País que teriam de atravessar no mesmo dia, como exigiam as autoridades comunistas. Logo na fronteira, um fiscal ficou encantado com o barbeador elétrico que Ara carregava.

- Ele quase abriu o estojo ao contrário – conta Ara.

Na estrada, a caminho da Turquia, Ara notou que uma Mercedes com quatro homens a bordo os seguia. Quando a dupla parou em uma banca que vendia frutas, no caminho, lá estava o carro e aqueles sujeitos.

A perseguição só terminou quando os armênios entraram na Turquia. A inteligência búlgara, não tão inteligente assim, perseguia os pobres viajantes para garantir que nada fariam de errado naquele país.

Mais uma vez, Ara passou semanas ao lado da sua família e retornou a bordo do Orient Express, já que o companheiro voltara antes para a França. Essa seria a última viagem de Ara para sua terra natal antes da mudança para o Brasil.

O armênio não sabia, mas era a última vez que veria seu pai com vida.

II – A decisão pelo Brasil

Jânio Quadros presidiu o Brasil entre janeiro e agosto de 1961 quando, para espanto geral da nação, renunciou alegando que ‘forças ocultas’ o impediam de continuar no cargo. Foi um dos políticos mais populares do seu tempo e sua carreira meteórica só terminaria após voltar a comandar o Prefeitura paulistana em 1985.

Era também a única referência que o jovem Ara Agopyan tinha do Brasil. Nem ele sabe a dizer como ouviu falar daquele político. O certo é que, anos antes da renúncia, desembarcava em Istambul a figura enigmática do tio Garabed Agopyan.

O irmão de Hopar se dizia um milionário que teria edificado sua fortuna no triângulo mineiro, na prosaica Uberlândia, terra de criadores de gado no sudoeste das Gerais. O sujeito falante se dizia um grande empreendedor.

Os Agopyan viviam em uma casa pequena, alugada quando Hopar retornou do exílio. Ara dormia no quarto com sua irmã mais nova que cedeu a cama para o tio que tinha sérios problemas de audição.

“Eu falava com ele usando uma espécie de rádio para que ele pudesse ouvir”, comenta Ara. O tio descrevia uma vida de prosperidade e riqueza naquele Brasil tão distante para o ingênuo menino armênio que não tinha como questionar o parente.

- Ele envenenou minha cabeça – recorda.

II.I – As correspondências

Depois da partida de Ara para a França, a família se manteve em contato semanal trocando centenas de correspondências. Eram páginas e páginas de papel escrito narrando tudo o que se passava com o jovem Agopyan que ganhava o mundo.

Mesmo distante e contrariado com a partida do filho, Hobar não deixava de fazer o possível para que Ara trilhasse um caminho de sucesso para onde quer que fosse. Usava suas influências para proporcionar o melhor para o rapaz.

Em um mundo sem email e com o telefone como algo muito caro para trabalhadores armênios como Hobar e Ara, era pelas cartas que a família se mantinha unida. Isso sem falar no gosto do patriarca Agopyan pelas letras e pelo próprio idioma e alfabeto preservado em cada missiva trocada com o filho.

No final de 1961, Hopar escreve dizendo que Garabed tinha oferecido uma oportunidade de ouro para Ara. Mais: afirmava que, caso o trabalho oferecido não desse resultado o tio pagaria a passagem de volta para Europa.

Garabed queria fazer do sobrinho um administrador dos seus negócios no Brasil. Sem saber a real situação do parente, Ara pesou os prós e contras de uma saída da França, onde os negócios não iam mal, mas também não era uma vida fácil.

Os franceses eram muito corretos no trato com os impostos e morriam de medo de fazer qualquer negócio que não fosse rigorosamente dentro das normas tributárias. Ou seja, nada de caixa dois.

Para Ara prosperar na França, por outro lado, tinha que atuar à margem do sistema, porque como estrangeiro não poderia operar. Já em Uberlândia, na empresa de um tio legítimo, irmão de Hopar, tudo poderia ser diferente.

E, se desse errado, poderia voltar. Então, por que não?

Ara só retornou à França mais de 20 anos depois. Chegou a rever Felix que, dentista consagrado, morava no local mais caro da capital francesa, onde inaugurou sua clínica, próxima ao Arco do Triunfo.

O fato é que o amigo não soube administrar o dinheiro que ganhou. A casa estava inacabada. O dentista e sua

família viviam entre caixotes e Felix chegou a pedir dinheiro para Ara, com intuito de terminar a obra.

Em outra viagem para Paris, alguns anos depois, Ara vasculhou as listas telefônicas da capital francesa, mas não encontrou seu amigo.

Nessa época, Ara descobriu que Achod estava em Vancouver, no Canadá. Não teve dúvidas, pegou um avião e foi visitá-lo. Na mesma viagem, soube que Felix havia falecido. Achod morreu de câncer em 2019.

Já Agop inaugurou uma fábrica na França e enriqueceu. Quando Ara visitou o local, o amigo se escondeu achando se tratar de um pedido de empréstimo. Jamais se falaram.

- Na pobreza há mais sentimento que na riqueza –
conclui Ara.

II.II A viagem de navio

Nos primeiros dias de janeiro de 1962, Ara Agopyan embarcou no transatlântico Louis Lumière⁵⁴, que partiu de Le Havre, na região da Normandia, palco da batalha

⁵⁴ Assim nomeado em homenagem a um dos inventores do cinematógrafo, máquina projetora de frames fotográficos que deu origem ao cinema.

histórica que marcaria o início do fim da Segunda Grande Guerra, no verão de 1944.

Essa cidade portuária, a 176 km a oeste de Paris, foi quase totalmente destruída durante a Guerra. A cidade perdeu mais de cinco mil civis foram, teve 12,5 mil edificações destroçadas e 80 mil pessoas ficaram desabrigadas.

O porto onde Ara embarcou - assim como toda Le Havre - foi reerguido a partir do projeto do arquiteto⁵⁵ Auguste Perret e do urbanista Feliz Brunau. Hoje Le Havre é considerada Patrimônio da Humanidade.

O Lumière, navio da armadora Chargeurs Réunis, navegou por quase 20 anos. Fez a viagem inaugural em 1952. Deslocava 12 mil toneladas, media 157 metros de comprimento e tinha capacidade para 375 passageiros em duas classes.

A linha Havre/Buenos Aires e portos intermediários também conhecida como Rota de Ouro e Prata era a principal conexão por mar entre a Europa e a América do Sul. As empresas que operavam essa rota se reestruturaram após a guerra e viviam um momento de retomada das viagens naquele início da década de 1960.

⁵⁵ O brasileiro Oscar Niemayer também deixou sua marca com a obra Le Volcan, um centro cultural na França, inaugurado em 1982

Até hoje não são raros os registros e lembranças do Louis Lumière entre viajantes brasileiros que, no caminho de volta para Europa, desfrutaram do navio que guardava um certo charme, mesmo estando longe de ser uma embarcação luxuosa.

Ao atravessar a linha do Equador o Lumière se transformava num grande salão de festas. Ara foi eleito Netuno, o Deus grego dos oceanos, e fantasiado como tal. “O capitão acabou escapando de um banho de piscina com farinha que os passageiros estavam tramando”, recorda.

Para percorrer os 8.620 km que separam o Brasil e a França por mar, um navio leva, no mínimo 13 dias, tempo suficiente para muita comida, bebida e até uma paquera. Logo na primeira noite da viagem, Ara conheceu uma linda moça que conversava em francês com uma amiga.

Ela era chilena, estudava na França estava a caminho do seu País para rever seus familiares. Ara não teve dúvidas. Conquistaria aquela latina.

À sua espera na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, estava um amigo de Garabed, cuja família receberia o viajante com um jantar. O patrício seria reconhecido por um livro que portava. Ara aproveitou um aviso de atraso do navio em função de um problema nas máquinas e passou o primeiro dia no Brasil ao lado da bela chilena.

- Até hoje eles estão me esperando para jantar – brinca.

Naquele 1962, o jovem armênio de xx anos pisava em uma terra de oportunidades às quais se agarraria com a tenacidade que aprendeu com Hopar.

- Não tenho a menor ideia de como consegui me deslocar do navio até um hotel, no dia seguinte, até a rodoviária – comenta Ara.

O armênio sabia falar a língua do seu povo, também dominava o turco e o francês que aprendera durante os seis anos em Paris. Mas, de português só conhecia uma palavra: o vocábulo ‘mais’.

É que, na aproximação do Lumière com a costa brasileira, uma tempestade que durou mais de três dias fez o navio balançar demais. A maior parte dos passageiros não resistiu ao balanço e, como dizem os marinheiros, marearam, enjoados.

Para Ara, nascido e criado em Istambul, cercado pelo oceano, isso não era problema. Além do que, tinha uma fome “de lobo”. Sentado sozinho em uma mesa para oito pessoas, o viajante tentava dialogar com o garçom que oferecia a comida, com a pergunta:

- Mais, senhor?

Ara chamou o maitre que explicou o que o garçom queria dizer. Não teve dúvida pedia mais, mais e mais: comida e bebida de sobra.

II.III - Kristos dzenav yev haidnetsav

O dia era 5 de janeiro de 1962, véspera do Natal armênio. Desde o início do cristianismo e durante os primeiros três séculos, toda a cristandade celebrou o Natal no dia 6 de janeiro. O 25 de dezembro entra no calendário católico somente no século IV.

A alteração da data foi feita em Roma colocando o Natal no mesmo dia da cerimônia do Deus-Sol, uma festa pagã. A igreja católica, mantém no dia do Natal armênio o seu Dia de Reis, quando o menino Jesus recebeu os magos árabes com seus presentes.

No seu Natal, os armênios se saúdam com a expressão “Kristos dzenav yev haidnetsav”, que quer dizer “Cristo nasceu e se revelou”. E a resposta é “Tsez yev mez medz Avedis”, que significa “A vós e a nós a boa nova”.

Nada mais simbólico para aquele rapaz que comemorar a ‘boa nova’ nessa nova pátria. Apesar de todas as dificuldades e lutas, é no Brasil que Ara Agopyan iniciou uma história de prosperidade e amor.

As turbulências do Lumière também eram sentidas em solo brasileiro. A renúncia de Janio Quadros, a única

referência de Ara sobre o Brasil, levou ao poder o João Goulart que dois anos mais tarde seria derrubado por um golpe militar.

Em plena Guerra Fria, o Brasil era um local estratégico para as grandes potências que assistiram anos antes a revolução cubana. No final daquele ano, o mundo assistiria à crise dos mísseis que poderiam ter levado EUA e URSS à terceira guerra mundial.

Mesmo assim, em tempos de bossa nova e crescimento econômico impulsionado pelos investimentos internacionais, o País era um celeiro de possibilidades que os imigrantes como Ara souberam aproveitar como muitos brasileiros não o fizeram. Os problemas no Brasil não chegavam aos pés do sofrimento das minorias na Turquia.

Mas, antes de surgir o empresário, o pai e o marido, havia mais uma cidade na vida de Ara Agopyan. De Istambul para Paris, de Paris para o Rio e da capital carioca para o triangulo mineiro, Ara seguiria agora para Uberlândia, onde conheceria a verdade sobre o tio.

A saga do armênio em solo brasileiro estava apenas começando.

Capítulo 3

Uberlândia

I – A chegada e os contrastes

A Paris do início dos anos 1960 era uma cidade consolidada, com mais de dois milhões de habitantes, entre os quais centenas de milhares de imigrantes, uma vida cultural e urbana intensa, o melhor metrô do mundo, todas as crenças, cores e sabores.

Uberlândia tinha menos de 90 mil habitantes. Era uma cidade com 170 ruas, apenas 12 avenidas, 12 praças, dois clubes, duas salas de cinema e uma economia baseada no beneficiamento de arroz, algodão e criação de gado bovino.

Os quase mil quilômetros percorridos em mais de 17 horas de ônibus entre a Praça Mauá no Rio de Janeiro e a cidade mineira anunciavam uma distância ainda maior entre a pujança da Cidade Luz e a provinciana Uberlândia.

Em outras palavras, o jovem Ara Agopyan deixava a capital cultural da humanidade para adotar como sua primeira cidade no Brasil a pacata ‘princesa’ do Triângulo Mineiro – terra cheia de vontade de crescer, mas muito, muito distante da urbanidade parisiense.

Outra surpresa estava por vir. Ara também descobriria que seu tio, Garabed Agopyan não era o milionário que

dizia ser. Seu império estava resumido a uma loja. E o irmão de Hobar, nem de longe, gozava da mesma sabedoria e generosidade do parente armênio.

Ara desembarcou em um marco geográfico importante de Uberlândia. Como descreve o portal da cidade⁵⁶:

Uberlândia é uma cidade que, como muitas, nasceu no entorno de uma capela. Como símbolo de uma comunidade que se pretendia organizada e civilizada, os moradores pediram ao Bispado a permissão para a construção de uma Capela Curada, a ser dedicada à Nossa Senhora do Carmo. Desta forma, construída em adobe e barro nas suas formas mais simples em termos arquitetônicos, ela foi idealizada em 1846.

A capela se transformou em um lindo templo, sede religiosa da cidade até 1941. Dois anos depois, a matriz católica passou a ser a Igreja Santa Terezinha, na Praça Tubal Vilela. No lugar da antiga capela passou a funcionar a rodoviária onde desembarcou Ara.

O transporte rodoviário no início dos anos 60 ganhava força em todo o país. A indústria automobilística nacional

⁵⁶ <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/historia-de-uberlandia/>

abastecia a frota que gradativamente substituiria outros modais como as estradas de ferro.

Uberlândia deve boa parte do seu desenvolvimento à implantação da Estação de Sobradinho da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro que assinou contrato com estado de Goiás, em 1890, para estender sua linha até Catalão.

A Mogiana, como era conhecida essa linha férrea, transportava o café e outros produtos que vinham de São Paulo para o coração do Brasil, passando pelo município de São Pedro de Uberabinha que mais tarde viria a se chamar Uberlândia.

Com as estradas tomando conta dos transportes brasileiros e com o declínio da economia cafeeira, os trilhos passaram a representar mais um incômodo do que uma solução para a cidade. Foi nessa época que Ara conheceu o triângulo mineiro.

Só em 1971 a estação foi desativada e os trilhos foram definitivamente removidos na década seguinte. Ou seja, Ara deixou Paris - uma cidade com um complexo e eficiente sistema de trens e metrô - para viver em um lugar onde os trens representavam um dos maiores entraves para o seu crescimento.

- No trem de Uberlândia a fumaça entrava nos vagões e faíscas queimavam as roupas dos passageiros – recorda Ara.

Depois da perseguição turca em Istambul, das dificuldades e preconceitos sofridos na capital francesa, o jovem esperava um Brasil maior em mentalidade e oportunidades. Mas, deu de cara, com o provincianismo mineiro típico de uma economia em transformação, da lavoura para a indústria, do campo para a cidade.

“Eu andava um pouquinho e estava no trabalho. Caminhava mais um pouco e já estava em casa novamente”, conta o armênio sobre o impacto da sua chegada e dos primeiros momentos na pequena cidade do triângulo mineiro.

Ao longo dos anos, a Uberlândia dos tempos de Ara Agopyan sofreu grandes transformações em termos econômicos, demográficos e populacionais. Em levantamento realizado em 2018 o número de habitantes foi estimado em cerca de 700 mil residentes, com um crescimento na ordem de 21% em uma década.

Em 2020, Uberlândia passou da 6ª para a 4ª posição entre os municípios do interior do Brasil com maior economia, segundo levantamento sobre o Produto Interno Bruto (PIB) divulgado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Considerando as capitais e regiões metropolitanas, a colocação da cidade no país subiu do 22º lugar em 2017 para o 21º em 2018. O município está à frente de 16 capitais e outros locais importantes como Ribeirão Preto (SP), Santo André (SP), Santos (SP) e Contagem (MG).

- “É um povo muito trabalhador”, reconhece Ara.

II – A verdade sobre o tio

Ao chegar em Uberlândia, Ara seguiu para a rua Carmo Gifone, 42, no centro da cidade onde morava seu tio. Nem de longe parecia a casa do tal milionário. Era casa térrea confortável e não uma mansão. A casa era proporcional ao papel do irmão de Hopar: um comerciante relativamente bem sucedido.

Ali Ara viveu em um dos quartos, um pequeno cômodo com um guarda-roupa e uma escrivaninha, onde o jovem armênio poderia continuar escrevendo semanalmente suas cartas para a família em Istambul.

Garabed deixou Marselha durante a Segunda Grande Guerra, trazendo consigo sua esposa. Ainda na infância, em função de uma caxumba tratada de forma equivocada, o armênio ficou estéril, o que representava um problema cultural dos mais sérios. Para agravar a situação, sua esposa faleceu.

A relação entre Garabed e Hopar era marcada por um forte complexo de inferioridade do primeiro que via o irmão - com três filhos, querido pela comunidade, figura das mais charmosas e cultas – como um verdadeiro contraste.

Para piorar, Garabed tinha um sério problema de audição e só conseguia se comunicar com o uso de um rudimentar equipamento de amplificação que utilizava.

- Cheguei a ligar a campainha da casa em uma lâmpada, porque ele não ouvia quando tocava – lembra Ara.

Depois da morte da esposa, Garabed passou a se relacionar com Abadhia, brasileira que frequentava a casa, mesmo sem ser legalmente casada com o tio de Ara. A mulher era uma figura que agia nas sombras, alimentando a desconfiança do seu companheiro em relação ao sobrinho.

Sua loja, era a Relojoaria Francesa, na avenida Afonso Pena, perto da esquina com a Praça Tubal Vilela, coração de Uberlândia. O nome do estabelecimento foi um jeito de se diferenciar na cidade interiorana.

Em Uberlândia, ninguém entenderia o que vinha a ser um armênio. Além de Garabed, havia alguns poucos patrícios na cidade, como alfaiate Simpad. Todos pensavam que o tio de Ara, era natural da França. Logo, o sobrinho ganhou o apelido de ‘francês’.

O problema de audição de Garabed era também uma limitação comercial. Ele colocava um caderno no balcão e pedia que os clientes escrevessem aquilo que queriam:

- O que o querido quer? Escreve aqui... – dizia o tio.

Ara passou a ser os ouvidos do tio. Ouvidos que nada conheciam de língua portuguesa, mas, mesmo assim, a linguagem das vendas e da persuasão e sua veia comercial pulsavam mais alto. Em pouco tempo, o próprio comerciante reconheceu que o sobrinho vendia melhor que ele.

- Você tem sorte, dizia o tio que jamais reconheceu os talentos do sobrinho.

Ara acompanhava atentamente os fornecedores da relojoaria, representantes de contrabandistas de joias e relógios, mercadoria invariavelmente pagas com cheques pré-datados e vendidas na loja. Várias vezes, sugeriu ao tio que fossem para São Paulo, para comprar os produtos na fonte, evitando os atravessadores, com a possibilidade de vender para outros comerciantes, também em Uberaba e Araguari.

- Quando eu morrer você faz – respondia o tio.

Em um dos muitos dias atrás do balcão da relojoaria, Ara recebeu um senhor com três crianças. O balconista estranhou as roupas sujas daquela família que poderia ser confundida com moradores de rua, não fosse pela compra feita.

Aquele homem escolheu nada menos que cinco relógios expostos na vitrine da loja. Perguntou o preço e, sem titubear, meteu a mão no bolso e sacou um pacote de dinheiro vivo para pagar a mercadoria. Curioso, Ara perguntou:

- O que o senhor faz?

- Faço máquinas de arroz – respondeu o desconhecido.

Por óbvio, Ara sabia que arroz não era um produto industrializado. Mas nem desconfiava para que serviria uma máquina de arroz. Também ficou com vergonha de externar sua ignorância sobre o tema.

Um amigo do time basquete levou o ‘francês’ até onde as máquinas funcionavam. Tratava-se de um equipamento simples, para beneficiar o grão, separando-o de impurezas, processo que representava uma atividade das mais promissoras na região.

Localizada em ponto estratégico do território nacional, Uberlândia recebia o arroz produzido no Vale do Rio Doce, beneficiava o produto e escoava para os grandes centros consumidores, como São Paulo e Distrito Federal.

Ara sugeriu ao tio que investisse naquela ideia. Com sua experiência e algum capital inicial não seria complicado

aquele empreendimento. O tio, conservador e sem visão de futuro novamente respondeu:

- Quando eu morrer, você faz.

Minas liderou a produção e beneficiamento de arroz até o início da década de 1980. O Mato Grosso e os Estados da região Sul acabaram por saltar adiante nesse mercado, sobretudo pelo surgimento de pequenos produtores em assentamentos de reforma agrária.

Mesmo com as boas ideias, o jovem não via no irmão de Hopar a oportunidade para crescer, diante da sua postura sempre conservadora e nada ousada, quase o contrário da personalidade do sobrinho.

II.I – Privacidade invadida

A relação com o tio estava cada vez mais desgastada. Garabed não respeitava nem as ideias nem a intimidade de Ara. Um dos momentos mais críticos envolveu a troca de correspondências do rapaz com a família em Istambul.

A escrivaninha onde Ara escrevia suas missivas era trancada à chave. Maníaco por organização, o jovem mantinha o móvel criteriosamente arrumado. Qual não foi sua surpresa quando abriu a gaveta e notou que as correspondências estavam fora do lugar.

Ara perguntou à empregada se ela havia mexido em seus escritos. A funcionária negou. Astuto, o jovem colocou um

fio de cabelo na porta, como armadilha, para confirmar suas suspeitas. E, infelizmente, estava certo.

O tio tinha uma outra chave e revirava sua escrivaninha para ler as cartas e descobrir o que o sobrinho dizia sobre ele para a família no Oriente. Ara mais uma vez conteve sua raiva com o mantra que sempre repetia, desde que deixou Istambul:

- Amanhã vai melhorar!

O tempo passava, mas a relação com o tio só piorava. Ara sentia-se vigiado o tempo todo. Em uma noite, o jovem armênio saiu com uma garota e foi ao cinema. Ao chegar em casa encontrou o tio na sala, lendo o jornal.

- Cinema a essa hora? – questionou o Garabed aos sussurros.

Ara perdeu a compostura, arrancou o jornal das mãos do tio e bradou:

- Eu não minto! Menos ainda para você, porque não te considero.

Garabed empalideceu achando que o sobrinho iria agredi-lo. Ara aprendeu desde cedo o valor da palavra e da verdade. Por isso mesmo, sempre detestou que duvidassem da sua honestidade.

III.II Grand Marnier

Entre os poucos momentos de diversão na cidade, estavam os jogos de basquete do Praia Clube, os filmes de cinema e também uma coleção de livros policiais franceses que Ara descobriu na casa de Garabed.

Era um modo de lembrar de Paris, acompanhado sempre do licor Grand Marnier, bebida clássica feita nos sabores laranja e tangerina, diferenciados pelos laços de cetim da elegante garrafa de bojo com gargalo longo.

A lenda Grand Marnier nasce no coração da região de Cognac na França, em 1880, onde envelhecem lentamente os conhaques raros. Cascas de laranja selvagem são maceradas no álcool antes de uma longa e criteriosa destilação.

Ara se recorda que um casal de franceses chegou a Uberlândia e o tio recebeu os estrangeiros em casa. Para impressionar, Garbed anunciou uma bebida que eles certamente aprovariam. Quando tentou servir, descobriu que o licor desaparecera.

O gosto pela bebida acompanhou Ara da França ao Brasil, onde mantém sempre uma garrafa para degustar os sabores cítricos dessa iguaria.

III – A gota d’água

Nos fundos da relojoaria francesa, junto com o estoque, havia uma oficina com todo o tipo de ferramenta para o conserto de relógios. O tio achava que Ara não servia para o serviço porque tinha as mãos grandes demais.

- Uma bobagem! Não são as mãos que consertam, são as ferramentas – argumentava Ara.

O jovem meticoloso rapidamente dominou as técnicas e memorizou códigos de peças de relógios, como o balançador calibre AS1012, componente vendido no centro de São Paulo em lojas especializadas.

A prova de fogo foi o conserto de um Omega automático. O mecanismo era ativado a partir do movimento do pulso. Era como se o miolo do relógio estivesse solto. Seu reparo era uma tarefa complexa para qualquer relojoeiro. Um desses, hoje, pode valer mais de R\$ 20 mil.

Quando o tio notou que Ara estava com o relógio aberto sobre o pano usado nos reparos, ficou desesperado:

- Você vai me levar à falência – disse o Garabed, duvidando da capacidade do sobrinho.

Ara empurrou o tio para fora da pequena sala, fechou a porta e, meia hora depois, concluiu o serviço. O tio mordeu o relógio para sentir a vibração do Omega:

- Não acredito que conseguiu – afirmou, desconfiado.

Não havia uma forma capaz de conquistar a confiança de Garabed. O espírito empreendedor de Ara ficaria para sempre confinado atrás daquele balcão, no que dependesse do tio.

No mesmo ambiente onde Ara consertava os relógios, ficava o cofre da empresa. Naquela época as compras eram feitas usando apenas duas formas: dinheiro ou cheque. E a loja fechava após o expediente bancário. Por isso, toda a movimentação financeira terminava trancada sob o segredo zero para direita e 6 para esquerda.

- Você tirou um cruzeiro do cofre? – perguntou o tio para Ara.

Ara negou, já irritado com a desconfiança embutida no questionamento. Se fosse tirar algo do cofre, obviamente comunicaria o tio. O tempo passou e novamente o tio sentiu falta de um cruzeiro e questionou seu sobrinho.

Um dos funcionários, chamado Oswaldo, encarregado de limpar a loja, usava com frequência a pia que ficava ao

lado do cofre, o que despertou a desconfiança de Ara. Esperto, armou uma cilada para o ladrão.

Ara anotou o número de série de cada uma das notas que estavam no cofre da empresa. Em seguida, ligou para Simpad, o alfaiate, e pediu, falando armênio para disfarçar, que segurasse a balconista, chamada Vanda, em sua loja para que ele ficasse sozinho com o suspeito.

Foi para a frente da loja mantendo os ouvidos atentos enquanto Oswaldo fazia a limpeza. Quando ouviu o clique do cofre teve certeza que havia desvendado o mistério. Começou a inquirir o funcionário:

- Tá faltando uma nota e sei que foi você! – afirmou Ara.

- Pode ter sido qualquer um – retrucou Oswaldo.

- Qualquer um, não! Marquei todas as notas! – respondeu Ara.

Diante da insistência de Oswaldo em não confessar o furto, Ara mandou que o rapaz tirasse a roupa e fez uma revista geral. Percebeu logo Oswaldo era esperto porque nada encontrou com ele. Partiu para a pressão, pegando o sujeito pelo pescoço.

- Te mato se não disser onde está esse dinheiro – ameaçou.

Foi o suficiente para que o empregado tirasse de uma prateleira do mezanino, entre as embalagens guardadas, a nota que roubou toda dobrada. Ara fez com que o ladrão escrevesse uma declaração de próprio punho confessando o crime.

Quando Garabed chegou, Ara revelou a descoberta mostrando o documento assinado por Oswaldo.

- Ahhh então foi ele? – disse o tio.

- Achou que fosse eu? – questionou Ara, dessa vez com o tio pelos colarinhos.

Essa foi a gota d'água que fez transbordar a paciência de Ara Agopyan com o irmão de Hopar. Quando anunciou que partiria. O tio, de pronto, afirmou:

- Você acabará voltando para me pedir perdão!

- É você quem me chamará de volta! E não retornarei! – respondeu o sobrinho.

III.I – São Paulo à vista

Pelo acordo inicial que fez Ara deixar Paris para viver no Brasil com Garabed, ele poderia voltar para França, uma vez que desistira do emprego, depois de tanta pressão e desconfiança que sofreu. Mesmo assim, rasgou a carta com a passagem de navio prometida e nada cobrou.

Durante esse período, Ara conheceu um vendedor judeu egípcio, de passagem por Uberlândia. Em conversa com o rapaz, anunciou seu desejo de deixar o trabalho e a casa do tio. O amigo disse que seu patrão teria um emprego.

Na avenida Angélica número 1205, Ara encontrou Izaak Ezdra, dono da empresa Saltel, distribuidora de produtos para papelaria, escritório, engenharia e arquitetura. Começava ali mais um capítulo da vida daquele jovem armênio.

De Uberlândia, Ara guardaria a lembrança dos jogos de basquete no Praia Clube, do povo trabalhador e esforçado daquela cidade e da única boa herança deixada pelo tio: foi por intermédio de Garabed, que ele conheceria o amor da sua vida, a jovem Rosa, história que será contada com detalhes em breve.

III.II – A herança de Garabed

O velho Garabed perdeu aquele que poderia levar seus negócios a outro patamar se tivesse confiado o suficiente no sobrinho. Anos depois da sua partida, já estabelecido em São Paulo, chefe de família e empresário, Ara recebe um telefonema de Uberlândia.

Garabed estava com câncer de próstata e precisava de uma cirurgia que custava cinco mil cruzeiros. Ara trouxe o tio para Mairiporã, para que fosse operado pelo seu

cunhado. O tio queria que Abadhia ficasse em Uberlândia, mas Ara fez questão que ela viesse também.

- Se eu ficar doente é a minha mulher que vai limpar minha bunda! Mais ninguém! – argumentou o sobrinho que financiou o tratamento do tio.

Em outra ocasião, foi a vez de Abadhia ligar informando que a joalheria não estava vendendo nada. A mulher dizia que Garabed estava doente e que precisava vender o estabelecimento para poder se sustentar no final da vida.

Com o filho ao lado, Ara pegou seu fusquinha e seguiu para Uberlândia, direto para a loja. Ele sabia onde o tio guardava o caderno onde estavam anotadas suas dívidas. Pediu que uma funcionária somasse os produtos à venda na loja e constatou que o tio devia mais do que tinha para vender. Em outras palavras, estava falido.

Ara partiu para uma loja de roupas que pertencia a um libanês. Foi recebido de braços abertos pelo proprietário, chamado Ciro. Disse que estava interessado em vender a loja do tio e queria ter uma ideia de quanto valeria o ponto. O comerciante avaliou que 35 mil (((precisamos descobrir a moeda da época))) era um ótimo valor.

Um outro comerciante, chamado Alceu, de péssima fama, tinha uma loja que fazia fundos para a joalheria francesa. Sempre quis o ponto de Garabed para ampliar seu comércio o que permitiria duas entradas. Ara pediu 90 mil

pelo ponto com porteira fechada, ou seja, com tudo que havia dentro.

O negócio foi concluído e pago com três cheques. Ara juntou ao pagamento outros 100 mil do próprio bolso e entregou tudo para o tio que prometera deixar a casa em testamento para o sobrinho:

- Agora comprarei com esses 100 mil a casa que é minha por direito – anunciou Ara.

- Você vai me chutar de casa? – perguntou o tio.

- Claro que não! – garantiu Ara.

Para melhorar a situação, Ara ainda trocou os três cheques pré-datados por um que preencheu depositado em seguida. Com 190 mil aplicados, naquela época, o tio poderia viver confortavelmente apenas com os rendimentos do dinheiro.

Abadhia encheu um saco de pães de queijo que Ara e o filho comeram durante o retorno para São Paulo. “Minha esposa sempre falou que o polvilho de lá era diferente, muito melhor”, lembra Ara. Seria o último encontro com o tio com vida.

Os anos se passaram e várias vezes a família pressionou Ara para checar a situação da casa do tio em Uberlândia, já que o tal testamento nunca foi apresentado. O sobrinho, por sua vez, sempre disse que o imóvel acabaria ficando

para Abadhia, o que confirmaria que a palavra empenhada por Garabed de nada valeria.

Alguns anos mais tarde, Abadhia ligou comunicando o seu falecimento. Ara, fechou a loja, colocou a família no carro e partiu para Uberlândia. Na rodovia Anhanguera, tentou abastecer, mas, naquela época, os postos estavam fechando a noite, em função de um racionamento de combustíveis.

Para piorar a situação, Ara foi parado por uma viatura da polícia rodoviária por excesso de velocidade.

- Estou indo para o velório do meu tio. Posso provar. Se você me segurar, quando for liberado, vou correr mais ainda – argumentou Ara.

Acabaram conseguindo viajar com o combustível disponível e sem a polícia no pé. Quando chegaram a Uberlândia, Garabed estava perto de ser sepultado.

No cartório da cidade, ao lado do cinema, Ara constatou o que sempre disse que iria acontecer. Em um livro enorme, ficou registrado que, de posse das suas faculdades mentais, Garabed deixava a casa para Abadhia, exatamente como profetizou o sobrinho.

Ara e a família se hospedaram no Hotel JK e passaram mais três dias em Uberlândia revendo amigos que

lembravam com carinho daquele 'francês', jogador de basquete, bom de bola e ótimo vendedor.

Capítulo 4

Ara trabalhador

I – As viagens pelo interior do país

Ao chegar em São Paulo, Ara seguiu direto para o bairro de Higienópolis, na Avenida Angélica, para encontrar com seu novo patrão Isaac Ezra, comerciante judeu, dono da distribuidora Sartel de material de papelaria para arquitetos e engenheiros.

Esse primeiro endereço de trabalho na capital paulista não poderia se em um bairro que melhor simbolizasse o desenvolvimento da cidade. Higienópolis é uma região ocupada desde o século XVI pela vanguarda da sociedade.

A partir dos anos de 1940, a imigração judaica fez de Higienópolis um dos seus refúgios. O bairro abriga cerca de 40% dos judeus paulistanos, com mais de 12 mil pessoas da comunidade, como era o caso da família Ezra, de origem egípcia.

À época da chegada de Ara, a empresa estava em uma fase de balanço, uma boa chance para que o armênio conhecesse os produtos que passaria a vender.

- Para mim era moleza, porque já fazia inventários de estoques em lojas de Istambul – lembra Ara.

A organização, sempre no período da manhã, seguia um padrão simples e eficiente. Na pilha de folhas de papel almaço, por exemplo, Ara fixava um exemplar com o nome do produto escrito à mão e a quantidade. Em pouco

tempo, o vendedor conheceria características, preços e quantidades de tudo o quanto havia na empresa.

Nessa primeira fase, ainda era possível para Ara trabalhar como eletricitista, atividade que sempre lhe rendera um dinheiro extra por onde quer que tenha passado.

I.I – Belo Horizonte: o primeiro destino

A exemplo do colega responsável pela indicação do trabalho, Ara ganharia as estradas para vender os produtos da empresa e conhecer o interior de um País cheio de contrastes, histórias e mistérios.

Belo Horizonte seria seu primeiro destino. Ara questionou:

- Qual a distância?

- Uns 500 quilômetros – respondeu o dono da empresa.

- Não tenho dinheiro para chegar lá – argumentou o novo vendedor.

O patrão emprestou a verba para passagens de ônibus e despesas dessa missão inicial. Ele teria como comissão 10% para vendas no atacado e 20% para as negociações de varejo.

O patrão sabia como negociar seus produtos. Mesmo com os custos de frete, seu preço era competitivo e com um vendedor como Ara, as vendas tendiam a crescer.

Esperto e viajado, o armênio sabia como vender mais, gastando menos. Ao chegar na capital mineira procurou a região do meretrício.

- Quanto mais próximo da prostituição, mais barato é o hotel – explica, Ara.

O armênio ficou encantado com BH, cidade planejada, munida do primeiro anel viário brasileiro, a rua do Contorno - como diz o nome, uma avenida que circunda a cidade que tem no seu coração a Praça da Liberdade onde fica a antiga sede do Governo do Estado.

O desempenho de Ara superou o antigo representante que atendia aquela região. O funcionário começou a chamar a atenção de Ezra que passou a enviá-lo para cidades do interior do Estado de São Paulo.

Ara viajou para a região de Franca e Batatais, cidades da região Nordeste do Estado, conhecidas pela forte produção de calçados. Esse processo de industrialização mudaria a face do promissor interior paulista. Novamente, o desempenho de Ara superou as expectativas do seu patrão.

- Agora eu vou te mandar para uma mina de ouro!
– prometeu o judeu.

Ezra se referia às regiões Norte e Nordeste do Brasil, pedaço pouco explorado que representava um verdadeiro eldorado de oportunidades para comerciantes atentos e com vontade de trabalhar.

O ano era 1963. Acabava de ser criada a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), uma iniciativa do Governo Federal para desenvolver economicamente e socialmente a região, com projetos de irrigação, capacitação agrícola e desenvolvimento industrial.

Mesmo com gigantescas diferenças socioeconômicas ente Nordeste e Sudeste, o Brasil era um País disposto a crescer e se desenvolver em outros eixos. A vida nos caminhos para o Norte era uma aventura sem precedentes.

Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Corumbá (MS), Guajará Mirim (RD), Porto Velho (RD), Rio Branco (AC), Santarém (PA), Manaus (AM), Macapá (AP), Belém (PA) e Brasília (DF). Essa era uma das muitas rotas daquele representante de vendas.

Para quem conhece minimamente o Brasil, é fácil supor que há quase 60 anos esse não era exatamente um caminho fácil, sobretudo quando trilhado em terra, por estradas tortuosas e extremamente arriscadas.

Se Ara tivesse um capital maior, poderia investir um pouco e, conseqüentemente, ganhar muito dinheiro com o Brasil daquele momento. Sem proteção trabalhista, um representante dependia da sua capacidade de deslocamento e venda.

Em Santarém, em um dos raros momentos de descanso, Ara resolveu caminhar a noite pela cidade. Ao chegar na Praça, ficou constrangido e retornou:

- Só havia gente baixinha na cidade – conta.

No dia seguinte, entrou em uma loja e se deparou com um comerciante grego. A loja vendia de tudo um pouco, de pregos a roupas. Era um tipo comum de comercio na época, apostando em várias frentes de negócios simultâneas.

- Se colocasse merda enlatada, vendia! – constata, Ara.

Observador, o armênio reparou algo destoante nos fundos da loja. Era uma balança romana de precisão. O que aquele equipamento faria naquele lugar? O grego mostrou então um cofre dos grandes, lotado de ouro de garimpo.

O garimpo de ouro no País não era novidade. Desde o império, a atividade faz parte da cultura econômica extrativista do Brasil. Das cidades históricas de Minas

(Ouro Preto, Mariana e Diamantina) a atividade se deslocou para o Norte.

As áreas de maior ocorrência de jazidas estão são a Serra Pelada, o vale do rio Tapajós (PA), rio Tocantins (TO) e vale do rio Madeira (RD). A atividade é desempenhada quase sempre com grande impacto ecológico causado pelo uso do Mercúrio.

Em Santarém, o lucro daquele comerciante grego era de quase 80 por cento, sem um centavo de tributação, até porque não havia nenhuma fiscalização presente na região. O único lugar onde fiscalizavam alguma coisa era e Guajará Mirim, uma cidade das menores, onde tinha um sargento atuando na aduana.

Essa vida de viajante tinha poucos momentos de descanso. Quando retornava para São Paulo, ficava hospedado na Rua Aurora, em um hotel instalado num antigo celeiro de cavalos. As portas eram cortadas na metade, como lembra o viajante.

O hotel ficava de frente para o terceiro distrito policial da capital. A noite paravam quase todos que passavam por ali:

- Nunca me pararam, porque acho que não tinha jeito de bandido – afirma Ara.

Os Estados nordestinos também estavam na rota de Ara Agopyan. Só na Bahia, o percurso incluía Ilhéus, Itabuna, Itapetininga, Feira de Santana, Salvador, Jequié e Juazeiro. No Ceará, Ara gostava muito da capital Fortaleza e chegou a vender na terra da família Gomes, em Sobral.

As viagens aconteciam quase sempre a bordo de um clássico da aviação: o Douglas DC4⁵⁷, um barulhento quadrimotor de longo alcance, produzido para o uso militar. Em 1945, com o fim da II Guerra, as aeronaves não utilizadas foram convertidas para o uso civil e vendidas para muitas companhias aéreas⁵⁸.

Em Teresina (PI), Ara chegou a conseguir fazer uma venda que lhe rendeu uma comissão de 500 cruzeiros, uma fortuna para ele. Seu equipamento era um bloco de pedidos e um conjunto de amostras, entre elas dois grampeadores em uso até hoje.

I.II – A poupança para o casamento

Todas as despesas das viagens de Ara eram por conta dele. Passagens, alimentação, hospedagem, enfim, o representante tinha que tirar das suas comissões todos os custos operacionais, o que começou a incomodar.

⁵⁷A Boeing produziu, ao todo, 1.240 unidades do DC4.

⁵⁸ O piloto de um desses aviões chegou a fazer um pouso heroico, em 1957, no mar do litoral Norte de São Paulo, próximo a São Sebastião. Os 38 passageiros sobreviveram ao acidente. A aeronave continua onde pousou, agora no fundo do mar.

Em Rio Branco, capital do Acre, Ara ficava hospedado no Hotel Chuí, com mais nove ou dez homens em um mesmo quarto:

- Um peidava, outro roncava, sem falar aqueles que chegavam bêbados – lembra Ara.

O vendedor resolveu arriscar. Levou a questão ao seu patrão. Disse que as despesas estavam superando os ganhos e não faria sentido continuar com a representação. O judeu ofereceu 11% de comissão para o atacado e 22% no varejo - um aumento acumulado de 10%.

- Não vou me prostituir por tão pouco – respondeu Ara.

- Eu pago a passagem – acenou o patrão.

- Viajo amanhã – fechou o representante.

Era exatamente o que Ara queria. As passagens eram o maior custo e agora seriam financiadas pelo patrão.

Ara também atuava como cobrador, no seu retorno aos clientes. Recebia em dinheiro. Como sempre economizava ao máximo na hospedagem, uma das suas maiores preocupações era com a guarda do dinheiro.

A solução encontrada foi das mais criativas. Ara colocava o dinheiro dentro das meias que, por sua vez, eram

escondidas na fronha do seu travesseiro. Pela manhã, era só pegar a meia de volta com o dinheiro em segurança.

A essa altura, Ara e Rosa já estavam noivos. Era preciso investir na nova vida que começaria em breve e o representante encontrou uma alternativa engenhosa.

Na volta de uma viagem para o Nordeste, Ara confessou que teria dois vícios: mulheres e jogos de azar. Disse ao patrão que todo o dinheiro do pagamento dos clientes tinha sido consumido durante a viagem em jogatina e prostituição.

Como havia muita comissão a receber, Ara pediu ao patrão que descontasse o valor dos seus vencimentos e, sem que o judeu soubesse, comprou tudo o que precisava para o casamento com o tal dinheiro de apostas.

- Compramos geladeira, fogão, móveis, enfim tudo para a nova casa – revela Ara.

Tirando a irritação inicial, o patrão perdoou o suposto jogador e chegou a ser convidado para o enlace. Aquela foi a última viagem de Ara como representante, para alegria de Rosa que teria uma casa mobiliada e um marido mais presente.

Das viagens como representante restou o reconhecimento dos meandros de um País que, anos mais tarde, também reconheceria Ara como cidadão brasileiro.

Outro Izaak Ezra vive hoje em Higienópolis. É filho de Maurice Ezra e neto do velho Izaak de quem herdou o nome. O rapaz é sócio da ShopBack empresa especializada em retenção de clientes nas vendas pela internet.

Saem os papéis, chegam os transistores....

II – Metais não ferrosos

Desempregado, Ara começou a procurar novas possibilidades de trabalho em São Paulo, sempre na área de vendas, sua especialidade. Mas não estava fácil. Em uma empresa que fabricava produtos de limpeza, não conseguiu prosseguir por falta de um automóvel.

Ara também recusou uma oferta de trabalho como supervisor de vendedores no Nordeste, local que, em função da sua experiência como representante de material para papelaria, ele conhecia como a palma da mão.

- Mas a Rosa não queria que eu voltasse a viajar – explica Ara.

Em seguida, viu um anúncio para uma vaga na rua Margarida, número 65, no bairro da Barra Funda. Logo foi posto diante de um gerente de vendas, rapaz jovem com cerca de 35 anos.

- Trabalhamos com não ferrosos. Você conhece nosso ramo? – perguntou.

Ara não conhecia. Os metais não ferrosos são todos aqueles que possuem uma empregabilidade na indústria ou na engenharia, mas que não contém o elemento ferro, como alumínio, latão, cobre e chumbo.

Desanimado o gestor estava prestes a dispensar o armênio por falta de experiência no ramo. Ara, não aceitou a negativa:

- Quando o senhor começou a trabalhar com isso já conhecia essa área? – perguntou.

- Não – respondeu o rapaz.

- Então eu também posso aprender sobre o material que vocês comercializam – argumentou o armênio, com sangue de vendedor correndo nas veias.

Após a conversa, Ara forneceu o número do cunhado como contato, uma vez que não tinha telefone, artigo de luxo naquela época. Alguns dias depois, a empresa chamou novamente o candidato. Estava empregado.

A companhia existe até hoje. É a Cecil, distribuidora de tubos e placas de metais não ferrosos, fundada em 1961. Em 1970, se uniu com Fundação de Laminação de Metais Langone, gigante do setor, inaugurada nos anos de 1940.

Desde 1973, a fábrica da Cecil, com 111 mil m² funciona em Itapevi, na região da Grande São Paulo. Produz anualmente mais de 110 mil toneladas de produtos de cobre e suas ligas. A produção observa normas internacionais de sustentabilidade com certificação ISSO 9001.

Mas naquela época era apenas uma pequena distribuidora dessa matéria-prima. Ara foi apresentado para uma lista de produtos e preços, além de uma relação de clientes que deveriam ser procurados. Hora de gastar sola de sapato e aprender sobre esse novo mundo que se abria.

A bordo do bonde que ligava a região central com a zona Oeste de São Paulo, Ara desembarcava próximo à Estação de trem da Lapa, até hoje em funcionamento. Só nesse pedaço da cidade havia três clientes da Cecil, entre os quais uma metalúrgica e um fabricante de brinquedos.

Em seguida, a pé, voltava para a avenida Pompéia, seguindo pelo bairro da Lapa e suas alamedas. No trajeto, atendia pequenas indústrias fabricantes de peças automobilísticas em latão e cobre.

Um dos clientes da Cecil era a suíça Brown Boveri, instalada na Avenida dos Autonomistas, em Osasco, cidade da região metropolitana de São Paulo. Às terças e quintas feiras eram os dias de atendimento deste cliente especial pelo seu porte e importância.

A Brown Boveri está presente no Brasil desde a década de 50, e participou do fornecimento de equipamentos para grandes obras públicas, inclusive os geradores da usina hidrelétrica de Itaipu – os maiores do mundo até então.

Ara se deparou com um pedido considerado muito grande para o padrão das vendas da época. A encomenda

totalizava dez chapas de cobre com dois metros por um e uma polegada de espessura.

No rodapé do pedido uma cláusula importante. A cada dia de atraso no fornecimento seria descontados um percentual do valor, por tratar-se de um material que seria usado para o fornecimento de transformadores para usinas cujos prazos, deveriam ser cumpridos à risca.

Ara se recorda dos comboios de transporte dos transformadores que usavam as chapas compradas pela Brown Boveri. Eram gigantescos caminhões que puxavam carrocerias em forma de plataformas, sempre em baixíssima velocidade, causando por vezes congestionamentos em rodovias.

O patrão aceitou o pedido, confiante no sogro, proprietário de uma fundição que poderia fabricar o material. Mas, o prazo não foi cumprido. A Cecil tentou negociar diretamente com o cliente mas não conseguiu e a multa foi aplicada. Foi um prejuízo gigantesco.

Pouco tempo depois, outra crise se abateu sobre o setor. Laminações que não aceitavam pedidos abaixo de 200 quilos passaram a atender diretamente esses clientes, fato que quase levou a Cecil à falência. Ara e muitos outros funcionários estavam demitidos.

O destino, entretanto, foi caprichoso com esse armênio. Sua próxima experiência profissional seria no mercado

onde Ara faria história. O mundo têxtil estava à sua espera.

III – O Brás na vida de Ara Agopyan

Em uma das andanças de Ara Agopyan por São Paulo em busca de clientes para os metais não ferrosos, seu destino era uma fábrica de instrumentos musicais em latão, na região do bairro de Ponte Pequena. No caminho, visitou um amigo de Istambul que também se chamava Ara.

Na sua terra natal, o amigo frequentava uma escola americana que não era reconhecida pelo Ministério de Educação daquele país. Por isso, no último ano, o xará foi transferido para onde estudava Ara, com o objetivo de obter um diploma oficial.

Seu pai era um importante produtor de peles de animais. Armênio dos mais ricos da época.

- Eles mal olhavam para a nossa cara – lamenta Ara.

Os anos se passaram e os imigrantes se encontraram no centro de São Paulo. Naquela tarde, o colega estava no escritório de um depósito de meias, em um mezanino no Vale do Anhangabaú, quando, vendo Ara passar, chamou o patrício.

- Onde está indo? – perguntou.

- Vou visitar um cliente – respondeu o representante.

- É importante? – questionou o amigo.

- Não. Posso deixar para outro dia... – argumentou Ara, curioso para saber o que seu amigo lhe reservara.

Entraram no carro do comerciante. Era um modelo americano que chamava a atenção. Fora comprado no consulado americano. Provavelmente um Ford Thunderbird, modelo criado para competir com o esportivo Corvette da GM.

Nos anos de 1960 muitos carros importados em bom estado circulavam nas ruas de São Paulo. A indústria automobilística que chegou na década anterior ainda não tinha dado conta de ocupar as ruas e estradas do País com modelos nacionais.

Na rua Oriente, esquina com rua Miller, havia uma loja cheia de meias, lingerie e pijamas.

- Comprei essa loja junto com o prédio e quero você trabalhando comigo – contou o patrício.

- Mas eu não sei nada disso. Sou um eletricista – respondeu Ara.

Mal sabia que o mundo têxtil seria sua casa e o Brás, em especial, o quintal de uma vida para aquele Agopyan. No dia seguinte, Ara retornou para a loja onde começou o levantamento do estoque.

O amigo tinha dois funcionários de confiança que auxiliaram Ara nessa tarefa: um senhor vindo da Armênia e o outro que era o gerente da loja do Anhangabaú.

- Começamos a contagem favorecendo meu futuro patrão – conta Ara.

Um descendente de palestinos percebeu a diferença e tiveram de recontar a mercadoria até chegar a um acordo.

III.I O primeiro dia de trabalho no Brás

Quando Ara retornou à loja, na segunda-feira seguinte, já tinha as chaves na mão. Abriu uma das quatro portas com o cadeado para o lado de fora. Naquele ponto de esquina, as outras três portas eram abertas por dentro.

- Rezei e comecei a trabalhar – lembra Ara do seu primeiro dia em um balcão do Brás.

Organizado e bom de cálculo, Ara começou a estruturar aquele ponto comercial. Quando os clientes perguntavam o preço das meias, por exemplo, recebiam como resposta o valor de 12 unidades. Perguntavam então o preço unitário. Os vendedores não sabiam responder. Ara tem os números na ponta da língua até hoje:

- Se a dúzia era 14,40, o valor unitário era 1,20. Para 15,60, a unidade era 1,30 e assim por diante – explica Ara.

Para facilitar a vida dos vendedores, Ara criou uma tabela de conversão a partir dos produtos mais baratos, vendidos a 5,60 a dúzia, com a divisão pronta. Cada vendedor ganhou uma lista.

Ara também ensinou o cálculo de porcentagens para os vendedores conseguirem calcular suas comissões e ganhos. Ele próprio ganhou um percentual sobre os lucros da empresa e tornou-se gerente.

III.II O padrinho e a madrinha

Ara tinha acabado de casar com Rosa e o patrão e amigo foi padrinho do casal. Rapidamente, se revelava a diferença gigante entre a generosidade do amigo e a mesquinhez de sua esposa. O presente de casamento, um bom exemplo, foi o dormitório do casal.

A cama e os armários chegaram. A qualidade era evidentemente questionável. O guarda-roupa nunca fechava as portas, sempre tortas. A cama quebrou no meio de uma madrugada para a surpresa dos noivos.

- Levantei a cama e coloquei livros nos pés como apoio – lembra Ara que consertou o móvel com pregos de construção.

Em visita aos afilhados, o padrinho quis ver seu presente. Era visível nas suas expressões a raiva que sentia quando

percebeu que os móveis estavam aquém do que imaginava que fora comprado por sua esposa.

Questões pessoais a parte, a loja do padrinho de Ara funcionava como um relógio. Eram cinco balconistas. Ara, como gerente, focava suas atenções no atendimento do atacado. Chegava a atender vários clientes simultaneamente.

- Tínhamos todas as marcas, de primeira à terceira qualidade – conta Ara.

O patrão era um excelente comprador. Na região de Juiz de Fora, conhecia cada oficina com suas máquinas circulares. Negociava tudo na base do cheque pré-datado, instituição como forma de pagamento de um Brasil com uma economia muito informal, por regra e cultura.

III.III O Brás dos anos 60

O Brás da época ainda era dividido por etnias árabes como armênios, libaneses, sírios e palestinos que, por sua vez, compravam de confeccionistas judeus instalados no bairro vizinho, o Bom Retiro. Anos mais tarde, os coreanos viriam a se juntar a esse universo, mudando toda a história daquele pedaço de São Paulo.

Essa cadeia produtiva muito particular era fundada na confiança, no chamado ‘fio de bigode’, expressão usada para designar a palavra empenhada. Quando alguém saía

da linha, perdia a confiança de todos os produtores e lojistas e caía no ostracismo, em uma espécie de Serasa informal, mas muito eficiente.

Em comum a esse grupo de estrangeiros além dos idiomas falados nas esquinas, do consumo de cortes especiais de carne, de igrejas, sinagogas e mesquitas, estava a aversão pelos impostos. Driblar o fisco era uma missão diária, em busca de melhores margens e rentabilidade.

Outra característica era o fato do bairro atender o atacado e o varejo com políticas de preços diferenciadas, atraindo compradores do interior de São Paulo e dos principais centros de comércio do País. Cada uma daquelas portinhas se traduzia em um sofisticado sistema de compra e venda de mercadorias que fazia a economia girar.

Nesse organismo, o caixa era o órgão mais sensível, sempre nas mãos do dono ou de alguém de extrema confiança. Sem computadores para controlar estoques com milhares de itens, a honestidade do homem do dinheiro era fundamental para a saúde do empreendimento.

Ara acumulava entre suas funções, a responsabilidade pelo caixa. De olho nessa dinâmica e constatando que atacado e varejo mereciam atenções diferentes, o gerente pediu ao seu patrão que contratasse alguém para substituí-lo à frente da gaveta de dinheiro.

Pouco tempo depois, o patrão encontrou uma solução. Conheceu um patrício com mais de 70 anos, antigo industrial calçadista⁵⁹, muito bem recomendado que passaria a cuidar do dinheiro na loja.

Uma das funcionárias, chamada Vicentina, estava entre as mais aplicadas da equipe. Ara ensinou tudo o que sabia a ela e fez questão de prestigiar seu casamento. A vendedora tornou-se uma figura grata e dedicada.

Ara percebeu que algo incomodava Vicentina, após a chegada do novo caixa.

- O que está acontecendo? – questionou Ara.

- Não tenho nada! – respondeu apressada.

- Agora você confessou que tem algo acontecendo!
– afirmou Ara.

O gerente chegou a ameaçar a funcionária. Sua intuição dizia que havia algo muito errado no ar, do mesmo modo como aconteceu no banheiro da academia militar turca, onde Ara e um amigo quase foram espancados.

- O caixa está roubando – revelou Vicentina.

⁵⁹ Os armênios da primeira diáspora, desenvolveram uma próspera indústria calçadista entre o centro e a zona norte da cidade de São Paulo.

Ara morava no número 378 da rua Oriente. A loja ficava no número 451 da mesma rua. Esses quase cem metros de distância, Ara percorria em um pulo quando Rosa terminava o almoço. Em menos de meia hora estava de volta. Tempo suficiente para o ladrão agir.

Quando comunicou o fato ao patrão, ganhou a incumbência de resolver o problema. O comerciante não queria lidar com um patrício que roubava – situação constrangedora que levaria vergonha para toda a comunidade.

Experiente, Ara começou a fechar o cerco contra o ladrão. Comparou o valor vendido com a mercadoria que saía e constatou a diferença. Em seguida, em uma manhã, marcou o número de série das notas no caixa, como fizera em Uberlândia, em um caso parecido.

- Fingi que estava saindo para o almoço e retornei rapidamente – revela Ara.

O larápio estava com o produto do roubo nas suas mãos. Tentou esconder, mas não teve jeito. Os 10 cruzeiros faziam parte do dinheiro registrado nas anotações do gerente. Foi uma confusão das grandes.

Ara chamou como testemunha um outro armênio que trabalhava na loja, fugido do comunismo no seu País. O rapaz tentou se esquivar, mas não conseguiu:

- Aqui não é comunismo, não, garoto. Se alguém tá roubando temos que entregar – ordenou o gerente, diante de uma equipe trêmula com o ocorrido.

Para neutralizar os argumentos do armênio desonesto, Ara ameaçou:

- Nesse domingo, na missa, vou gritar do alto da escadaria que você é um ladrão!

Ara não esperava a resposta do patrício:

- Faça isso e revelarei tudo o que foi vendido sem nota para a Receita Federal!

No mesmo momento, Ara pagou o que era devido como rescisão do funcionário sem outras sanções pelo roubo. Quando preenchia o cheque, recebeu uma ligação do patrão dizendo que o caixa deixaria o emprego em breve.

- Você não pediu para que eu resolvesse o problema? Então está resolvido! Ele está saindo – informou o gerente.

O caixa era seu vizinho. Morava no quinto andar do prédio ao lado. Rosa era amiga de sua esposa e já notava que o padrão de consumo do casal não era condizente com os ganhos daquele armênio.

Ele, por sua vez, dizia que tinha vendido as máquinas da velha fábrica de calçados e, por isso, conseguiu um

dinheiro a mais. Entretanto, os equipamentos estavam sucateados e valiam, se muito, seu peso em metal.

O caixa chegou a emprestar dinheiro para dois patrícios que nunca devolveram os valores. O que entrou fácil saiu mais fácil ainda e o sujeito terminou endividado.

Para piorar, o dono da loja que funcionava no prédio onde morava o armênio resolveu atear fogo no próprio negócio para receber o dinheiro do seguro. O incêndio foi terrível. As cortinas do apartamento viravam cinza com um toque. Mesmo assim, o casal sobreviveu....

Dias depois, o armênio passou em frente ao seu antigo emprego com a pele do rosto vertendo pus. Havia contraído uma infecção quando se barbeava.

- Percebi que aqui se faz, aqui se paga – comenta Ara.

III.IV Karibe

Uma das marcas mais importantes comercializadas no Brás era a Karfina. Essa era a marca de uma das mais importantes indústrias têxteis do continente, a Karibe. De propriedade de judeus alemães sobreviventes do holocausto, essa fábrica era um símbolo do Brás.

A marca Karibe era exclusiva para varejo, vendida principalmente na capital. O atacado era abastecido por Karfina, com uma ou duas lojas credenciadas por cidade. Uma estratégia muito moderna à época para manter os dois canais ativos.

Esse complexo industrial funcionava em um prédio de esquina de seis andares na rua Xavantes. O patrão ia a pé até o fornecedor e voltava satisfeito com a compra de milhares de peças de um mesmo item da marca.

A compra seguia esse modelo em uma negociação de exclusividade. Ou seja, a indústria desaguava todo o estoque daquele produto e o comerciante tinha um preço melhor para revender. Ara, alertou o patrão:

- Por que ao invés de comprar um 10 mil peças de um produto só, não selecionamos quantidades menores de vários itens?

- Se você sabe comprar melhor então compre! – respondeu o comerciante.

Era tudo o que Ara queria. Seguiu até o prédio na rua Xavantes, onde foi recebido por um dos sócios, o senhor Dorf, e se apresentou como o novo comprador da empresa. No sexto andar, onde hoje funciona um enorme estacionamento, era o estoque dos produtos de confecção.

- Do lado direito, ficavam os produtos de primeira e do lado esquerdo os de segunda, com pequenos defeitos – recorda Ara.

Tudo era separado em carrinhos metálicos por números. Ara foi selecionando seu pedido a partir do que conhecia em termos de saída de produtos versus a sua numeração. A nova estratégia chamou a atenção do fornecedor:

- Vocês dois se chamam Ara, mas você compra bem melhor que o seu patrão – avaliou Dorf.

Aos poucos, Ara ia ganhando a confiança daqueles que eram as figuras mais poderosas da indústria têxtil da época.

III.V Sorte e trabalho

Seu patrão, por outro lado, contava com a sorte ao seu favor, como lembra Ara que encontrou o xará chupando o polegar encostado em seu carro, em frente à loja, como fazia sempre que ficava tenso.

- O que você tem? – perguntou Ara.

- Ganhei na esportiva e quero ver se estou sozinho no prêmio – respondeu.

Com o prêmio, comprou outros dois imóveis e alugou mais um na rua Oriente. Para o empregado, entretanto, restava apostar no trabalho.

Ara se recorda que chegou a preencher um bilhete da mesma loteria com apostando em uma vitória do Juventus, pequeno time da Moóca, contra o Santos⁶⁰ de Pelé e Pepe, uma das maiores equipes de futebol de todos os tempos. E acertou!

- Ara você fez os treze pontos – anunciou um dos funcionários.

Foi quando percebeu que apenas preencheu o bilhete, mas não jogou de fato. Sorte e trabalho eram princípios que sempre colocaram os dois amigos do mesmo nome em lados diferentes da vida.

E do lado do trabalho, Ara Agopyan sabia que era preciso dobrar o esforço e fechar todas as torneiras se quisesse juntar dinheiro para uma vida mais confortável. Por isso passou a aturar em outras frentes de venda, descobrindo negócios e oportunidades.

No bairro de Santo Amaro, próximo a estátua do bandeirante Borba Gato, Ara passou a vender meias para feirantes que comercializavam os produtos na feira livre do bairro. O produto vinha de dois irmãos armênios.

⁶⁰ Aquele armênio que chegou ao Brasil nos anos 60 lia os jornais em português tentando converter o texto para o francês, esse sim um idioma que tinha fluência. O Santos era notícia diariamente, o que fez Ara tornar-se um entre muitos santistas dessa geração.

Ara estacionava seu carro atrás da banca de um japonês e descarregava as meias. Na semana seguinte, recebia o pagamento e repunha o estoque. Vendo que as feiras representavam uma oportunidade passou a vender em várias delas, da zona sul à zona leste.

- Meia trafil era ouro – conta Ara que chegava a comprar 400 dúzias do produto dos seus patrícios.

Sugeriu a seu patrão que também vendesse roupas nas feiras. Nesse caso, o dinheiro arrecadado era posto aos pacotes em uma gaveta onde ficava o caderno de pedidos de atacado da loja.

Na segunda-feira, o comerciante via aquele dinheiro e sabia que só poderia ter vindo da feira, uma vez que nada na loja tinha sido vendido.

Eram cinco lojas, uma no Anhangabaú e outras quatro no Brás. Ara viu muitos funcionários sendo demitidos. Um dia, perguntou ao patrão por que ele nunca o havia mandado embora:

- Porque nunca tive um gerente como você – respondeu.

IV – De empregado a empresário

Com as novas aquisições do patrão foi preciso derrubar paredes para unir as lojas vizinhas e era Ara o encarregado para descer a marreta e ampliar a loja.

Um mês depois, Ara era requisitado para voltar à esquina e resolver problemas do dia a dia. Vendedores faziam pacotes de meias vazios e deixavam na rua para se divertir com transeuntes que achavam ter encontrado um prêmio no meio da rua.

Ele era a alma do negócio e o patrão parecia cada vez mais perdido. Dinheiro não faltava. Ara se recorda que ao final de um balanço, quando a esposa soube o tamanho da retirada do marido chegou a cair da cadeira onde estava sentada.

Novamente chupando o dedo, o patrão resolveu fechar suas lojas mais cedo, pecado que comerciantes do Brás não cometem com frequência. Percebendo a tensão Ara questionou:

- O que está acontecendo?

- Vou passar essa loja para você! – anunciou.

O jovem armênio ficou pasmo como a notícia. Não sabia o que dizer. O patrão ofereceu o ponto e seu estoque em

troca de um gigantesco aluguel de 23 salários-mínimos mensais. A dívida também passaria para o futuro dono.

- Me dá um dia para pensar – pediu o gerente prestes a se tornar patrão.

- Por quê? – perguntou o patrão.

- Amanhã também respondo o porquê!

Em casa pediu que Rosa o deixasse em paz e silêncio. Recusou o jantar e a conversa com os filhos. Tinha que digerir aquela nova realidade. Era a maior oportunidade da sua vida, mas os riscos não eram menores.

Depois de uma noite praticamente em claro, concluiu que se não tivesse crédito quebraria rápido. Jamais conseguiria conduzir o negócio apenas com o giro do balcão. Era preciso comprar mercadorias, pagar salários e despesas fixas.

Recorreu então a quem poderia ser o lubrificante para fazer aquela engrenagem funcionar. Só com o crédito da Karibé, Ara poderia enfrentar sua nova empreitada.

- Às seis horas da manhã eu estava na rua Xavantes!
– conta Ara.

Encontrou o velho Dorf na entrada. O empresário queria seguir para o estoque, achando tratar-se de mais uma rodada de compras. O assunto, no entanto, era outro.

- Meu patrão quer me passar a loja, mas não tenho dinheiro para sustentar o negócio – confessou Ara.

- Tenho muita vontade de trabalhar, mas preciso de crédito! – acrescentou.

A resposta foi surpreendente. O judeu calculou a média de compras mensais do cliente e concedeu um crédito de três vezes esse valor. O prazo de pagamentos que era de 60 dias passou para 75 dias.

- Eu quase pulei por cima da escrivadinha, tamanha felicidade – narra Ara.

De volta para a loja, o patrão cobrou a posição:

- A loja é minha! – respondeu Ara.

- E por que você só respondeu agora?

- Você é inteligente. Se você passasse a loja para mim sem dinheiro para investir, não adiantaria nada. Fecharia daqui um mês.

IV.I – Azar no jogo

Os motivos que levaram o comerciante a transferir a loja para o nome do seu amigo e gerente tem muito a ver com um traço terrível da sua personalidade. No mezanino da loja, era comum o patrão subir com amigos passar algum tempo por lá, atitude das mais esquisitas.

Estranhando o fato, Ara revirou o local, encontrou um baralho em uma gaveta usado no jogo de 21.

- Não tive dúvidas: joguei tudo no lixo – conta.

Antes de uma viagem que faria para Argentina, o expatão estava gripado e, para se recuperar logo tomou uma injeção de penicilina. O empresário teve uma reação alérgica e um derrame, que paralisou a metade do seu corpo.

Daquele momento em diante, a esposa tomou conta dos negócios e o empresário mergulhou em uma rota decadente. Por noite de jogatina, chegava a tomar uma garrafa de Whiskey e fumar um maço de cigarros.

Chegaram a tentar um tratamento na Suíça, com um neurocirurgião turco, para aliviar as consequências do AVC, mas a exigência era parar de fumar e beber. De nada adiantou.

Ara vivia em um apartamento enorme com 600 metros quadrados no bairro de Higienópolis e passava quase o dia inteiro na cama, sob os cuidados da esposa que, estranhamente dizia que não conseguia financiar um tratador para o marido.

Aquele armênio tinha sete lojas na rua Oriente e uma na Barão de Ladário. Um patrimônio líquido e rentável. Mas,

não tinha um tostão no bolso. A esposa não deixava o homem pôr a mão no seu próprio dinheiro

Mesmo debilitado, o amigo chegava de táxi para visitá-lo na loja e Ara era obrigado a pagar a corrida. Eles seguiam para o bar Quatro Gomes⁶¹. O padrinho pedia um café com uma dose de conhaque. “Nunca me conformei com isso”, afirma Ara.

Depois que a mulher do padrinho descobriu que Ara havia comprado a loja na rua Miller, sem avisar, apareceu com o marido na loja. Ela fez uma provocação para Ara, insinuando que ele deveria pagar luvas pelo ponto cedido. Irritado, o armênio deu as costas para o casal, fato pelo qual se arrependeu mais tarde.

Ao final do dia, o xará ligou, pedindo que Ara fosse até sua casa. Lá chegando, ouviu do padrinho que estava triste por ter sido expulso da loja:

- Minha gratidão por você não tem fim – disse Ara.

O amigo deixou claro que o problema foi a esposa tê-lo provocado.

- E quando você vai devolver a loja? – perguntou.

- Em meados de fevereiro – respondeu.

⁶¹ Sociedade de um pai imigrante português e seus três filhos

Satisfeito com o acordo, o ex-patrão abriu um whisky e os amigos brindaram. Mas, logo chegou a esposa, pedindo o imóvel antes das festas, o que prejudicaria sensivelmente os negócios na melhor época do ano.

- Esse whisky azedou – afirmou Ara que se despediu do amigo.

O armênio seguiu ao encontro de um advogado do Bom Retiro, indicado por judeus, que aceitou sua defesa na causa do mandato de despejo que enfrentaria em breve. Ele deixou claro que era uma causa perdida, mas que seria possível protelar sua saída.

Dito e feito. A ação correu por um ano e meio. Nesse período Ara não pagou os 23 salários de aluguel, mas sim apenas um salário por mês e nem um centavo a mais. Quando saiu, deixou um balconista na esquina da rua Oriente resgatando os velhos clientes.

Anos mais tarde, Ara recebeu um telefonema da esposa do seu amigo. Estava morto. A herança dos filhos foi paga antecipadamente pelo pai depois de uma briga.

No serviço funerário, Ara escolheu o melhor caixão e a melhor coroa de flores para o padrinho. Obrigou que o filho pagasse a conta. Também descobriu que a família não tinha sequer um jazigo para enterrar o empresário.

Foi Ara que localizou no Cemitério da Paz um local para depositar os restos mortais daquele que deu o primeiro impulso na sua vida como empresário.

V – Histórias do Brás

“Tinha amizade até com os ratos do Brás”, comenta Ara Agopyan, um dos mais, senão o mais antigo empresário do bairro. Esse armênio é capaz de citar de memória cada rua e alameda da região e suas transversais como um escolar recita os versos do hino nacional.

Em mais de seis décadas acompanhou o desenvolvimento desse polo têxtil e comercial e viu o bairro passar por transformações que vão da chegada dos imigrantes judeus aos bolivianos que ocuparam os porões e sobrelojas.

No Bom Retiro, testemunhou os coreanos tomando conta de indústrias e fábricas implantando uma nova modelagem de negócios. Presenciou de compras, vendas, falências e concordatas de verdadeiros impérios que marcaram esse pedaço de São Paulo.

A história que, para Ara começa nos anos de 1960, tem seu ponto de partida no século XVII, em tempos imperiais:

A origem do Brás está ligada à figura do português José Brás. Diz a história que José Brás, proprietário de uma chácara na região, teria construído a igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, ao redor da

qual desenvolveu-se um povoado que daria origem ao bairro do Brás.⁶²

Em princípio com vocação agrícola, logo encontrou no comércio sua grande inclinação. Com o desenvolvimento urbano de São Paulo, no final do século XIX, o bairro se transforma num polo para diversas correntes imigratórias:

A forte presença de imigrantes, em especial italianos, caracterizou o bairro nessa época. Os que chegavam da Europa e de outros lugares ao porto de Santos eram levados de trem até São Paulo e de lá encaminhados para a lavoura de café no interior do Estado. Outros ficavam na cidade atraídos pela indústria e comércio. Para receber e dar abrigo provisório aos imigrantes, começou a funcionar, em 1882, no Bom Retiro, uma hospedaria. Como o local mostrou-se inadequado, foi construída a Hospedaria de Imigrantes, localizada no Brás, para substituir a antiga edificação. Construída ao lado

⁶² Trecho do Almanaque da Folha: http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_bras.htm#:~:text=A%20origem%20do%20Br%C3%A1s%20est%C3%A1,origem%20ao%20bairro%20do%20Br%C3%A1s.&text=Nascia%20assim%20o%20bairro%20do%20Br%C3%A1s.

dos trilhos do trem, a Hospedaria de Imigrantes recebeu seus primeiros "hóspedes" em 1887.⁶³

No século XX, um novo personagem se soma aos italianos, judeus, armênios e palestinos. O bairro passa a atrair a migração nordestina e se transforma, a partir dos anos 40, em uma mistura cultural onde cada qual busca o seu lugar.

Para os desavisados o Brás pode parecer hostil, agressivo e confuso. Para Ara Agopyan que ali morou, tornou-se empregado, empresário, pai e proprietário de imóveis, o bairro é um baú de histórias, as mais saborosas e intrigantes.

Nesse capítulo relacionamos algumas de muitas passagens que servem como lição para futuros candidatos a empreendedores nessa overdose têxtil chamada Brás.

V.I O ambulante português

A figura do ambulante que hoje povoa a região do Brás, sobretudo nas proximidades do Largo da Concórdia, não é uma novidade. Essas figuras espertas e oportunistas, dotadas de uma lábia afiada, sempre percorreram aquelas ruas.

Ara se lembra de um português que vendia meias femininas de segunda linha com uma estratégia das mais

⁶³ idem

originais. Espetava o produto com um tridente improvisado para demonstrar que as meias não desfiavam.

O sujeito comprava grandes partidas de mercadoria de segunda linha negociadas à exaustão. Em pouco tempo, muita sola de sapato e suas garfadas mágicas, o português queimava o estoque pela cidade a fora e voltava para o Brás para repor seu estoque móvel.

Obviamente, o uso do tridente era um truque. Mas como era ambulante, ninguém o localizava para cobrar a promessa de qualidade. Ele tentava comprar na loja de Ara, mas a briga para chegar ao preço do ambulante não era fácil.

A questão da qualidade, aliás, sempre foi um ponto de tensão no comércio do bairro. Como empresário, Ara continuava comprando na Karibe. Chegava a selecionar mercadorias ao lado de um concorrente da rua Silva Teles que arrematava os produtos de segunda linha e os vendia, logicamente, por preços mais baixos.

O problema é que os clientes não sabiam dos pequenos defeitos e acabavam levando gato por lebre. Como resposta, Ara mostrava aos seus clientes dezenas de peças comprovando que sua mercadoria não tinha imperfeições e, por isso, fazia sentido ter um preço mais elevado. Não raro recebia consumidores arrependidos.

Para fazer frente à competição por vezes desleal, também chegou a comprar com preços especiais lotes de ponta de estoque que tinha as etiquetas trocadas pela Karibe.

- Mostrava as fotos dos catálogos de moda para comprovar tratar-se de produtos da marca! – afirma Ara.

V.II Chuvas e trovoadas

As relações com os fornecedores e Ara Agopyan sempre transcenderam os aspectos comerciais e tornaram-se histórias de amizade e companheirismo. Um dos donos da Karibe, certa vez, dividiu com o armênio sua alegria com a volta do filho, engenheiro têxtil, que acabara de se formar na Inglaterra.

O judeu obviamente esperava que o garoto se juntasse à família na perpetuação daquele império com mais de 2,5 mil funcionários, com parques industriais que reuniam tecelagem e confecção. Entretanto, o rapaz optou por um voo solo, com uma fábrica na rua Prates, no Bom Retiro.

A Karibe, obviamente, era fornecedora de matérias-primas para o herdeiro. Em solidariedade à família e também por saber que com aqueles tecidos e estampas o produto só poderia ser de boa qualidade, Ara passou a comprar do rapaz com pedidos programados a cada três meses.

O vendedor que atendia a empresa era um ex-piloto, sujeito bastante arrogante de trato complicado. Atender o

comércio do Brás, sobretudo naquela época, era uma prática de palavra empenhada e acordos cumpridos, independente de qualquer documento firmado.

Um vizinho de Ara, na tentativa de abalar o armênio, comprou a mesma mercadoria mas pediu exclusividade na venda para aquele quarteirão.

- Exclusividade de quarteirão? Isso é palhaçada! – argumentou Ara que não conseguiu demover o vendedor do acordo esdrúxulo com o concorrente.

O pedido de Ara foi cancelado. O que nem o vendedor nem o representante esperavam era a reação do armênio, a essa altura um estrategista de mão cheia. Na região, havia um patricio especialista em compras a prazo para roupas que eram vendidas a vista, rapidamente, com margens estreitas, mas bons resultados em quantidade.

Ara mandou que o rapaz comprasse uma dúzia de vestidos do pedido com a tal exclusividade, por 16,80 cada, como anunciava o concorrente. Em seguida, colocou ganchos na frente da loja e pendurou os vestidos a venda pelo mesmo valor que foram comprados.

O concorrente tinha que passar pela frente da loja na rua Oriente para tomar café no Quatro Gomes, botequim que faz parte da história do bairro. Ara alertou a uma funcionária:

- Célia vai estourar um temporal!

- Como assim, com esse dia bonito? – perguntou a funcionária sem entender o recado de Ara.

Dito e feito: o vizinho passou com o olho pregado nos vestidos pendurados ostensivamente na loja de esquina para quem quisesse ver.

- Célia, está trovejando – comentou o patrão.

Na volta o sujeito já estava com o representante ao lado, certamente questionando que fim tinha levado o tal acordo de exclusividade.

Não passou muito tempo para que um desconhecido baixinho, com sotaque alemão, entrasse na loja com o nariz no teto questionando Ara sobre a origem dos vestidos. A resposta teve o dobro da força da pergunta:

- Seu cretino! Quem é você para perguntar isso dentro da minha loja? – retrucou o comerciante.

- Se não der o fora vou quebrar seu joelho – acrescentou Ara, empunhando um pé de cadeira de madeira maciça que usava para espantar os ladrões do bairro. O sujeito saiu correndo.

No dia seguinte, o vendedor estava de volta, dessa vez muito amistoso, para comunicar que o pedido cancelado seria entregue.

V.III Um certo cobrador

Em tempos de acordo no fio do bigode não eram raras as cobranças no fio da navalha. Descumprir os combinados não era de bom tom. E havia figuras especializadas nesses devedores desonestos.

Foi o caso de um vizinho que recebeu muitos cheques sem fundos e começou a decair, sem conseguir pagar suas contas. A loja tinha 10 metros de frente por 60 de fundos, onde havia um gramado com acesso exclusivo, característica comum nos imóveis do Brás.

O comerciante recebeu a visita de uma figura que poderia ter saído das páginas de um romance sobre a máfia italiana. Impecavelmente vestido, o gangster seguiu com o devedor até o fundo da loja para iniciar a ‘conversa’.

Como argumento, abriu um vidro cheio de gasolina e despejou sobre o caloteiro. Em seguida sacou seu isqueiro zippo:

- Como vamos resolver isso? – perguntou.

Desnecessário dizer que a dívida foi quitada rapidamente.

O mesmo soturno e misterioso cobrador, certa vez, a serviço de uma fábrica do bairro se certificou que o dono estaria sozinho antes da sua chegada. Estacionou o carro dentro da empresa e abriu o porta-malas. Lá estava todo

enrolado em fios elétricos um devedor que tentou o calote contra o empresário.

A fama do cobrador se espalhava pelo Brás, quando o contador de um ex-fornecedor procurou Ara. O dono da confecção morreu e sua mulher não conseguiu conduzir o negócio. Dois gerentes tentavam chantagear a viúva ameaçando apresentar ao fisco vales de compras feitas por comerciantes listados por eles. O primeiro nome era Ara Agopyan.

- Comprei muito com eles. Meu carro saía tão lotado que não conseguia olhar no retrovisor – lembra Ara
- Se um bandido armado estivesse me assaltando não ficaria tão preocupado.

O armênio começou a investigar o caso e mobilizou seus amigos e contatos na região. Encontrou um dos chantagistas comendo um sanduíche em uma lanchonete nos fundos de um posto de gasolina.

Ara tentou argumentar. A conversa seguiu no limite do amigável, com um tom ameaçador:

- Tenho dois filhos e você vai me destruir – afirmou Ara.

- Também tenho dois filhos e a mulher não quer me pagar – retrucou o gerente.

A solução foi acionar o tal cobrador:

- Fui na fábrica do sujeito que mandou o cobrador no meu vizinho. Pedi que ele me ajudasse com essa situação.

Uma semana depois a viúva ligou dizendo que os gerentes tinham devolvido os tais vales. Tudo resolvido!

V.IV – As primeiras aquisições

A luta de um empresário no Brás é forjada em batalhas diárias, conquistas pequenas, muita economia e resiliência. Ara prosseguia guardando cada tostão que restava para fazer seus negócios prosperarem. Mesmo assim, era necessária uma dose de ousadia.

Foi quando Ara conheceu um judeu que intermediava imóveis na região. Sujeito muito honesto e simpático indicou oportunidades para o armênio.

Lojas no Brás, naqueles anos 60 eram imóveis com luvas caríssimas, aluguel absurdo e contratos curtos. Fruto de um cenário de crescimento econômico, com a especulação típica de economias aquecidas.

Surge então a primeira oportunidade, até hoje incorporada ao patrimônio da família. É a loja na rua Maria Joaquina, cujo negócio foi fechado no Bom Retiro. O mesmo judeu indicou outra oportunidade:

- Tem uma casa a venda na rua Miller! Pelo amor de Deus, vai lá e compra! – avisou o amigo que, como Ara, queria fazer daquele limão uma limonada.

A questão é que a rua Miller não era um bom ponto. Aquele era um pedaço com outro tipo de atividade. Em frente à loja, por exemplo, havia um camiseiro. Ao lado dele, dois irmãos gregos que faziam vestidos de poliéster.

A casa era um sobrado e precisaria passar por uma reforma que transformasse o local em um ponto. O imóvel pertencia a um casal italiano. Eles exigiam uma entrada altíssima, em dinheiro. Era o momento de ousar.

Ara fez um empréstimo no Bradesco e fechou o negócio. Agora era necessário pensar em como transformar um sobrado em uma loja. Havia um portão de garagem no térreo e o casal morava no andar de cima.

O armênio chamou um empreiteiro, de apelido Charuto, que conhecia na região e lançou o desafio. O primeiro passo seria conseguir um alvará na Prefeitura para autorizar a transformação do imóvel residencial em comercial.

Ara e Charuto foram até a Administração Regional da Moóca onde encontraram uma confusão gigantesca. Um prédio de quatro andares havia sido erguido no Brás sem a documentação necessária. O clima era de alvoroço na repartição. Nem adiantava falar em alvará.

Passaram então ao plano B. Por 200 cruzeiros semanais, Charuto se comprometeu a fazer uma reforma silenciosa, remodelando todo o interior do imóvel para, por último, transformar a fachada. Dito e feito:

- Não sei nem o que ele fez com o entulho – diz Ara.

Pouco tempo depois, um sujeito alto entrou na loja perguntando onde estava a casa velha construída ali. Era o fiscal da Prefeitura. Nada fácil, mas a reforma acabou aprovada e a loja que era casa funciona até os dias atuais e mudou a configuração e ocupação da rua.

Na parte de cima, onde moravam os antigos proprietários, surgiria um novo negócio, já nas mãos do filho do empresário, também de nome Ara. A família passaria a fabricar os produtos que seriam comercializados. Hora de virar fábrica e marca.

V.V Capital de relações

Logo no início das atividades de confecção dos Agopyan, Ara, o filho, procurava um tecido chamado PV. É uma mistura de fibras de viscose e poliéster ideal para roupas plus size – aquelas que vestem pessoas acima do peso.

O pai encontrou um fabricante judeu. Era um sujeito engraçado, baixinho, famoso por passar as noites em boates e seguir direto para o trabalho, na sua fábrica do Bom Retiro, no dia seguinte.

Naquela manhã, o empresário não estava na fábrica e Ara escolheu 7 ou 8 rolos do tecido colocados no porta-malas da sua Belina, à espera da chegada do boêmio para aprovar a compra. Quando chegou, começaram a negociar:

- Vou dar um cheque para um mês – propôs Ara.

- Eu só vendo a vista – respondeu o empresário.

- Então pode tirar tudo do carro – disse o armênio, desfazendo a compra.

Enquanto descarregavam o carro, por uma dessas coincidências do destino, passavam pela porta da empresa vários fornecedores que conheciam Ara de longa data. Como sempre, se cumprimentavam com afeto, se tratando pelo nome.

Aos poucos o fornecedor desconfiado, viu que estava perdendo um bom cliente. Chamou Ara de lado, pegou um pedaço de papel e autorizou 15 dias de prazo.

Essa nova fase dos negócios da família Agopyan começava com um capital mais importante que as lojas no Brás: a confiança construída pelo armênio que deixou sua terra com o queixo erguido e 55 dólares no bolso.

V.VI Palitinho

Entre os frutos mais saborosos que Ara Agopyan colheu como um dos mais antigos empresários do Brás estão suas amizades. Perto dos 70 anos de idade, o armênio descobriu que o basquete não era o único jogo capaz de unir amigos.

Desde o início dos anos 2000 esse armênio faz parte de uma roda de empresários que se encontra religiosamente, de segunda à sexta-feira, às 8h, em um bar na rua Xavantes para o desafio do palitinho.

Também conhecido como purrinha, porrinha ou basquete de bolso o jogo tem origem imprecisa. Os primeiros registros de sua prática datam do século IV, em uma citação de Santo Agostinho⁶⁴.

Cada jogador inicia a rodada com três palitos, que correspondem cada um à metade ou um terço de um palito de dente. Cada adversário pode manter a quantidade de palitos que desejar, escondida em seu punho. Os jogadores devem tentar adivinhar qual a soma dos palitos nas mãos de todos, postas sobre a mesa. Quem errar, retira um palito até ficar sem nada e perder o jogo.

⁶⁴ “Porro cum quo micas in tenebris ei liberum est, si velit, fallere” (Àquele com quem jogas morra no escuro, ainda que avisado, podes enganar).

No caso da roda frequentada por Ara, a prática teve início no ano de 1992, quando Joseph Bestros, dono da Confeção Dromedário, e alguns amigos resolveram almoçar e passar algumas horas no restaurante Rocinha, em Vinhedo, no interior de São Paulo. A roda migrou para rua Oriente e, em seguida para a rua Xavantes.

No início dos anos 2000, Ara passou a frequentar os encontros que tem regras bem definidas. Na primeira rodada da manhã, os perdedores arcam com o valor do cafezinho no bar onde essa confraria se reúne. Ao final do mês, os três jogadores que mais perderam pagam um jantar para o resto do grupo. Os jogadores também apostam um valor simbólico em dinheiro apenas para apimentar a disputa.

O que essa prática demonstra, para além da capacidade de cálculo e sorte dos participantes, é o convívio sadio e tolerante entre eles. Em outras partes do planeta unir etnias e concorrentes diariamente em um botequim é algo absolutamente impensável. Mas estamos no Brás, esse país dentro de São Paulo.

Além de Ara e Joseph, fazem parte da roda Salim Assi (UVX Jeans), Ricardo Mourad (Siriloco), Jake Shamruka (Gazos Jeans), Alfredo Valerio (Patria Brasil) e Laercio Tomiate (representante comercial).

O grupo – majoritariamente formado por ‘jeanzeiros’ da região - abraça árabes, libaneses, armênios e judeus, com idades entre 45 e 89 anos, concorrentes em seus negócios e amigos de uma vida de luta e trabalho.

Em mais de duas décadas, jamais a roda registrou uma briga. Aqueles que não tem o mesmo espírito esportivo, rapidamente abandonam o grupo. Ara se lembra de um integrante especialmente chato. Coube ao armênio, decano do grupo e do Brás interpelar o jogador:

- É uma grande honra tê-lo conosco mas o senhor tem que chegar na hora e manter o celular desligado! - determinou ao concorrente que jamais retornou.

Quem são os grandes vencedores? Quais os grandes perdedores?

- Eu não sou de me gabar. As vezes ganho, outras perco. O Joseph é que adora contar vantagem – admite Ara.

- Ara é o que mais perde e eu ganho todas – brinca Joseph.

O palitinho diário desse grupo de amigos é também um bom exemplo do significado desse bairro para a vida de imigrantes e seus descendentes. As diferenças que essas etnias vivem em seus países de origem aqui transformam-se em boas risadas.

Capítulo 5

O casamento e a família

I – Conhecendo Dona Rosa

A história do encontro entre Rosa e Ara Agopyan começa na distante Hadjin, hoje renomeada como Saimbeyli, distante 908 quilômetros a Oeste de Istambul. Esse lugarejo testemunhou, no início do século XX um dos mais violentos massacres do genocídio Armênio.

Hadjin foi alvo de um cerco terrível feito pelo movimento Jovens Turcos, o mesmo que dizimou milhares de armênios nas proximidades de Yosgat onde nasceu Hopar, o pai de Ara Agopyan. Também o mesmo grupo que depredou Istambul, motivo pelo qual, Ara decidiu partir.

A missionária americana Rose Lambert, testemunha ocular dos fatos e correspondente do The New York Times, em seu livro *Hadjin and the Armênia Massacres*, assim descreveu o desfecho do cerco:

Viúvas e órfãos às centenas voltaram em bandos para Hadjin e as aldeias ao nosso redor, vindos da planície, desprovidos de entes queridos, muitos dos quais haviam sido brutalmente massacrados diante de seus olhos. Eram sem um tostão, esfarrapados, descalços, doentes, pálidos e quase irreconhecíveis, as mães, esposas, irmãs e filhas dos três mil homens

de Hadjin que haviam sido massacrados na planície.

Entre as viúvas, a avó de Rosa Agopyan, uma menina grávida com apenas 15 anos. Quando deu à luz, foi para Damasco, onde conheceu seu segundo marido, um advogado libanês que cuidou do filho como fosse seu, ensinando inclusive as primeiras letras ao rapaz.

A nova família seguiu para Beirute. Esse advogado tinha um parente vivendo no Brasil para onde veio aquele jovem sobrevivente, acompanhado da avó. Foi onde armênio o conheceu sua esposa, uma carioca com quem teve dois filhos: um rapaz que se tornaria médico e uma menina com nome de flor que mudaria para sempre a vida de Ara Agopyan.

Quis o destino que uma das únicas três famílias armênias de Uberlândia conhecessem os patrícios. Garabed Agopyan, personagem bastante conhecido nessa história, foi apresentado ao pai de Rosa e quando viu o retrato daquela flor na parede, pensou estar diante da irmã, tal a semelhança entre as duas.

“Ele mandou buscar o sobrinho na França para casar comigo”, conta Rosa, orgulhosa do noivo importado. De fato, Garabed atraiu Ara para Uberlândia e, como já foi narrado, o jovem tomou um choque na chegada à pacata cidade do triângulo mineiro.

Isso sem falar da conturbada relação que manteve com o tio desconfiado e sua mulher, figura muito artilosa. Nesse clima, Ara e o tio seguiram para São Paulo, na praça Teodoro de Carvalho, bairro da Vila Mariana, na Zona Sul da cidade onde Rosa morava com seus pais.

- Cheguei a dizer para o meu tio que foi a única coisa boa que ele fez pra mim – reconhece Ara.

- Eu era chata e enjoada, mas gostei dele – confessa Rosa.

Não era pra menos. Aquele jovem alto, magro, charmoso e bem humorado sabia ser envolvente. O armênio ainda tinha dificuldades com a língua portuguesa, mas nada que impedisse a comunicação entre os pombinhos:

- Eu entendia bem o que ele dizia. Agora é que não entendo... – brinca Rosa.

- Ficamos surdos juntos – rebate Ara também em tom de piada.

A relação com Garabed já estava bastante degradada, quando o tio comprou passagens de ônibus para Rosa e sua mãe visitarem o rapaz em Uberlândia. A visita também era uma forma de mostrar a vida digna que o jovem Ara levava naquele lugar.

Não tardou para que Ara deixasse o Triângulo Mineiro e começasse a trabalhar como representante de produtos de

papelaria, profissão que exigia do armênio viagens que duravam mais de três meses pelo interior do País.

O namoro entre dois armênios nos anos 60 era muito diferente do que ocorre hoje. Pouca intimidade e muito compromisso cercava o relacionamento. Em outras palavras, se estavam juntos era porque o casamento estava no horizonte.

I.I Duas línguas em uma

O garoto que escapou do genocídio no útero da sua mãe, se tornaria um dos melhores amigos – quase um pai – para Ara Agopyan. O sogro falava um dialeto que misturava termos armênios com palavras turcas. Como o genro conhecia os dois idiomas, entendia bem o patrício.

Só os imigrantes sabem como é bom encontrar alguém falando a mesma língua em um país distante.

- A Antártica entregou cerveja – dizia o armênio para o genro, num convite para uma boa conversa.

Ara também se recorda com carinho de assistir ao lado do sogro a série Os Intocáveis, que narrava os feitos de Eliot Ness, agente do Tesouro americano que conseguiu colocar atrás nas grades ninguém menos que Al Capone.

- Meu pai fazia arroz doce para receber Ara – afirma Rosa.

Como os pais de Ara não viviam no Brasil, não houve um pedido formal para o pai da noiva. Mas os planos de casamento seguiram entre os jovens. A família de Rosa era de comerciantes, gente simples e batalhadora, que não poderia ajudar no início da vida do casal.

Hopar e Himayak muito menos. Depois do exílio, o pai de Ara reconstruiu sua vida e, de empresário, tornou-se novamente empregado. Tinha um padrão mais simples naquela Turquia sempre disposta a explorar as minorias.

Restava ao casal a disposição de construir o próprio futuro. O dinheiro que sobrava das viagens de vendas de Ara pelo interior do Brasil era gerenciado por Rosa que, pouco a pouco, comprava aquilo que seria necessário para o início da vida a dois.

I.III O Casamento

Casaram-se na Catedral Ortodoxa Armênia de São Jorge, na avenida Santos Dumont, no eixo norte-sul de São Paulo. Padre Assazador abençoou a união que teve como padrinho aquele que seria o próximo patrão de Ara.

O casal morou em um apartamento alugado no bairro do Ipiranga, durante cerca de um ano em meio. Depois, Ara e Rosa se mudaram para a rua Oriente, no Brás. Era um imóvel típico do bairro: pequeno, com muita umidade e construído sobre as lojas. Definitivamente, não era o

melhor lugar para constituir uma família. Mas era o possível, naquele momento.

Ara ainda trabalhava como representante, quando Rosa engravidou. Irmã de um médico passou a fazer exercícios diários para proporcionar um parto mais leve e confortável. Estava na casa da mãe, na Vila Mariana, quando as contrações começaram.

Por sorte, o pai estava em São Paulo e conseguiu acompanhar o nascimento de sua primogênita, no Hospital Samaritano.

- Fiquei um pouco sentida porque ele não trouxe uma flor para mim. Mas, tudo bem. Ele não tinha jeito pra isso – comenta Rosa.

Ani nasceu em 1966. No hospital Samaritano, Rosa viveu um longo trabalho de parto que começou perto das 8h e só findou às 21h. Seu irmão e um outro médico acompanharam o parto natural.

- Ara segurava uma mão e minha mãe a outra – lembra Rosa.

A primeira filha, não fez jus à regra de que os primeiros são os mais complicados.

- Ani foi uma criança maravilhosa. Dormia bem e não deu trabalho nenhum – conta a mãe.

- Ela dormia tanto que um dia coloquei um espelho perto do seu rosto para ver se estava respirando – lembra o pai.

A única recordação complicada na história da primeira filha foi muitos anos mais tarde, já na maioridade, quando a jovem Ani começou a namorar um sujeito que desagradou seus pais.

- Ele ficava grudado nela e era muito ciumento – comenta Rosa.

A estratégia, segundo a mãe, foi não forçar muito para que ela terminasse o namoro, numa tentativa do que hoje chamamos de psicologia reversa. Ou seja, para convencer o filho a fazer algo, melhor fingir que não se importa tanto com aquilo.

O fato, que hoje a própria Ani reconhece, é que seus pais sentiram que aquele relacionamento passava da conta na possessividade. Em outras palavras, salvaram a filha de uma enrascada, caso o namoro terminasse em casamento.

Muito menos quieta que na infância, Ani se revelou uma mulher forte e capaz. Arquiteta trabalhou com eventos e cenários no Rio de Janeiro, antes de assumir as rédeas financeiras das empresas da família.

I.IV Chega de estrada

Com a chegada de Ani, a vida de viajante do marido desagradava cada vez mais a sua esposa. A jovem esposa queria Ara por perto, ao seu lado na luta diária.

- Na volta de uma viagem, encontrei Rosa chorando – lembra Ara.

Hora de mudar de emprego, primeiro como representante de uma empresa de metais não ferrosos e, depois, ao lado do padrinho, também Ara, que o fazia gerente de uma loja recém-comprada no Brás, bairro que Ara jamais abandonaria.

A loja ficava ao lado de casa. Bastava uma pernada para Ara almoçar e voltar ao trabalho. Essa proximidade foi importante para o futuro empresário conhecer aquele cenário particular de comércio de rua.

Rosa fazia o possível para contribuir com o progresso do marido. Chegou a fazer perucas para ajudar a compor a renda. Ara lembra daquele período:

- Era preciso lavar os cabelos com vinagre quente. O cheiro era insuportável – relembra.

Dois anos depois de Ani, em 1968, no mesmo hospital Samaritano, outra criança surgia no clã Agopyan. Era um menino que ganhou o nome do pai, Ara. Diferente da irmã, o parto do dessa vez foi bem mais rápido,

anunciando que o bebê chegou com pressa para agitar o ambiente doméstico.

- Ele fez xixi na cara do médico – conta Rosa.

O apartamento da rua Oriente ficava cada vez menor e mais desconfortável para um casal, agora com dois filhos. Havia dois andares de escada e o Brás não era um lugar hospitaleiro, tampouco residencial.

I.V Transmissão encerrada

No térreo, quem morava era um egípcio analfabeto. Uma noite, o casal acordou com um barulho ensurdecedor.

- Eu e Rosa pulamos da cama – diz Ara.

O vizinho conseguiu localizar uma emissora de rádio egípcia, transmitindo em ondas curtas. Ele ouvia o noticiário do seu país em volume alto, às três da madrugada. A solução para o problema foi inusitada.

Com uma garrafa, água, sal, dois pregos, um fio e uma lima grossa, Ara criou uma traquitana que baixava a tensão do prédio de 110 para 55 volts. A intervenção criava uma faísca que o armênio usava, quando vivia em Istambul, para acender a chama dos fogões. Bastaram três tentativas para o truque funcionar, silenciando o maldito rádio.

Com a ascensão de Ara à posição de dono da loja onde trabalhava como gerente, como já narramos, uma nova casa passava a ser prioridade.

Foi quando o casal comprou seu primeiro apartamento próprio, no bairro vizinho, o Pari. No terceiro andar do prédio da rua Rodrigues dos Santos, aquela família se constituiria e, naquele local, seus filhos construiriam o imaginário de uma infância das mais divertidas, como descreveremos nos próximos capítulos.

O pai agora trabalhando em São Paulo levava e buscava seus filhos diariamente no colégio, primeiro a bordo de um fusca e depois de um carro que marcou época – uma belina, onde os filhos viajavam no bagageiro.

I.VI As travessuras de Ara

Ara era um menino típico, cheio de energia e disposição. Com quatro anos, escapou do parquinho por um buraco no muro e ganhou a rua, para desespero de todos. Felizmente, São Paulo era uma outra cidade naquela época e nada de ruim aconteceu.

Mais tarde, no colégio Rio Branco, onde os irmãos estudavam, o garoto não parava quieto e, não raro, chegava em casa com o uniforme rasgado.

- Tive que costurar remendos de couro nos joelhos das calças – lembra Rosa.

Mesmo bagunceiro e um pouco indisciplinado, Ara era uma criança amável e muito bem-humorado. Rosa lembra que o garoto fazia questão de colocar Nelson Gonçalves para tocar no carro quando era a vez da mãe levar os filhos para o colégio. Era um modo de agradar o coração de Rosa que mal conseguia tirar o avental para dirigir.

Outra lembrança divertida era como Ara lidava com o cabelo. A mãe não gostava de ver os filhos despenteados:

- Ele penteava só na frente e quando virava as costas estava tudo bagunçado – recorda Rosa.

Os professores, diante daquele menino agitado, aconselharam a família colocar o filho para praticar esportes e gastar a energia represada. Alto como o pai e estimulado por ele, Ara passou a jogar basquete. Frequentou equipes do Clube Armênio, da Hebráica e da UGAB – União Geral Armênia de Beneficência.

Mesmo muito inteligente, Ara não conseguia fixar atenção nos estudos. Queria fazer coisas, realizar desde cedo. Não tinha paciência para teorias, aulas longas e jornadas de estudo.

Os pais resolveram então mudar o garoto para o colégio Oswaldo Cruz, com ensino técnico, onde o jovem concluiu seus estudos até o final do colegial, hoje conhecido como ensino médio.

Prestou vestibular para engenharia eletrônica e conquistou uma vaga no Instituto Mauá de Tecnologia, escola de referência internacional nessa área. Mas, seu nome figurou apenas na segunda lista e quase passou despercebido para a família.

- Estava forrando a gaiola de passarinho com jornal quando vi o nome do meu filho – conta Rosa.

Novamente, Ara não se adaptou ao curso interrompido antes de concluir o segundo ano. O pai se recorda que foi chamado na faculdade porque o filho estava inadimplente. Pagou o que estava atrasado, mas insistiu para que o rapaz começasse a trabalhar, em princípio como representante comercial de uma empresa têxtil.

Mais tarde, o jovem entrou para os negócios da família e iniciou a confecção na empresa, até então exclusivamente comercial. No Senai, fez todos os cursos necessários para compreender os processos de uma confecção e hoje comanda as empresas da família.

- O patrão tem que conhecer o que faz cada um dos seus empregados – ensina, Ara.

I.VII – Marcelo e o quarto da bagunça

No ano de 1973, o terceiro e último filho dos Agopyan chegou para completar a família. Marcelo nasceu em

Mairiporã, onde morava o tio médico que depois do casamento construiu uma casa enorme naquela cidade.

Também responsável pela montagem do Hospital das Clínicas de Bragança Paulista, o especialista insistiu que a irmã ganhasse o filho na sua cidade, onde poderia receber todos os cuidados sem os gastos de um hospital de São Paulo

Rosa, que foi uma grávida exemplar nos dois primeiros partos, dessa vez exagerou no garfo, durante o pré-natal. Acabou engordando 20 quilos, que perdeu depois do parto com uma dieta.

- Tinha vontade de comer tudo o que via – lembra.

Assim como aconteceu com os dois primeiros filhos, Rosa tinha todas as condições para um parto normal, mas optou por uma cirurgia porque queria realizar uma laqueadura. Três filhos já eram mais do que suficientes para aquela família.

- Marcelo nasceu lindo – conta a mãe.

Entretanto, o menino tinha dificuldades para mamar. Marcelo assustou a todos quando ficou com o rosto avermelhado ao tentar sugar o leite. Fizeram uma aspiração e removeram secreções que atrapalhavam as vias respiratórias do bebê.

Seguiram para o hospital Samaritano, onde o filho foi atendido pelo doutor xxx Paiva. O médico passou o polegar na palma do pé de Marcelo e notou que o paciente não chorava, o que era um mal sinal.

O bebê voltou para casa ainda sem um diagnóstico claro. Mas já estava bem melhor. O caçula se juntaria ao trio no apartamento da família e faria de um dos quartos o seu local predileto. Era o memorável quarto da bagunça.

Com o progresso de Ara como logista, já era possível procurar um lugar melhor para morar. O casal negociou o apartamento da Rodrigues dos Santos com um português que queria comprar o imóvel para o seu genro.

Ara e seu cunhado foram conversar com o interessado que morava na rua Xavantes. Ao ver os remédios que o sujeito tomava, o médico aconselhou Ara a fechar logo o negócio porque o pobre estava pela hora da morte. Dito e feito! Pouco tempo depois, da compra, ele se foi.

Mudaram-se para Santa Cecília, na rua Brasília Machado, no apartamento onde o casal reside até os dias atuais. Indiscutível a evolução da moradia, mas não para Marcelo. O garoto perdeu seu lugar no mundo: o tal quarto da bagunça.

- Ele pegou um martelo e começou a bater nas paredes porque estava revoltado com a mudança – conta Rosa.

Em um momento de sabedoria, a mãe tomou uma decisão das mais acertadas. Levou o garoto até o apartamento antigo, já ocupado por novos moradores e mostrou que nada lá estava como antes. Marcelo se convenceu e lembra com emoção até hoje dessa lição.

Na adolescência, Marcelo fez um intercâmbio no Vale do Silício, aprimorou o seu inglês e retornou ao Brasil, onde estudou Administração de Empresas. Também passou a trabalhar com a família e hoje tem uma empresa de serviços de telecomunicações.

Dos três, é o que melhor domina o inglês e chegou a intermediar negócios das empresas dos Agopyan com a China. Entre as frustrações do pai, está o fato de não ter ensinado aos seus filhos e netos o idioma do seu povo.

II – Dois sustos

Entre os momentos mais dramáticos vividos por Ara e Rosa está um revellion, quando os dois primeiros filhos eram muito pequenos. Na noite da passagem, Rosa, que não bebe, arriscou tomar um pouco de Whisky.

Teve uma dor de cabeça e tomou um comprimido de Melhoral (ácido acetilsalicílico) para dormir melhor. Na madrugada, acordou enjoada. Foram três episódios, nos quais vomitou sangue. No terceiro chamou Ara.

- Você fez isso? – perguntou assustado.

Seguiram para a casa da família de Rosa onde passaram a noite. A perda de sangue continuou durante e a pressão caiu muito.

- Amarrei a Rosa no banco do fusca e fomos para o Samaritano – lembra Ara

Começaria ali uma peregrinação entre médicos de várias especialidades para encontrar um diagnóstico. A primeira medida foi uma transfusão para repor o sangue perdido. Daquele dia em diante, Rosa nunca mais seria a mesma.

A primeira hipótese era de úlcera no estômago. Rosa chegou a iniciar um tratamento inclusive, mas outros

sintomas surgiram. A qualquer preocupação sentia disparos cardíacos terríveis.

Os médicos sugeriram algum problema psicossomático, causado por um trauma na infância ou algo do gênero.

- Tive uma infância ótima e meu marido sempre foi bom pra mim. Nunca tinha acontecido nada! – afirma Rosa.

Ela insistia que seu problema estava relacionado ao coração.

- Levei minha mulher em vários cardiologistas famosos – comenta Ara.

Ele lembra que havia um que falava castelhano e outro que era judeu e tinha consultório no Bom Retiro. Rosa saiu de lá com o primeiro diagnóstico relacionado ao coração.

- Eu sabia, sabia... Tenho angina de peito – afirmava.

Ara chamou o cunhado médico e perguntou por que um diagnóstico daquele não foi feito já nas primeiras consultas. A resposta, comprovada por livros de cardiologia, demonstrou que não era possível que aquele diagnóstico estivesse correto. Não batia com o que a ciência sabia sobre angina.

A essa altura, 10 anos tinham se passado, Marcelo já fazia parte da família e nada de uma causa convincente para os problemas de Rosa. Foi quando o casal procurou um cardiologista na Vila Clementino, professor da área, Monir Hanania

Foi uma consulta atenta e cuidadosa com mais de duas horas de duração. O médico perguntava cada detalhe dos sintomas da sua paciente. Ao final, comentou que tinha um palpite, pouco provável, mas que deveria ser verificado com um exame.

Para surpresa de todos, o resultado foi positivo: Rosa sofria de doença de Chagas, patologia cujo transmissor é um inseto, o barbeiro, encontrado normalmente em casas feitas com barro de pau a pique.

A pergunta, entretanto, era:

- Qual a probabilidade dessa contaminação em um lugar como São Paulo?

A resposta é ainda mais surpreendente. Os primeiros sangramentos, possivelmente, foram causados pelo comprimido que Rosa ingeriu e acabou grudado na parede do seu estômago. E a doença em foi transmitida por sangue contaminado na transfusão que recebeu.

Ainda não há tratamento capaz de curar essa doença comum no semiárido nordestino. Em Goiânia, surgiu um

pesquisador que desenvolveu um remédio experimental. Rosa foi submetida ao tratamento

Entre os exames, ela foi picada por barbeiros não contaminados para os quais transmitiria a doença para dar andamento às pesquisas. O tratamento foi interrompido pela distância, mas, na verdade, não houve um resultado definitivo.

II.I O segundo susto

Em 31 de julho de 2015, bodas de ouro do casal, novamente Rosa assustou a família. E, de novo, os remédios foram os causadores do problema. Tudo começou com uma visita de Ani que pediu à mãe um comprimido do diurético Moduretic que Rosa tomava com frequência.

- Mandei-a pegar no armário, mas só tinha remédio de tireoide – conta.

Ou seja, Rosa estava tomando remédio errado e dobrando a dose do medicamento para a tireoide. Dois dias depois, começou a sentir-se mal. Foi levada ao Hospital Sírio Libanês com pressão de cinco por oito.

Ao chegar, perdeu a consciência. Foi uma parada cardíaca. Rosa foi reanimada com eletro choque. Passou 12 dias na UTI do hospital, onde Ara encontrou por coincidência o médico da colônia, Antranik Manissadjian.

- O que vc está fazendo aqui? – perguntou o médico.

- Estou acompanhando minha esposa, internada na UTI – explicou Ara.

No segundo encontro, o patrício fez questão de checar o estado de saúde de Rosa.

- Ela vai melhorar, mas chama o padre que Deus também ajuda – comentou o médico, o que, obviamente, aguçou a preocupação do marido.

Rosa passou por mais essa e continua sendo a esposa mais atenta, dedicada e doce da comunidade armênia de São Paulo. Quem conhece esse casal é testemunha do carinho e respeito que forjou e renova a cada dia essa união.

Em tempo: ainda no hospital, Ara levou rosas colombianas para sua amada, quitando a dívida do nascimento de Ani e celebrando, como foi possível, os 50 anos de união.

II.II Deus gosta de mim

E não é só Rosa que passou por momentos de susto. Ara, ao longo de nove décadas já teve a vida por um fio por pelo menos cinco vezes. Uma delas, já descrevemos no

capítulo que conta as aventuras desse armênio na França. Mas não foi a primeira.

Logo aos cinco anos, Ara saltou de um bonde em movimento em Istambul, se estatelou no chão com o pescoço sobre o trilho. Caso o veículo tivesse dois vagões, teria sua cabeça decepada.

Em uma segunda queda de outro bonde, Ara deu uma cambalhota no ar e acabou no asfalto com um carro a 30 centímetros de um atropelamento.

- Cheguei em casa com a camisa toda rasgada e disse para minha mãe que tinha me metido em uma briga – lembra Ara.

Já no Brasil, o Armênio voltava do escritório do seu contador no Bom Retiro, com destino ao Brás, quando foi atingido por um caminhão na lateral do seu Del Rey, na esquina da Avenida do Estado com a rua São Caetano, em São Paulo.

Um office boy do contador que estava no banco do passageiro sofreu um corte na barriga e foi hospitalizado. O carro foi para o ferro velho. Até o rádio ficou amassado. Mas, Ara sobreviveu com ferimentos leves.

Em um feriado da Proclamação da República, a pedido de Rosa, a família seguiu para Campos do Jordão. Na estrada velha que dava acesso ao Pico de Itapeva, uma falha no

asfalto faria o carro capotar. Ara decidiu, em fração de segundos, virar a direção no sentido do barranco e despencou, morro abaixo. Um pescador que estava por perto prestou os primeiros socorros.

Com a família em segurança e ninguém ferido, Ara acompanhou o içamento do carro. Ficou impressionado quando constatou que uma corda de 25 metros não seria suficiente para puxar o carro, tal a distância que percorreu.

E, pra encerrar a viagem com chave de ouro, no retorno para São Paulo, já na via Dutra, um acidente entre um fusca em uma Brasília fez com que uma menina fosse lançada fora do segundo carro caindo diante do veículo que Ara dirigia.

Se não estivesse muito atento, já prevendo o acidente que se anunciava, não teria condições de frear, agravando ainda mais o desastre.

- Deus gosta muito de mim! – conclui Ara.

III – Os filhos e suas conquistas

III.I - Ani

Entre as lembranças mais longínquas de Ani está o apartamento na rua Oriente, no Brás. A arquiteta com olho treinado para o design, as plantas e formas, se recorda da sala e de uma porta ao lado direito que dava acesso a cozinha.

Daquele pequeno apartamento no prédio sem elevador, a memória de Ani caminha pelas escadas e alcança os passeios da família pelas ruas do bairro. A pequena seguia sempre entre Ara e Rosa, de mãos dadas com os pais.

Mas foi o apartamento na rua Rodrigues dos Santos, no Pari, o palco de uma infância cheia de fantasias e brincadeiras. Ali estava o memorável quarto da bagunça. Território neutro, onde todas as brincadeiras cabiam.

“Tinha um sofá esquisito, com almofadas duras, quadradas, cor de laranja”, lembra Ani. “Fazíamos túneis, casinhas, caminhos, como se fosse um lego”, conta a arquiteta. Ali os três filhos de Ara e Rosa podiam ser que bem entendessem: artistas, pais, detetives, enfim, tudo era possível.

Quando as paredes de espuma não davam conta de suportar a imaginação dos irmãos era a vez de usar a

televisão como brinquedo. A antena era o microfone e as apresentações percorriam as tardes.

“Toda vez que o Ara pegava a antena, acabava quebrando”, recorda Ani, sobre o irmão do meio, sempre um tanto atrapalhado. Depois de vários ‘microfones’ danificados o pai deu um basta:

- Na próxima vez que vocês quebrarem, vou dar uma surra nos dois – ameaçou.

Não deu outra. Ara mais uma vez quebrou o equipamento e acusou Ani. O pai cumpriu o prometido. “Tomei uma surra homérica”, lembra a filha.

Rosa logo percebeu algo de errado e perguntou para a empregada o que de fato havia acontecido. Quando descobriu que Ani era inocente, a mãe não permitiu que o pai continuasse a bater na filha.

A cena de Rosa intervindo em favor dos filhos não era incomum. Ara sempre foi um pai enérgico e disciplinador. Mas, por vezes, não tinha a serenidade para o bom julgamento e acabava cometendo exageros como nessa história.

“Minha mãe sempre nos protegeu. Tenho várias lembranças de crises que ela segurava. Ela sempre pegava no pé, mas na hora de proteger, era uma leoa”, admite Ani.

Dos três filhos, Ani é reconhecida pelos pais como a mais comportada. O que não quer dizer, no entanto, que passou a juventude entre quatro paredes. Pelo contrário! “Eu não fui nada caseira. Minha mãe foi obrigada a ficar em casa e ficou. Eu enfrentei e fui pra rua.”

Ara trouxe de Istambul o padrão de disciplina que conheceu sob o teto de Hopar. Ou seja: ele deveria ser sempre o último a chegar em casa. A família a mesa para o jantar era dessas regras que jamais poderiam ser quebradas.

Mas, os tempos mudam. A jovem foi crescendo e a família já morava no apartamento de Santa Cecília, no coração de São Paulo e sua noite cheia de atrações. “Quando meu pai viu que não tinha jeito, ele estabeleceu uma norma: meia noite quero todo mundo em casa. Se vocês não chegarem, eu passo o trinco!”

Se chegassem após o horário eram obrigados a tocar a campainha e acordar o pai. “Era a pior coisa que poderia acontecer”, afirma Ani.

Ani foi se revoltando contra essa lei. Ela e o namorado frequentavam o The Queens Legs, um pub na rua Melo Alves, que tinha como principal atração o jogo de dardos. Como todo bar desse gênero, começava a funcionar mais tarde e era praticamente impossível retornar no horário

determinado. “Nunca fui louca, não fiz nada de errado”, afirma.

Até que um dia resolveu contrariar a regra imposta. Se a porta estivesse trancada ela seguiria para a casa do namorado. Não se submeteria a tocar a campainha. Dito e feito.

“Fui para casa dele e dormi no sofá. No dia seguinte, Ara, meu irmão, ligou para o meu namorado perguntando por mim”. Quando chegou em casa Ani conversou com o pai. Chegaram a um acordo com base em confiança mútua.

Afinal, segundo Ani, o irmão “podia fazer o que queria. Dizia que ia tomar um sorvete e sumia. Eu tinha que fazer um relatório. Isso só mudou com o Marcelo. Eles estavam mais tranquilos”, queixa-se a única mulher entre os Agopyan.

Os momentos enérgicos de Ara, não excluem o pai extremamente engraçado e divertido. “Nas reuniões de família, ele chegava e virava. Ele era espirituoso. Tirava piada de qualquer coisa”, comenta Ani.

Mas, havia um momento que era o terror para os filhos de Ara Agopyan. “Quando ele falava, ‘vamos estudar’, a gente começava a tremer. O que fizesse de errado, vinha um tapão na cabeça”, revela Ani.

Ensinar não era definitivamente o forte de Ara Agopyan. “Uma época ele me levou para loja. Eu ficava lá o dia inteiro e ele não falava nada”, recorda Ani, para quem o pai “não ensinou mas, deu exemplo!”.

Dois exemplos, aliás, fazem parte das marcas desse Armênio que se orgulha tanto da sua família. O primeiro é a dedicação ao trabalho. E, depois, a devoção total à família, simbolizada na especial relação com Rosa.

“Ele deixou Istambul para tentar outra coisa e construir a família dele. Minha mãe é a luz da vida dele. Ela deu o que ele tinha perdido. Ele não vive sem ela”, relata Ani com a voz embargada.

A filha reconhece que, por algum tempo, teve muitos conflitos com a mãe. Ela assumia uma postura de enfrentamento e não se conformava com a postura de Rosa. No fundo, o que acontecia era uma relação competitiva, por atenção e espaço.

Perto dos 19 anos, “meu pai me chamou e disse: se você pensa que troco você por ela, está muito enganada. Fiquei em choque.” Décadas mais tarde, Ani compreendeu o que o pai quis dizer.

- Agora acho isso lindo. Isso é o amor. Eles conseguiram fazer algo que ele não imaginava mais possível – reconhece.

Outras cenas e exemplos da atitude do pai permanecem gravadas como tatuagem no coração de Ani. A morte repentina de Hopar, em um acidente de automóvel, fez com que Ara trouxesse a mãe e a irmã para viverem no Brasil. Segundo Ani, o pai achava que sua avó também morreria distante, sem a possibilidade de uma despedida, um último abraço.

Mas, sua irmã que também perdera o marido no mesmo acidente, tempos depois envolveu-se com um homem turco. “Ela queria dar um pai para o meu primo”, explica Ani.

A tia de Ani escreveu para Ara, pedindo a permissão para vir para o Brasil com o namorado, algo que beirava o inadmissível em uma família que sofreu tanto nas mãos dos turcos. E o que ele respondeu?

- Se é sua felicidade, eu estou ao seu lado! – decretou para surpresa de todos.

Para que o leitor entenda o que isso significa, Ani se recorda de uma viagem da família para o Guarujá e, no meio de um jogo de futebol, um jogador começou a gritar: “Passa a bola para o turco! – se referindo em tom provocador a Ara - e transformando a pelada em uma baita briga de socos e pontapés.

Entre os grandes momentos da história do pai que, como qualquer nascido em Istambul usava um passaporte turco,

Ani cita sua naturalização como cidadão brasileiro. O termo 'turco' dá lugar a uma nova cidadania, no país onde Ara construiu sua família e patrimônio. "Esse é meu pai", orgulha-se.

Nos primeiros anos como arquiteta, Ani atuou na Cerâmica Seleta, atuando fortemente com alvenaria estrutural, numa época em que a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina implantou dezenas de mutirões de moradia popular pela capital. "Eu fazia a parte técnica. Aprendi tudo lá dentro", conta.

Após essa primeira experiência, Ani resolveu investir no seu próprio negócio e também realizar o sonho de morar sozinha. "Minha mãe não podia ouvir isso. Chamei meu pai. Ele já não era o mesmo", conta Ani.

- Acha o apartamento e eu falo com a sua mãe-disse o pai.

Ara cuidou de tudo. Negociação, contrato e todos os detalhes. E, o principal: foi o pai ciumento, autoritário e protetor quem ajudou a dobrar o coração de dona Rosa e convencê-la que estava na hora da filha alçar vôo solo.

Ani se associou a uma arquiteta carioca que realizava eventos nas duas capitais. "Ela fazia muita coisa no Anhembi e ficava na minha casa quando estava em São Paulo", conta. Em pouco tempo, Ani foi morar no Rio de

Janeiro, em tempos de economia aquecida e muitos eventos.

“A gente arrendou o Morro da Urca. Colocamos uma lanchonete no Pão de Açúcar. Fizemos muitas festas e eventos corporativos. Fiz toda a decoração na 20ª bienal do livro”, conta Ani que, apesar do progresso nos negócios jamais se acostumou com o estilo de vida carioca.

- Tive que demitir um funcionário e fui ameaçada de morte – afirma.

Voltando a São Paulo, os negócios da família ganharam uma nova colaboradora. A essas alturas, com Ara, o filho, no comando das operações, restou a Ani a área financeira. Ara tinha contratado um consultor para reestruturar esse departamento.

- Ele montou tudo e me ensinou. Segui aquele beabá – comenta Ani.

Aos poucos o trabalho de Ani foi crescendo. “Sou muito operacional e pouco gestora. Temos uma equipe boa e a gente vai tocando”, comenta a arquiteta que levou as cunhadas para o trabalho com a família gerando um ambiente mais leve e evitando atritos entre os irmãos.

- A gente leva na boa. Quando juntamos as famílias aos domingos nos esquecemos do trabalho – comenta Ani.

E por falar em final de semana com a família, Ani lembra com especial carinho as tardes de sábado, quando o pai chegava do trabalho, almoçava e ia descansar enquanto dona Rosa preparava a pizza para o jantar.

Mas, o ponto alto nesses momentos para Ani eram as visitas à casa do avô materno na rua Afonso Celso, bairro de Vila Mariana, na Zona Sul de São Paulo.

- Eu era o xodó do meu avô. Ele era fora de série – comenta.

Emocionada, Ani – assim como seu pai – tinha no avô uma referência de sabedoria, mesmo diante da sua simplicidade intelectual.

“Minha mãe tem três irmãos e minha vó é tipo chocadeira. A cada nora ela ficava brava. Já, meu avô tratava todas bem. Um dia eu perguntei por que”. O avô respondeu.

- Elas são as mulheres dos meus filhos. Se eu não tratar bem, elas não vão tratá-los também.

Ani era tratada pelo avô com especial deferência. Sempre tinha a bala de chocolate que ela gostava à sua espera além de um quintal nos fundos da casa, coisa rara sobretudo para aquela menina criada na região central, carente de terra e plantas.

“No fundo do quintal tinha uma jaboticabeira, uma parreira e um canteiro de rosas – uma mais linda que a

outra. Ele levantava, regava tudo, pegava um banquinho com a cervejinha dele e ligava a torneira no pé da árvore”.

Outra memória desses finais de semana eram as sessões de cinema no centro da cidade com exibições de Tom e Jerry. Ara levava Ani e seus irmãos enquanto Rosa preparava o almoço, já prontinho na volta.

A família se juntava para ler o jornal e Ani adorava preencher ao lado do pai as atividades do Estadinho, suplemento infantil de O Estado São Paulo.

Diante de uma filha tão carinhosa e querida, o que não faltava era ciúmes. “Meu pai foi muito ciumento. Minha mãe também. Ela tinha ciúmes das amigas e ele dos namorados”, conta Ani que reconhece o lado bom dessa proteção que acabou por afastar o já citado namorado possessivo que a perseguia.

Mas o ciúme de Ara Agopyan também atingiu o atual marido da primogênita. No dia em que se casou, ao final da cerimônia, o pai se voltou para o genro e disse:

- Se você não cuidar dela, eu te mato!

III.II Ara

O segundo filho dos Agopyan, aquele que ganhou o nome do pai, é também entre os três o que procura com mais afinco um caminho de continuidade para o legado Agopyan sem deixar de lado a modernização necessária para qualquer negócio.

Nos escombros da memória de Ara, o filho, o cheiro de biscoito que se espalhava pelo bairro do Pari, talvez seja a lembrança mais doce. O perfume da infância estava relacionado às indústrias Tostines, na rua Baltier, onde o rapaz jogava futebol com seus amigos.

- Minha mãe me dava uns trocados e eu gastava tudo com o saldo de bolachas à venda na lojinha da fábrica – conta Ara.

Pedalando pelo bairro, o jovem Ara dominava aquelas ruas como se fossem extensão da sua casa, no memorável apartamento da rua Rodrigues dos Santos. Apenas um cuidado: era preciso chegar em casa antes do seu pai.

Era um cálculo delicado. A loja na Rua Oriente fechava as 18h, mas as vezes o pai fazia entregas após o expediente. Então não convinha arriscar. Ao cair da tarde, o melhor mesmo era voltar para casa, para evitar a surra garantida.

- Tomava meu banho, me arrumava e aguardava a chegada do meu pai na janela – conta Ara.

“Ele sempre foi para mim um sinônimo de trabalho e disciplina”, afirma o filho, que via seu pai acordar cedo e se dedicar às empresas e à família com a mais absoluta devoção. Um pai quase mitológico e incrivelmente carismático.

Entre os adjetivos para descrever o pai está a palavra polivalente. O armênio era capaz de fazer tudo, da contabilidade da empresa ao conserto doméstico, passando instalações elétricas e pequenas reformas.

A segunda característica é o perfil centralizador. “Se você não tirar as coisas da mão dele, ele não abrirá mão nunca.” Para Ara, em princípio, o pai entende que o seu modo de fazer está certo e não há como discutir.

Outra característica que marca a relação entre pai e filho é um certo paradoxo do armênio. De um lado um jeito rígido, muito durão. De outro, a figura bem-humorada, capaz de tirar um sarro de qualquer tipo de situação.

- Aprendi muito com ele e hoje consigo rir de momentos difíceis – afirma o filho.

Como nunca foi exatamente um aluno exemplar, Ara também se recorda dos castigos pelas notas baixas. “Minha mãe sempre me entregava. Aí era fatal”, comenta Ara.

Ainda no capítulo das broncas, Ara coleciona toda sorte de acidentes domésticos, das antenas de televisão, aos estrados das camas, pouca coisa em casa resistia à energia daquele garoto em busca de aventuras onde quer que estivesse.

- Lembro dele consertando tudo e, às vezes, me obrigando a fazer os reparos junto com ele – recorda Ara.

Entre os castigos menos ortodoxos, Ara se recorda do pai ter amarrado com o cinto a ele e Ani no box do banheiro como castigo.

- Quando ele abaixava para pegar o chinelo, eu já corria porque sabia que viria surra – conta.

Mas, nem só de broncas vivem as memórias de Ara. A dedicação do pai que levava seus filhos todos os dias pela manhã para o colégio e depois os buscava no horário do almoço, é vista por seu filho como uma prova de amor.

“Quando mudamos para Santa Cecília voltei a ir para o colégio a pé. Já o meu pai, chegava em casa um pouco mais tarde, o que aumentava a minha janela de molecagem”, afirma. Ara se recorda que o pai comprou o apartamento onde vive até hoje com muita dificuldade e que dona Rosa incentivou muito o marido para esse novo passo.

- Lembro quando saiu a escritura. Ele me explicou o que isso significava e como era importante essa conquista – recorda.

Outra lembrança das mais carinhosas para Ara, é a Belina marrom placas JN 8070. Durante a semana, o carro funcionava como um utilitário, transportando roupas. Nos finais de semana, eram os filhos que ocupavam o portamalas, fazendo sempre a maior bagunça.

Por falar em carros, Ara sempre investiu em consórcios, forma inteligente de financiamento coletivo, muito comum nos tempos de inflação alta. O filho se recorda que um belo dia um periquito entrou no apartamento e mobilizou a família. Quando o pai chegou, anunciou que o futuro carro de dona Rosa acabara de ser sorteado.

- O ‘kito’ deu sorte e chegou junto com o carro da minha mãe – comenta.

Mesmo não sendo a melhor motorista da família, Rosa não se esquivou de levar os filhos para todos os lados, aliviando um pouco a rotina do marido.

Dos programas de família, entre as lembranças de Ara, estão os jantares em uma churrascaria do bairro de Santo Amaro, no extremo sul da cidade. “Chegávamos meio enjoados, porque era muito longe e sempre pedíamos a mesma coisa”, lembra.

A primeira viagem internacional, aos 14 anos, foi para Disney. Ao lado da avó materna, do irmão Marcelo e um primo, via excursão da lendária Vovó Estela, lá se foram os meninos para Orlando.

- Minha vó era muito bem-humorada e aguentou nossa bagunça numa boa – comenta Ara com saudades.

A vida era confortável, mas nem de longe Ara era um garoto que esbanjava as posses da família. Imigrantes, como seu pai, sabem controlar o caixa e, ele próprio não gostava de pedir dinheiro para o pai.

Um dia, já adulto, Ara propôs ao pai que fizessem um balanço para relacionar tudo o que a família possuía.

- Cheguei aqui com dez dólares. Tudo o que você encontrar além disso foi resultado – respondeu.

Foi com o pai, que Ara aprendeu os truques do comércio. O filho, desde os 9 anos de idade ficava impressionado com as previsões que o armênio fazia a partir da observação dos personagens do Brás, dos mais honestos aos mais malandros.

- Presta atenção naquele sujeito, ele vai te roubar! – dizia.

- Como o senhor sabe? – perguntava o filho.

- Ele está olhando pra você e não para a roupa que está na mão dele! – concluía o pai sempre acertando na mosca.

As lições nos finais de semana na loja do pai, Ara levou para a vida. Inclusive os intervalos naquelas manhãs de sábado. Era hora de comer no famoso quatro Gomes. Ara escolhia um pedaço do frango a passarinho, devorado com uma garrafa de Gini.

Na volta para casa, passavam no Mercado Municipal onde comprava queijos e azeitonas. Na volta a famosa pizza de dona Rosa estava à espera dos trabalhadores.

- Apesar da pouca idade, eu perguntava muito. Acabei conhecendo muita coisa! – afirma.

Em meados dos anos 1980, já estudando engenharia no Instituto Mauá de Tecnologia, Ara começou a olhar com outros olhos a economia e os negócios da família. De um lado, nas caronas de volta para casa, o rapaz percebeu a dificuldade dos alunos veteranos em busca do primeiro emprego, mesmo com a formação de ponta daquela universidade.

Quando chegava na rua Muller, observando o entorno, percebia a ascensão dos coreanos a partir do bairro do Bom Retiro, em uma operação que começou quando os orientais começaram a alugar os imóveis dos judeus.

Implantando um novo modelo de negócios, com terceirização de mão de obra e rompendo a verticalização dos processos produtivos, os coreanos passaram a vender nas lojas aquilo que produziam, com ótimas margens.

- Comecei a perceber que os coreanos vendiam os produtos que fabricavam pelo preço que meu pai comprava – concluiu.

Depois de deixar a faculdade e de um período de experiência como representante de uma confecção de judeus, Ara estudou tudo o que havia no ramo e mudou a história das empresas, agora produzindo os próprios produtos.

- Com os contatos que já tinha comecei a oferecer os nossos produtos – afirma.

Ara passou a administrar a loja da rua Miller e o pai tocava os negócios na rua Maria Joaquina, imóvel até hoje nas mãos da família.

- Compramos um sistema que remarcaria automaticamente os preços e evitava que passássemos a noite calculando item a item – recorda Ara.

Sem código de barras o sistema foi altamente inovador, até a chegada do Plano Real que estabilizou a economia acabando com a inflação.

A migração de empresa comercial para confecção, não ocorreu facilmente. O pai resistia e mantinha a revenda de produtos enquanto o filho insistia em comercializar apenas aquilo que produziam. Era um conflito permanente.

- Um dia, na volta para a casa onde eu morava em Perdizes, tivemos uma briga feia – conta o filho em tom dolorido.

No dia seguinte, o pai entregou ao filho os livros da empresa e prometeu deixar o negócio. Ara respeitou seu pai, mas não lutou para que ele permanecesse.

- No final, foi bom o que aconteceu. A relação ganhou em respeito mútuo – conta o filho.

Outras discussões vieram e Ara conquistou aos poucos o seu lugar nos negócios. O pai, por sua vez, percebeu que era possível delegar com segurança o controle dos negócios para seu filho.

Com o mesmo modelo adotado pelos coreanos, Ara montou uma linha de produção eficiente e enxuta, na direção contrária da escola antiga, dos judeus.

- Meu pai passou a ser um tutor, um mentor de alto nível com quem eu converso em momentos específicos – explica Ara.

Ele se lembra de uma funcionária, entre as mais antigas da empresa que fez um esquema para lucrar com o dinheiro da passagem de ônibus. O filho ficou revoltado e estava disposto a demitir a empregada.

- Para matar uma pulga você está querendo botar fogo no colchão – observou seu pai com a sabedoria de quem conhece os defeitos, mas também reconhece os valores humanos.

O pai de sangue árabe dos mais quentes, quem diria, hoje ensina serenidade e tranquilidade para o filho que, por sua vez, deixa que a emoção encubra a racionalidade.

Ara fica impressionado com a resiliência do pai diante das descobertas tecnológicas, vencendo resistências e rompendo limites.

Entre o moderno e o tradicional, a inovação e a experiência, pai e filho seguem trabalhando juntos e fazendo o respeito seu principal ativo. Qualquer semelhança com a relação entre Ara e Hobar não é mera coincidência.

III.III Marcelo

Os banhos de banheira com sabão de coco no apartamento em Santa Cecília era um dos momentos mais esperados na rotina de Marcelo, o caçula dos Agopyan. Não que ele gostasse tanto assim de tomar banho. O que o garoto

queria, na verdade, era mergulhar. E o pai, a essas alturas bem mais flexível, permitia.

Ele tinha 13 anos quando passou a acompanhar o Ara, ao lado do irmão, aos sábados, nas lojas da família. “Era o dia do varejinho. Meu pai colocava duas bancas cheias de roupas descontinuadas por um preço só. Era simpático e conquistador. O seu prazer era vender algo a mais após a finalização do vendedor”, lembra Marcelo.

Depois os Agopyan seguiam para o Quatro Gomes, onde comiam o clássico frango peludo regado com refrigerante Gini, hábito inaugurado pelo filho do meio e perpetuado com gosto por Marcelo.

Na hora de comprar os queijos e azeitonas no Mercado Municipal, o caçula não dava sossego e ficava esbarrando nas pessoas. Gostava mesmo era de sentir o cheio do Café Jardim, moído na hora.

Na volta para casa, Marcelo fingia acompanhar o pai no seu merecido descanso, mas a energia do garoto pedia mais. Ele acabava escapando para aproveitar o final de semana. “O caçula tem que quebrar as regras”, defende Marcelo.

O mesmo menino que tentava quebrar as paredes do apartamento para retornar ao quarto da bagunça na rua Rodrigues dos Santos, aprendeu logo a valorizar a nova

casa e fazer dos momentos com a família, aventuras a parte.

Da velha belina marron, Marcelo se recorda quando o pai descia a avenida 23 de maio, em direção à Zona Sul da cidade, com o motor desligado. “Eu ficava no banco de trás, com uma mão no banco do motorista e outra no passageiro, junto com o Ara, aguardando o momento da banguela”.

O pai ‘faz tudo’ também demonstrava os seus talentos como síndico do prédio onde vive até hoje. Ao lado de dois conselheiros europeus e não menos inventivos, resolveu o problema da porta automática da garagem que ameaçava os carros no fechamento.

“Meu pai se lembrou dos tempos de Paris de um certo relê fotoelétrico, que poderia funcionar como um sensor”, conta. Os três desenharam o projeto de um suporte para sustentar o equipamento de modo que reconhecesse a passagem dos carros, evitando que a porta se fechasse sobre os carros. Hoje, qualquer portão vem acompanhado desse sensor.

- Meu pai é mágico! – pensou o garoto, diante daquela solução inusitada.

Desse lado inventivo e resolvedor, Marcelo também herdou o prazer de fazer tudo o que está ao seu alcance dentro de casa, sem contratar ninguém. Assim como Ara,

o caçula cuida com esmero das suas ferramentas e não suporta quem utilize algo seu e não devolva.

- Quando meu pai emprestava uma ferramenta, sempre deixava claro: isso se chama volta!

Outra lição inesquecível para Marcelo, veio quando o tio, prefeito de Mairiporã, terminava seu mandato e colocou a leilão o carro oficial, um Ômega CD, o grande sedan da época. O caçula foi incumbido de comprar o automóvel.

- O público estava mais interessado nos tratores e arrematei o carro no primeiro lance – conta.

Na semana seguinte, o rapaz foi buscar o Ômega e, quando entregou as chaves para o seu pai, recebeu em troca o Santana da família. Era o seu primeiro carro.

Depois de algum tempo com o Santana, Marcelo resolveu trocar por um modelo mais jovem e econômico, o gol bolinha. O pai determinou então que ele fizesse uma pesquisa minuciosa, negociando as melhores condições.

- Usei tudo o que aprendi com ele no Brás e negocieei ao limite – lembra Marcelo.

Quando o caçula chegou com a melhor opção, o pai ligou para o dono da Vimave, concessionária gigante controlada por um patrício, passou as condições e conseguiu um preço ainda melhor. Para Marcelo, aquela foi a lição de

como comprar respeitando o próprio bolso e abrindo os melhores caminhos.

Como seus irmãos, Marcelo associa a figura do pai ao trinômio honestidade, transparência e trabalho. Dos três filhos, o caçula é o mais observador e herdou do pai o espírito crítico e o bom humor. Não raro imita o jeito e o sotaque de Ara ao falar.

“Ele trouxe muito da vivência com o meu avô. Mas, não trouxe o ódio dos turcos para dentro de casa. Ele tem os seus ódios, mas não passou pra gente. Admiro isso”, comenta Marcelo.

Da cultura armênia, é a culinária a parte que mais marcou o rapaz. “Eu conheço pratos que poucos conhecem”, garante Marcelo se referindo ao clássico armênio Imam Baynde, um purê de beringela com carne de panela. O nome do prato quer dizer que o padre provou a iguaria e gostou tanto que até desmaiou.

Outra herança que Marcelo assimilou do pai foi a arte de contar histórias. Até hoje, o caçula fica admirado com o poder narrativo de Ara e procura dividir os ensinamentos com seus filhos. “O meu menino queria saber sobre a II Grande Guerra. Chamei meu pai e pedi pra ele contar o que lembrava. Ele era muito jovem na época conflito, mas deu uma aula. Foi incrível!”

Hoje é Marcelo que conta histórias da sua infância para os seus filhos. O caçula tornou-se um pai observador e consegue pegar os movimentos dos filhos nos primeiros sinais. Ele se lembra sempre da frase que Ara utilizava quando tentava esconder algo:

- Marcelo, nós nos conhecemos! – era o que bastava para evitar que problemas menores se transformassem em grandes broncas.

Contar histórias sempre foi a melhor forma de transmissão de conhecimentos entre os Agopyan. Até porque, a didática nunca esteve entre as melhores características do pai. Marcelo sofreu com os famosos tapas na cabeça que recebia com as respostas erradas de matemática. No dia que conseguiu acertar, o pai determinou:

- Vai contar pra sua mãe que o meu método funciona!

Mesmo diante da disciplina rígida, coube ao caçula flexibilizar algumas regras, como por exemplo a obrigatoriedade de almoçar com a família aos domingos, mesmo depois de casado. Quando anunciou que passaria um final de semana longe do clã, a mãe armênia fez a pergunta clássica:

- Mas o que você vai comer? – como se não houvesse outra comida disponível.

Menos conservador que seu irmão do meio, Marcelo chega a passar semanas sem falar com os pais. “Sempre fui desgarrado, mas isso não quer dizer que não tenho amor por eles. Apenas não sou apegado a essas convenções”, afirma.

Mesmo tendo trabalhado com a família, ao contrário dos irmãos, Marcelo sempre manteve atividades paralelas. Chegou a trabalhar com turismo, no setor de reservas da VASP e também em uma corretora de valores.

- Como não fiquei a vida toda preso a eles, isso me deu uma certa autonomia para ser mais livre e tentar outras coisas – explica.

Marcelo confessa que o mercado têxtil nunca foi sua grande paixão. “Respeito, honro e agradeço, mas essa área é do meu irmão Ara, não minha”. Nos primeiros anos de faculdade, quando se aventurou em outros mercados descobriu o lado mais ousado do pai que o estimulou a procurar aprendizado e experiência, mesmo longe dos negócios da família.

Com um único terno azul de linho, Marcelo saía da faculdade e seguia para a Bovespa, onde aprendeu a lidar com análises de risco e tomou contato com conceitos de redes neurais. Um belo dia, um colega alertou:

- Troca esse terno, já tá ficando muito manjado!

Ara presenteou o filho com um computador CCE, Exato Pró, que funcionava com linguagem análoga ao Apple 2. Ligado ao aparelho de televisão com um cabo de antena, aquilo fascinava o jovem Marcelo como se um novo mundo surgisse diante dos olhos.

- Eu comprava revistas e passava horas digitando comando e fazendo meus primeiros programas – conta.

“No último ano de faculdade, fui pra Okland em São Francisco. Apreendi coisas boas e ruins. Dei um baita prejuízo pro meu pai, mas valeu a pena”. Era o momento do nascimento da internet e Marcelo estava no Vale do Silício.

“Voltei com vontade de trabalhar. Me enterrei na confecção. Tentei romper paradigmas e acabei batendo com meu irmão”, conta. “Compramos uma empresa de internet no Brás – a Comunica – e mergulhei nessa oportunidade”.

Marcelo sempre tocou a empresa como se fosse sua e acabou comprando a participação dos seus irmãos no negócio. Hoje a Comunica atende ao mercado de confeccionistas da região central com soluções de telecomunicações.

Esse jeito de conquistar a vida com resiliência e ousadia, talvez tenha sido a grande lição de Ara para Marcelo. A mesma perseverança que tirou o pai de Istambul em busca

de um dia melhor a cada manhã está nos olhos do caçula quando conta seus feitos e realizações.

“Meu pai é meu amigo. Melhor amigo. Vai além do respeito. É mais do que amor. Vejo carinho nos olhos dele. Faço questão de abraçar e beijar. Um tira sarro do outro e batemos papo. Ele ouve bem e se interessa.”

Marcelo entende que tem uma relação completa com o pai, dessas que nada fica por dizer. O menino que quebrava paredes agora ergue sua vida, consolida a própria família e fez do pai seu maior companheiro.

Capítulo 6

Um acidente que muda a
história da família

I – Como tudo aconteceu

O sonho de Hoppar, um patriota armênio, era conhecer seu país. O solo da pátria, mesmo sob domínio soviético, era um local para ser tocado pelos mesmos pés que escaparam do genocídio. Os mesmos olhos que testemunharam os abusos turcos em Istambul deveriam ter o direito de avistar o berço da sua etnia, o lar do seu alfabeto, suas raízes e costumes.

E depois de uma vida de lutas, ele seguiu, naquele distante 1972. Antes, quase como que prevendo o desfecho trágico, aquele previdente armênio passou tudo o que tinha em dinheiro para uma conta conjunta aberta em seu nome e da esposa. E determinou:

- Caso eu morra na Armênia, não traga meu corpo de volta!

Ele estava ansioso por percorrer as ruas daquele país cuja história foi escrita com a dor e o sofrimento de um povo que, onde quer que esteja, no Brasil, na Europa ou em Itambul, é armênio e defende o seu lugar.

Aquela viagem mereceria horas de relatos e, certamente, dezenas de histórias trocadas por cartas com o filho Ara que construía sua vida no Brasil, perto de tornar-se dono do seu próprio negócio e já ao lado de Rosa, sua fiel companheira.

No regresso da Armênia, antes do retorno para Istambul, restava um compromisso. Seta seria madrinha de um casamento na capital libanesa, Beirute. Ela, o marido e os dois filhos, viviam naquela cidade emblemática do Oriente.

Beirute é uma das cidades mais cosmopolitas e religiosamente diversas do mundo. Possui importantes comunidades cristãs e muçulmanas. Entre os seguidores de Maomé, vivem sunitas, xiitas, alauítas e drusos. Há também cristãos assírios, siríacos, católicos, caldeus, maronitas, ortodoxos armênios, católicos armênios, evangélicos e seitas cristãs menores. Cerca de 150 mil armênios vivem no País.

A capital libanesa ocupa uma península no sudeste do mar Mediterrâneo, a cerca de 94 km a norte da fronteira com Israel. Ladeada pelo Monte Líbano, possui uma geografia triangular, com 67 km² de área na região metropolitana. A costa de Beirute revela praias rochosas com uma linda paisagem.

Uma highway, com três pistas em cada sentido, percorre toda a costa, com atrações turísticas as mais variadas como o Casino Du Liban, inaugurado em 1959. O prédio suntuoso com 35 mil metros quadrados e 60 mesas de

jogos, possui um centro comercial, boate, teatro, sala de banquetes e cinco restaurantes⁶⁵.

Nessa grande avenida, há 31 km do Aeroporto Internacional de Beirute, Hoppar passeava com sua filha e a família a bordo de um sedan Peugeot, marca de carros muito presente na Beirute, daquele 24 de junho de 1972.

No volante, o genro, com Hoppar ao seu lado. No banco de trás, os dois meninos seguiam com a mãe, Seta. Uma dessas crianças, à época com apenas quatro anos, é o engenheiro Levon Hagop Hovaghimian. Ele lembra pouco daquele domingo ensolarado.

Bem em frente ao obelisco que demarca o acesso ao Cassino, o carro foi fechado e forçado a ir de encontro ao canteiro central. A roda quebrou e o Peugeot invadiu a outra pista da avenida, na contramão.

Levon acredita que tudo aconteceu numa velocidade de aproximadamente 100 quilômetros por hora, sem chances de manobras. Na pista do lado oposto vinha uma Mercedes. O impacto foi frontal e devastador.

Os carros da época não tinham equipamentos de segurança como hoje. Air bags, nem pensar. Os cintos de

⁶⁵ Entre os artistas que lá se apresentaram estão Duke Ellington, Danny Thomas, Jacques Brel e Julio Iglesias . Os visitantes do casino incluíram o Rei Hussein da Jordânia, Albert II, Príncipe de Mônaco , o Xá do Irã , Aristóteles Onassis , Omar Sharif e até Osama bin Laden

segurança eram fixados na cintura dos passageiros e não transversalmente, sobre o peito. Mesmo assim, raramente eram utilizados.

Levon foi lançado pelo vidro traseiro. Na memória, apenas o momento em que acordou no hospital e, mais tarde, a visita do seu tio, Ara. Sua mãe também sobreviveu. O pai e o avô, Hoppar, terminaram os seus dias naquele acidente.

Ara estava na loja que seria sua, na rua Oriente. Chegou um telegrama em turco escrito continuamente sem a separação das palavras. Aquela sopa de letras era algo difícil de entender. Foi o patrão e padrinho quem decifrou a mensagem.

- Eu tô conseguindo ler – disse ele – Houve um acidente em Beirute. Morreram pai, cunhado e o filho menor.

Se encerrava ali uma história cheia de afetos, de um pai e um filho, que construíram a vida sobre os mesmos pilares: a família, o trabalho e a pátria – aquela que Hoppar conheceu e sobre a qual jamais tivera a oportunidade de falar com filho.

Seta se viu viúva, com um filho pequeno, sozinha em Beirute. A mãe, nas mesmas condições, sem o seu marido, em Istambul. Duas mulheres, uma criança e uma tragédia.

Mais uma vez a vida daquela família mudaria completamente.

No Brasil, Ara tinha uma vida de muita luta, com pouco dinheiro e não tinha economias para cruzar o mundo naquele momento. Um amigo da colônia, de apelido Grego, ajudou o armênio com as passagens e um empréstimo de mil dólares.

Ara seguiu para Istambul e conseguiu acompanhar o velório do pai na igreja Surp Yerurtutiun em Istambul. Em seguida, Hoppar foi sepultado no *Balıklı Ermeni Mezarlığı*, cemitério armênio mais afastado, na periferia da antiga Constantinopla.

Depois dos funerais, Ara seguiu para Beirute com a mãe e passou alguns dias com sua irmã e o pequeno Levon. Foram dias de imensa tristeza e muito pesar. Como se, do nada, mais uma vez aquele clã teria de se reordenar e procurar um novo caminho.

Dessa vez, no entanto, restava a Ara Agopyan a missão de acolher a dor da família e, mais uma vez, reconstruir a trajetória da sua gente. E assim foi feito!

II - Takuhi e sua vinda para o Brasil

Ağın é uma cidade da província de Elaziğ da Turquia. A data de 15 de setembro de 1896 marcou com sangue armênio a história dessa pequena localidade. Tropas otomanas mataram mais de dois mil armênios, incluindo mulheres e crianças. O ataque foi a reação turca a um assalto a banco cometido um natural daquelas terras. Os milhares de mortos nada tinham a ver com o roubo.

O massacre ainda fazia parte da memória recente na história da cidade quando, nos primeiros anos do século XX, nascia ali a menina Takuhi. Ela viveu os piores momentos do genocídio. Os otomanos abordavam os armênios durante os seus deslocamentos. Quando as famílias se moviam carregando suas crianças e os poucos pertences que conseguiam salvar, eram covardemente atacados.

Takuhi tinha cerca de sete anos quando presenciou o assassinato da sua mãe e tias. Aquela criança foi socorrida por uma senhora turca – sim, havia alguns poucos turcos que ajudavam os armênios – que a amparou por alguns anos.

A menina seguiu então em busca dos seus parentes, os Ibranyan. Acabou por localizar seu pai, seu irmão,

Varhan, e seu irmão adotivo. Foram os poucos que restaram dessa família que, como já contamos, se irmanaria aos Agopyan em Istambul.

O pai de Takuhi era um comerciante muito rico e investiu boa parte de sua fortuna na moeda mais segura do mundo, na época, o rublo russo. Com a revolução bolchevique, o dinheiro dos czares sofreu uma forte desvalorização e a fortuna acabou usada para aquecer o fogo das lareiras, já que o seu papel era dos mais resistentes.

“Nossa família se divide entre os muito falantes, representados pelo lado do meu avô (Hoppar), e os pouco falantes, do lado de minha avó”, revela Levon. Administrar crises e momentos de necessidade, fez das mulheres dessa família verdadeiras heroínas.

A mãe de Ara Agopyan conheceu Hoppar quando ele tinha perdido a primeira esposa, assunto jamais mencionado para os filhos.

- Eu já estava em Uberlândia quando descobri que meu pai teve uma esposa antes da minha mãe – revela Ara.

O casal assumiu a filha do primeiro enlace, Anahit, como sua e seguiu a vida em uma harmonia mantida com especial cuidado por Takuhi.

A figura popular e extrovertida de Hoppar - líder dos seus patrícios, intelectual, homem das letras, empresário bem-sucedido - delegou à esposa a totalidade da administração da casa e da rotina família.

Diferente em quase todos os sentidos de Hoppar, fosse pelos dez centímetros a mais ou pelo seu temperamento mais calado, Takuhi representava um ponto de equilíbrio para a família, sobretudo nos momentos críticos.

Alimentava a todos com a precisão de uma nutricionista. Sabia das quantidades de cada prato e dos horários rígidos de alimentação impostos e fiscalizados por Hoppar. Eram três refeições diárias sem nenhuma migalha de pão entre elas.

- Eu estou satisfeito? – perguntava o marido confiante nas porções exatas da esposa.

No início do dia, pela manhã, o chá aromático era servido com pães - que eram partidos sempre com as duas mãos - e geleias, tudo feito em casa. Um ovo quente era consumido de uma só vez, em um gole.

O almoço era partilhado apenas entre mãe e filhos. E o jantar era servido pontualmente as 20h, com todos à mesa. Se algo fosse deixado no prato, seria obrigatoriamente consumido no dia seguinte. Um pedaço de pão sobrando, teria de ser eliminado nem que fosse apenas com uma pitada de sal.

Mas os Agopyan não tinham do que se queixar quando o assunto era comida. Na memória de Ara, desfilam receitas armênias inesquecíveis.

Entre as iguarias, as Dolmas com recheio de abóbora e pimentões. Ara também se recorda com carinho do Sarmá⁶⁶, versão armênia dos charutininhos de folha de uva, e da Manti, massa recheada com carne, como um capeletti, que pode ser assada ou cozido na sopa. “Minha mãe colocava um botão de camisa como prêmio dentro de uma massa”, lembra.

Takuhi também preparava a Su böreg – espécie de lasanha – feita com camadas de massa, molho e queijo. Como a família não tinha forno todo o cozimento era feito na brasa do fogão a lenha. Tudo na quantidade exata, afinal, não havia geladeira.

A produção de frutas é um dos destaques da agricultura naquela parte do oriente. E Takuhi transformava pêssegos, damascos, cerejas e morangos em geleias e licores caseiros. O cheiro dos pêssegos fez parte da infância de Ara.

“Na Turquia um pêssego chega a quase meio quilo. Minha mãe enterrava a fruta em potes de açúcar. A mistura fermentava e a fruta soltava todo o seu caldo, antes do cozimento”, conta Ara que descobria que os pêssegos

⁶⁶ Palavra turca que quer dizer enrolar.

passavam pela cozinha, apenas pelo aroma e pelos caroços jogados no lixo.

Um tipo específico de cereja, diferente da consumida no Brasil, era transformado por Takuhi em garrafas de licor, que Hoppar escondia atrás dos livros da biblioteca. Outra bebida consumida sempre, porém com muita moderação, era o Arak, destilado de anis, símbolo dos armênios.

O controle da casa por Takuhi era absoluto. A esposa de Hoppar era conhecida pelos comerciantes e ambulantes da região e negociava tudo o que comprava. Ninguém a enganava. Quando a mãe pedia a Ara para comprar algo ele logo se apresentava como seu filho para garantir que o que o pedido fosse devidamente entregue.

Durante o exílio do marido, Takuhi cresceu em responsabilidade e liderança. Escondia tapetes nos poços, moedas de ouro nos tubos de metal das camas e conduzia a família com dignidade mesmo diante da queda vertiginosa no padrão de vida dos Agopyan.

No retorno de Hoppar, quando o empresário do setor de medicamentos tornou-se empregado, todo o seu salário era gerido pela esposa. “Ele separara o dinheiro do bonde e dos cigarros e entregava tudo para minha mãe”, afirma Ara.

Bom senso era outro traço dos mais marcantes em Takuhi. “Antes de passar a calça do meu pai ela o mandava

esvaziar os bolsos. Se havia algo que ela não deveria saber, esse problema já estava eliminado,” recorda Ara.

- Meu pai sempre disse que se você sabe andar na neve sem deixar rastro, então ande. Se não sabe, melhor ficar parado.

“Era uma senhora de comportamento nobre, alta para uma armênia, com pele europeia pálida, traços muito finos e elegantes. Takuhi sempre manteve um equilíbrio positivo entre os filhos e Hopar. Em espanhol, nós dizemos que o marido tinha muita "mão esquerda" para resolver problemas”, lembra o primo Vahak Ibranyan.

Hoppar não queria que Ara praticasse esportes. Em segredo, Takuhi apoiava o filho na sua opção pelo basquete. Ela mesma tinha praticado uma versão de bola ao cesto, específica para mulheres. A mãe aprendeu a jogar no colégio americano onde estudou. Era chamado de basquete parado – uma adaptação das regras do jogo recém-criado.

Quando Ara se formou e apresentou seu diploma, Takuhi cumpriu uma promessa que havia feito anos antes. Para marcar esse momento especial, a mãe foi até o centro de Istambul com seu filho o presenteou com um anel formado por quatro argolas de ouro.

Mesmo depois que o filho deixou Istambul, a mãe continuou acompanhando seus paços na França, em

Uberlândia e em São Paulo, com uma intensa troca de cartas. Nada escapava à Takuhi.

O acidente que levou Hoppar desorganizou totalmente a vida de Takuhi. A mulher que vivia em perfeita harmonia ao lado do seu par, entre os aromas e sabores de toda uma vida, agora estava sozinha e viúva. No Líbano, a filha Seta se encontrava nas mesmas condições e ainda com o pequeno Levon para cuidar.

Para agravar ainda mais a situação, um ano depois, exatamente no mesmo dia do desastre, após um tombo, Takuhi fraturou a perna em três lugares e teve de ser submetida à uma cirurgia para um implante de platina.

Em 1975, o Líbano entrou em uma guerra civil que perdurou até o início da década de 1990. Seta e Levon passaram algum tempo na França e também no Brasil, mas acabaram seguindo para a Turquia.

- Minha mãe dirigiu quase mil quilômetros de carro, atravessando a Síria por estradas perigosas – recorda Levon.

Seta passou a dar aulas de francês e o filho foi realfabetizado. Foram cerca de quatro anos. Nesse tempo a jovem conheceu um turco e se apaixonou. Desnecessário explicar o quanto a presença daquele senhor desagradava a família como um todo.

Aqui no Brasil, começando seus dias de empresário, Ara não queria que a mãe partisse longe dele, como aconteceu com Hopper. Takuhi, por sua vez, já sofrera o suficiente com a perda do marido e queria desfrutar a sua velhice ao lado dos filhos e netos.

II.I Os últimos momentos

Decidiram então adotar o Brasil como pátria. O armênio fez o que estava ao seu alcance para organizar a chegada da família que, em princípio, viveu na rua Albuquerque Lins, seguindo mais tarde para um apartamento na avenida 9 de julho.

O turco, namorado de Seta, também foi recebido por Ara, mas o relacionamento não durou muito. Seta chegou a trabalhar na loja da rua Oriente com o irmão e Rosa aprendeu com a sogra algumas das receitas que vieram com Takuhi.

Seta e Levon rapidamente aprenderam o português, porque dominavam o francês como língua latina. A vida, aos poucos se reorganizava. Takuhi teve tempo de conviver com os filhos de Ara, ainda pequenos e testemunhou a formação da família em solo brasileiro.

Ao contrário do que aconteceu com Hopper, a partida de Takuhi seria testemunhada dramaticamente pelo filho. Ara foi socorrer a mãe que passava mal no apartamento

de Seta, e ela morreu nos seus braços, a caminho do hospital, vítima de uma parada cardíaca.

Anos mais tarde, Seta, fumante inveterada, deixou os Agopyan para a saudade, com a marca da tia alegre e falante, como era o velho Hoppar.

Restou para Ara, a memória do Oriente e as lições de organização e disciplina que ele e Rosa souberam como poucos fazer valer, mesmo distantes de Istambul.

Hoppar e Takuhi não deixaram nenhum patrimônio material para os seus filhos. O que a família tem hoje, começou com os 55 dólares de Ara e, principalmente um valioso tesouro em forma de princípios e valores que até hoje marcam o sobrenome Agopyan.

Capítulo 7

O futuro dos Agopyan

I – A terceira geração – obra aberta

O futuro dessa família, desse sobrenome, está na história em construção de cinco jovens que crescem sob os olhares, atenções, comidas, orações e carinhos de Ara e Rosa Agopyan. Avós presentes e marcantes, acompanham o desenvolvimento dos netos no detalhe. Quase nada escapa.

A narrativa de cada um deles revela aquela sensação que só os netos de grandes avós possuem: que são únicos. É quase um segredo que guardam em seus corações. Intimamente, acreditam que Ara e Rosa amam a todos, mas preferem cada um deles. Essa arte, de ser avô e ser neto, é cultivada com especial esmero entre os Agopyan.

Ara aqui muda de nome. A história é sobre o Dedé – apelido típico da colônia para designar o avô. Ele é atento, engraçado, divertido e rigoroso. Enquanto ele distribui seus afetos, vovó Rosa trata de operar sua magia entre panelas, ingredientes, forno e fogão. E assim, se constrói o futuro.

I.I – Aline

As sobrancelhas pronunciadas, a fala firme e determinada intercalada com lágrimas e soluços, não deixam dúvidas. Ela é Agopyan. Essa moça, indiscutivelmente oriental, de

cabelos longos e gestos largos, transpira verdade e emoção, principalmente quando o assunto é seu avô.

A primeira neta, uma orgulhosa aluna da Fundação Getúlio Vargas, berço de excelência em Administração de Empresas no Brasil e no mundo, guarda recordações dos tempos em que dividia o reinado de neta apenas com a irmã, Amanda, dois anos mais nova, no início do século XXI.

Com lágrimas descendo pela face, descreve o Dedé dos cuidados, da atenção. O avô de Aline deixava o pão italiano da mais famosa padaria paulista – a São Domingos – na porta da família do filho Ara, todo o final de semana.

Era também o Dedé da Páscoa que trazia da Igreja Armênia o pão consagrado para a comunhão de toda a família, nessa que é a principal celebração do cristianismo. “Para mim, aquele pão folha tem um sabor muito peculiar e único”, recorda Aline.

Além do pão, outra lembrança das mais afetivas, é a brincadeira com os ovos cozidos pintados pela comunidade. Cada um segura o ovo com a mão fechada e bate a parte de baixo na ponta do ovo do outro. O portador do ovo que quebrar perde o jogo.

Os presentes e mimos também chegavam do Brás - como o tradicional e barulhento pintinho de corda - ou dos

passeios com o avô pelo parque da Água Branca, que quase sempre rendiam lembranças artesanais - como o patinho de madeira e rodinhas que batia asas quando empurrado pelo chão.

A mesma atenção do avô acompanha essa comovente relação, quase duas décadas depois. “Ele me pergunta sobre a prova que fiz na semana passada e ligava até depois dos simulados do Enem”, conta Aline.

Ainda estão impressas na memória de Aline figuras como a poltrona reclinável que ficava na sala, o cachorro Giggio introduzido na família por sua tia Ani e outras cenas marcantes dessa época, como os tradicionais jogos de carta.

A mãe de Rosa, Ossana, vivia com a filha e o genro e era viciada no carteadado. O problema é que a bisavó de Aline não sabia perder. “Ela desmanchava o jogo e dizia que todo mundo estava roubando”. A neta lembra que o seu avô chegou a proibir o jogo. Mesmo assim, até hoje, Aline adora uma rodada de buraco.

A neta mais velha participou de todas as grandes viagens da família: Montevideu, Punta Del Este, Miami, Foz do Iguaçu e, a mais marcante, à Disney com os avós, os primos e tios. Apesar da diferença de idade, Aline sempre procura ter paciência com os menores.

“Ricardo e Joakim eram terríveis nos almoços de domingo”, conta a prima que lembra do avô irritado quando tentava tirar um cochilo. Mesmo assim, a prima mais velha não se esquivava de brincar com os pequenos.

Estagiária na multinacional Pepsi Co, a futura administradora gosta do ramo no qual a família atua, mas vê com reservas a possibilidade de trabalhar no grupo. A mistura dos ambientes familiar e profissional não agrada à neta. Ainda assim, não descarta essa possibilidade.

“Conheço todos os processos da empresa, da produção até a precificação e venda”, relata Aline. Ela entende que o futuro dos negócios poderia ser uma marca de varejo, com maior valor agregado e boa rentabilidade.

Não deixa de ser curioso o fato de os negócios da família terem começado pelas mãos de Ara pai como uma atividade comercial, com Ara filho introduzindo a indústria e, agora, a terceira geração voltando a falar em varejo.

Nesse capítulo, Aline revela traços do avô – e, por que não dizer, do próprio Hopper, a quem a bisneta não conheceu. Mesmo bem colocada corporativamente nesse primeiro momento profissional, não se enxerga como empregada por muito tempo e quer empreender.

Aline também reconhece um traço em comum com as mulheres da família, como sua avó e a bisá Takuhi. Não

gosta de confusão e se coloca, sempre que possível, como mediadora dos conflitos em busca de solução e paz.

A neta do armênio não se vê tão próxima da cultura desse povo, como sua irmã, por exemplo. “Acho muito interessante, honro essa herança, mas não sou muito ativa. Entendo o legado, mas sou brasileira”, explica Aline.

A emoção, entretanto, é o traço mais forte que une Dedé à sua neta. Em uma tarefa escolar coube ao avô escrever sobre o passado. Foi mais de uma semana para Ara conseguir driblar o turbilhão emocional, agora bem explicado nessa obra. A neta, diante da sala, assim como o avô, caiu em prantos.

- “Para ele é mais complicado, por conta das feridas”, reconhece Aline, claro, com os olhos cheios d’água.

No Domingo de Ramos de 2021, após a missa que antecede a Páscoa, foi a vez da primeira neta distribuir as folhagens que saúdam o Cristo para os seus familiares, como antes fazia Dedé. Um jeito Agopyan de dizer que a história de cuidado e dedicação do armênio que deixou Istambul nos anos 40 tem herdeiros para os valores que cruzaram o mundo.

I.II – Amanda

Uma das frustrações de Ara Agopyan foi o fato de não ter ensinado aos filhos o idioma do seu povo. Por consequência, os netos também não conhecem a língua, com exceção de algumas palavras e textos, como a oração do Pai Nosso.

Entretanto, a identidade cultural é algo mais profundo do que poderia imaginar esse armênio. Sua segunda neta, feita imigrante em um intercâmbio nos Estados Unidos quando avistou a lista dos novos colegas rapidamente localizou os “yan” como terminação dos sobrenomes.

Amanda foi reconhecida pelos estudantes armênios da MacDuffie School e a sua história mudou graças ao que antes parecia apenas uma coincidência entre descendentes de pessoas e histórias tão distantes da sua realidade.

Ali estava um pouco do avô que, por onde andou no mundo, encontrou nos patrícios a acolhida de todo um povo, espalhado a partir do genocídio e, mais tarde, com as constantes ameaças turcas.

Mesmo tão distante da opressão vivida pela geração de Dedé e de Hopper, Amanda compreendeu que o sangue armênio representa um compromisso de acolhida, de luta por um mundo mais justo e solidário.

Parece que o espírito de Hoppar deixou no DNA da família uma dose capaz de contagiar sua segunda bisneta com o processo político que ele acompanhava com tanto interesse e influência, para defender suas causas naquela violenta realidade na Turquia.

Amanda é a neta mais interessada na cultura armênia que fundou sua família. Se prepara para estudar Relações Internacionais e tem na política seu assunto de maior interesse. Como o avô, pretende ganhar o mundo, trabalhando e conhecendo novos jeitos de viver.

A segunda neta guarda traços e feições da mãe, Cinthia, também descendente de armênios que trabalha na área de estilo das empresas da família. Mas, não esconde o DNA Agopyan presente nas mesmas sobrancelhas espessas e marcadas desses armênios.

“Cresci vendo que a família tem muito orgulho do Dedé. Meu pai vê o meu avô como herói”, conta a garota que passou a infância dividindo o domingo com os primos e tios no apartamento dos avós, sob a gritaria dos pequenos e o aroma da melhor culinária de Rosa.

Amanda, dois anos mais nova que a irmã, acredita que a diferença de idade que hoje representa uma distância entre ela e Aline e os primos, em pouco tempo deve perder esse significado e permitir uma aproximação mais nivelada entre eles.

O traço conciliador, marca registrada de Rosa e das mulheres da família de um modo geral, não encontra eco em Amanda, dona de um temperamento mais reservado. Talvez tenha herdado do avô alguns traços de personalidade. “Dedé é muito determinado, focado, dedicado e sério”, comenta.

A neta compreende o jeito do avô demonstrar seu carinho, menos pelo toque, abraços e beijos, mais pela atenção e presença. “Vejo isso pela criação do meu pai e dos meus tios. Até pela história dele, é difícil”, pondera Amanda.

A menina que quando era menor não tinha paciência para a cultura do seu povo, quem diria, hoje promete levar adiante os legados armênios que representam seu sobrenome.

I.III – Beatriz

Os olhos amendoados e doces dessa garota e o jeito firme de falar somados ao tempo de humor que Dedé ensinou nos encontros de domingo, faz da terceira neta Agopyan uma representante das mais autênticas dessa família.

Para a filha do caçula Marcelo, Dedé representa um signo de trabalho, conquista e construção da sua família. Além dos pés chatos, a neta herdou do avô a persistência e, como ele, considera-se determinada nos seus objetivos e sonhos.

Entre as várias opções de carreira que enxerga do seu horizonte adolescente – a menina tinha quinze anos quando da conclusão dessa obra – biologia marinha parece ser a melhor pedida. Desnecessário dizer que as empresas da família não estão entre as pretensões profissionais de Beatriz.

A terceira neta parece ter um especial afeto pela avó. Além do Mamul e dos charutinhos de uva, Beatriz guarda em sua memória com especial carinho o passeio pelo Shopping ao lado de Rosa no seu aniversário de 10 anos, para a compra do presente.

Com a avó também aprendeu a fazer bolinhos de chuva. Beatriz é a maior candidata para herdar os segredos culinários da avó, alguns deles inclusive transmitidos pela bisavó Takuhi, muito antes do seu nascimento.

A menina valoriza a simplicidade das relações como as conversas que tem com sua mãe e com a tia Ani, nos encontros familiares. Mesmo em plena adolescência, se diverte brincando com o irmão mais novo e o primo Joakim. E lembra com carinho do avô sempre impressionado com o seu crescimento:

- Ele sempre pede para eu dar uma voltinha – afirma, envaidecida.

O núcleo familiar constituído por Marcelo tem na descontração sua marca registrada. Entre os Agopyan,

essa família é a mais risonha e divertida. Beatriz mantém o bom clima com seu irmão na maior parte do tempo.

- Essa graça ajuda nos encontros de família – afirma a menina.

A cultura armênia presente na gastronomia, nas orações e histórias de Dedé, são parte de um legado que Beatriz reconhece. “Falo que sou neta de um armênio, mas me considero armênia também. Isso é uma parte importante da minha vida”.

Difícil desenhar o futuro de uma menina nessa fase da existência. Mas, há um valor que parece nítido, mesmo nos poucos anos de Beatriz: a família e tudo o que ela representa.

I.IV – Ricardo

“Uma pessoa de confiança”. A definição não é de um fornecedor ou de um amigo de longa data. Vem de um garoto de 13 anos, o quarto neto dos Agopyan, Ricardo. Em sua sabedoria infantil, o menino percebeu um traço do avô que os adultos conhecem bem:

- É o tipo de pessoa que você pode pedir um conselho ou desabafar - relata.

As histórias que ouviu de Marcelo e do próprio Dedé deixaram marcas na memória de Ricardo o avô

trabalhador, o engenheiro da construção dessa família com treze alicerces dos mais diversos e encantadores.

O convívio com Dedé e a avó, para Ricardo é descrito como uma festa. O menino vira os olhos para falar das delícias de Rosa na cozinha e no seu Top 3, elege, o charutinho, o arroz com aletria e os medalhões de semolina, típicos das festas natalinas.

Trata-se de uma massa aberta na mesa de jantar e cortada com uma xícara de café que vai ao forno com um molho e queijo para gratinar. Sucesso garantido!

Entre as brincadeiras, Rico, como é chamado, cita o jogo de *yades* que começa na disputa de uma forquilha de frango e segue testando a memória dos participantes. Quando alguém entrega algo, o concorrente tem que dizer “eu me lembro”.

A brincadeira é dessas tradições de longa data e não tem dia ou hora para terminar. Marcelo se recorda que na disputa com sua avó, Ara chegava a jogar por meses a fio sem esquecer do código que poderia ser fatal.

Entre as mais remotas lembranças do neto está uma conversa entre o avô, ele e o primo Joakim, quando Dedé passou horas contando suas histórias de fechamentos de negócios pelas esquinas no Brás e Bom Retiro.

Ao lado do pai, do tio e de Dedé, Rico guarda com especial carinho a memória de dois almoços. O primeiro em um restaurante argentino, onde degustaram cortes portenhos e, o segundo, na casa armênia Sainte Marie, na região do Morumbi.

Longe de decidir uma carreira, o garoto de feições sérias e jeito maduro, afirma que gosta da área que o pai resolveu seguir no mercado de telecomunicações, mas também tem interesse por fotografia. Não descarta a possibilidade de trabalhar com Marcelo nos negócios da família.

Uma tradição cara para o avô e comum para o pai de Rico e seu tio, o basquete, também está entre os interesses desse rapaz. A ideia de treinar, mesmo temporariamente interrompida pela pandemia do Covid 19, continua entre seus planos.

Ricardo é desses meninos cheios de energia que carrega nos olhos a curiosidade e o interesse pela cultura armênia que o cerca. “Esse sobrenome carrega tanto as histórias como os costumes. Acho importante honrar tudo isso”, afirma.

I.V – Joakim

Joakim com ‘K’, que fique claro. O caçula Agopyan faz questão que seu nome seja corretamente registrado e, no primeiro contato, deixa claro que não se trata de um Joakim qualquer.

Evidentemente parecido com o avô, o caçula da família é aquele que cresce mais próximo de Dedé. Sua família reside no mesmo prédio de Ara e Rosa e, por isso, o garoto – com 12 anos na conclusão desse livro – é aquele mais presente na vida dos avós.

- É o clone de quando eu era criança – afirma Ara.

Mesmo muito jovem, Joakim revela uma inclinação para as ciências exatas, como Física e Matemática. Qualquer semelhança com o avô e sua habilidade com as contas não é mera coincidência.

Os jogos e brincadeiras também passam pela construção do raciocínio lógico. Aos nove anos, aprendeu com o avô a jogar damas; aos 10, xadrez e, mais recentemente, gamão. Também não descarta um jogo de tranca.

Joakim visita seus avós de duas a três vezes por semana. Em tempos de pandemia, durante o distanciamento social, o menino fez muita falta. Sua mãe, Ani, relata que Ara fez o que pôde para ver o menino:

- Pede para o Joakim passar aqui! Só quero olhar pra ele – clamava o avô.

A saudação para o neto ao telefone se repete, sempre:

- Ohhh Joakim, como é bom ouvir sua voz!

Em um dia qualquer, o avô deixou de dizer a frase mágica. Joakim estranhou e procurou a mãe:

- Acho que o Dedé não está bem – desconfiava.

Para o caçula, as comidas de dona Rosa estão mais perto. O menino não dispensa o kibe, o Mamul, o charutinho de uva e o Mujedere. Aqui, mais uma semelhança com o avô. Joakim come de tudo, mas não exagera. Jamais desperdiça.

Mal sabe que o desperdício era proibido para o seu Dedé quando tinha a mesma idade. Como já descrito, Takuhi, a bisavó de Joakim, não permitia que nenhum alimento fosse jogado fora naqueles dias difíceis – nem por isso menos saudosos - para os armênios em Istambul.

Outra característica semelhante ao avô é o gosto pela rua, pela liberdade. Não definiu ainda uma profissão, mas já sabe que não quer passar a vida entre as paredes de um escritório. Talvez esteja aí um pouco do sangue vendedor de família.

Entre as suas lembranças mais remotas, está um amigo secreto de Natal, quando Dedé - que tirou o neto no sorteio - o descreveu como seu companheiro de xadrez. Ele conta a passagem com o rosto cheio de orgulho.

Joakim se dá muito bem com os primos. Adora brincar com Ricardo e tem uma relação especial com Aline.

“Mesmo sendo mais velhos, eles brincam bastante comigo”, reconhece.

O último neto, esse espelho tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante do menino Ara das ruas de Istambul é o melhor elo entre o passado e o futuro de uma família que ainda promete construir grandes histórias.

FIM

Contra Capa